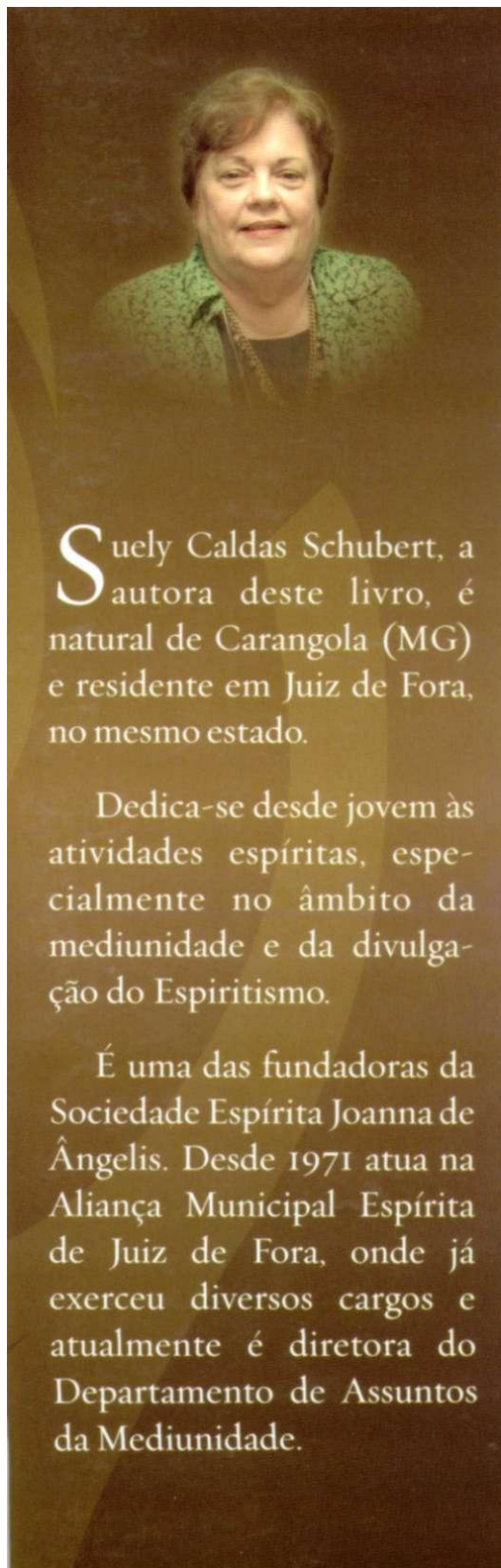


SUELY CALDAS SCHUBERT

DIMENSÕES
ESPIRITUAIS
do
CENTRO
ESPÍRITA







Suely Caldas Schubert, a autora deste livro, é natural de Carangola (MG) e residente em Juiz de Fora, no mesmo estado.

Dedica-se desde jovem às atividades espíritas, especialmente no âmbito da mediunidade e da divulgação do Espiritismo.

É uma das fundadoras da Sociedade Espírita Joanna de Ângelis. Desde 1971 atua na Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora, onde já exerceu diversos cargos e atualmente é diretora do Departamento de Assuntos da Mediunidade.

Como escritora, teve, além deste livro, três outros lançados pela editora FEB: *Obsessão / Desobsessão: Profilaxia e terapêutica espírita*, em 1981; *Testemunhos de Chico Xavier*, em 1986 e *Entrevistando Allan Kardec*, em 2004.

É, também, consagrada expositora, tendo realizado palestras e participado de seminários, no Brasil e no exterior.

SUELY CALDAS SCHUBERT

DIMENSÕES
ESPIRITUAIS
do
CENTRO
ESPÍRITA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

ISBN 978-85-7328-504-8

B.N. 413.538

2ª edição - 5ª Reimpressão - Do 17,5º ao 78,5º milheiro

000.2-O; 5/2012

Capa: AGADYR TORRES PEREIRA

Projeto gráfico: SARAI AYRES TORRES

Copyright 2006 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
(Casa-Máter do Espiritismo)
Av. L-2 Norte - Q. 603 - Conjunto F (SGAN)
70830-030 - Brasília (DF) - Brasil

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para a Federação Espírita Brasileira (FEB). Proibida a reprodução parcial ou total da mesma, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, Internet, CD-ROM, sem a prévia e expressa autorização da Editora, nos termos da lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.

Composição e editoração:
Departamento Editorial - Rua Sousa Valente, 17
20941-040 - Rio de Janeiro (RJ) - Brasil
CNPJ nº 33.644.857/0002-84 I.E. nº 81.600.503

Pedidos de livros à FEB - Departamento Editorial
Tel.: (21) 2187-8282, FAX: (21) 2187-8298.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S414d
2.ed.

Schubert, Suely Caldas, 1938-
Dimensões espirituais do Centro Espírita / Suely Caldas Schubert. -
2. ed. - 5ª reimpressão - Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2012
320p.; 21cm
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7328-504-8

1. Espiritismo - Sociedades etc. - Administração. 2. Espiritismo.
I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

07-3998 CDD 133.906
CDU 133.9:061.234

19.10.07 22.10.07

004002

Sumário

<i>Dimensões espirituais do Centro Espírita . .</i>	9
<i>Gratidão.</i>	13
<i>Importância do Centro Espírita.</i>	15
<i>Prefácio.</i>	19
<i>Apresentação.</i>	21
<i>Introdução.</i>	25
1 Alicerces espirituais	27
2 A direção espiritual	33
A escolha do Mentor.	34
3 Recursos magnéticos de defesa	39
4 A reunião pública	41
Agressões e assédios negativos.	47
O caso Petitinga	48
5 No trabalho de passes	53
Passe: um ato de amor.	58
6 A reunião mediúnica	61
O Grupo Meimei	63
A comunicação de Bittencourt Sampaio . .	68
Cristo está no leme.	71
A sala da reunião mediúnica deve ser mantida isolada?.	73

O ambiente espiritual da reunião mediúnica	76
7 A equipe espiritual	79
Os arquitetos espirituais.	85
O resgate de obsessores: Gregorio	88
O doloroso resgate de Joaquim	95
8 O psicoscópio	107
A aura, vista através da fotografia Kirlian	111
9 A equipe mediúnica	117
O grupo de Raul Silva	118
10 Enfermagem espiritual libertadora	125
11 O dirigente	133
Atuação de Raul Silva	134
Graduação da voltagem	135
Duas comunicações raras.	136
12 Psicofonia consciente	143
O controle mediúnico.	146
Passividade seletiva	148
13 A doutrinação: recursos espirituais	151
O condensador ectoplásmico	153
14 Psicofonia inconsciente	161
Sonâmbulo e sonâmbulo-médium.	161
15 Possessão.	175
Transtorno dissociativo de identidade	176
Epilepsia	179
Diferença entre epilepsia e manifestação mediúnica	181
Desenvolver a mediunidade.	185

16 Desdobramento em serviço mediúnico .	191
A visão de Eurípedes.	194
Vestes dos Espíritos.	199
17 Animismo.	203
Autêntico animismo.	208
Obsidiado ou auto-obsidiado.	210
O "estilo" de Chico Xavier.	214
18 Mandato mediúnico.	217
Cenas de um crime.	219
O receituário mediúnico.	223
19 Correspondências do Além	233
O "outro lado" do trabalho mediúnico de Chico Xavier.	242
Em cruzada contra os tóxicos.	250
20 Reuniões mediúnicas	
para os Espíritos suicidas.	255
O suicida do trem	258
21 Estratégias dos planos inferiores.	273
A serviço do caos.	274
Um desfecho feliz	284
22 Os Benfeitores espirituais.	289
Os amigos espirituais.	292
23 Considerações finais.	297
Desafios para o Centro Espírita no Terceiro Milênio.	299
 <i>Referências bibliográficas.</i>	 305
<i>Notas.</i>	311

Dimensões espirituais do Centro Espírita

Logo após a publicação de *O Livro dos Espíritos*, no dia 18 de abril de 1857, em Paris, o ínclito Codificador Allan Kardec fez questão de dar prosseguimento à divulgação da Doutrina, iniciando, a 1ª de janeiro de 1858, a publicação da *Revista Espírita*, através da qual poderia discutir, apresentar as informações doutrinárias, elucidar os temas básicos e ampliar o campo de disseminação da *Terceira Revelação*.

Imediatamente compreendeu a necessidade de criar um Núcleo, no qual fosse possível a continuidade dos estudos, a análise das comunicações espirituais, a educação das faculdades mediúnicas, a prática da caridade, a convivência saudável entre os dois planos da vida: o material e o espiritual.

Desse modo, fundou, no dia 1ª de abril do referido ano de 1858, a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, em cujo Regulamento, no primeiro Artigo declara enfaticamente: *A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifes-*

tações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas.

Estava inaugurado o primeiro Centro Espírita do mundo, a célula abençoada que iria multiplicar-se em favor da construção da futura sociedade terrestre mais feliz.

Provavelmente ele foi inspirado nas primeiras igrejas do Cristianismo primitivo, onde os discípulos do Incomparável Mestre se reuniam para reflexionar em torno das lições de vida do seu Evangelho, facultando o intercâmbio espiritual com o Mundo Maior, a fim de serem dirimidas as dúvidas, aprofundadas as informações, renovadas as forças, encorajadas as energias para o prosseguimento das lutas libertadoras.

O Centro Espírita, portanto, na atualidade, repetindo as experiências daquela época, tem por finalidade o estudo e a prática da Doutrina dos Imortais, onde se iluminam os Espíritos, aprendendo, na convivência fraternal, a experiência da *solidariedade*, do *trabalho* e da *tolerância*, a fim de poderem avançar no rumo da plenitude.

Não se trata somente de uma construção física, adequada às necessidades de natureza educativa, mas, sobretudo, de uma edificação espiritual, cujas bases devem estar fincadas na *rocha* da Espiritualidade, de onde nascem as legítimas realizações para o engrandecimento moral das criaturas humanas.

Resultado das vibrações harmônicas dos seus idealizadores e membros dedicados, constitui-se num santuário de bênçãos, por cujo intercâmbio vibratório os desencarnados e os encarnados convivem em clima da mais santa fraternidade.

Oficina de trabalho edificante, é também hospital para as almas aturdidadas e enfermas, que necessitam de libertar-se das *más inclinações*, dos vícios e morbosidades, adquirindo a saúde ideal.

É, da mesma forma, escola de educação integral, por facultar a aprendizagem das Leis da Vida, insculpendo-as no íntimo, de maneira que sejam renovadas as atitudes e os comportamentos em benefício próprio e do próximo, no rumo do Pai Amantíssimo.

Igualmente é o lar que propicia a legítima fraternidade, no qual se limam as arestas dos desentendimentos e se trabalham os sentimentos de união e de unificação, objetivando o serviço de libertação de consciências e a conquista da paz.

O Centro Espírita, desse modo, desempenha um papel de grande relevância nas atividades do Movimento Espírita, contribuindo valiosamente para a constituição de uma sociedade nobre e digna, à luz do Evangelho de Jesus restaurado pela Codificação Kardequiana.

Preservá-lo imune às paixões de seita, às dominações políticas, às arbitrariedades de qualquer na-

tureza, aos modismos e inovações muito agradáveis aos insensatos, é dever de todo espírita dedicado, que reconhece o compromisso que mantém com a Doutrina libertadora.

É por estas e muitas outras razões que saudamos, neste livro oportuno, escrito pela nossa querida irmã Suely Caldas Schubert, a excelente proposta apresentada, que vem contribuir decisivamente para uma análise profunda e atualizada em torno das *dimensões espirituais do Centro Espírita*.

Acreditando que o espiritista, sinceramente interessado na divulgação da Doutrina e na multiplicação dos Centros Espíritas, nesta obra encontrará os subsídios e diretrizes de alta significação para o êxito do empreendimento, rogamos a Jesus que nos abençoe e nos guarde na sua paz, a serviço da sua seara.

Salvador, 6 de fevereiro de 2006.

BEZERRA DE MENEZES

(Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador - BA.)

Gratidão

Sou grata aos queridos amigos, com os quais compartilho as reuniões de estudo e as mediúnicas, em Juiz de Fora (MG), particularmente da Sociedade Espírita Joanna de Angelis e da Casa Espírita, que, uma vez mais, envolveram-me em vibrações de carinho e afeto, permitindo-me superar as dificuldades do ano de 2005.

Às queridas amigas Vânia Maria Souza e Lucinha Silveira, de Cascavel (PR) e Marisa Mesquita, de Vitória (ES), pela amizade e atenção, a minha gratidão.

Especial gratidão à querida amiga Akemi Adams (Los Angeles - CA), uma das dedicadas trabalhadoras do Movimento Espírita no exterior, na pessoa da qual homenageio todos os companheiros que, nos mais longínquos rincões do mundo, semeiam as diretrizes luminosas do Consolador prometido por Jesus.

Agradeço ao amigo José Maria de Medeiros Souza, que me incentivou a abordar o tema desse livro.

Minha gratidão à amiga Consolação Muanis, por sua contribuição sempre valiosa, sugerindo idéias, e pela revisão geral da obra.

Aos queridos amigos Divaldo P. Franco e J. Raul Teixeira, pelo carinho e apoio de sempre, o meu reconhecimento e afeto.

Aos amorosos Benfeitores espirituais, que desveladamente nos assistem e envolvem com bondade, o preito da minha gratidão e amor.

Em cada página deste livro há um pouco do amor que tenho recebido dos companheiros de Ideal Espírita, ao qual retribuo com especial gratidão. Eu os encontro, por toda parte, em nosso Movimento Espírita, no Brasil e no exterior e sinto que estamos unidos, exercitando o Amor, conforme ensina Jesus: *"Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos se vos amardes uns aos outros"*. (Jo, 13:35.)

Importância do Centro Espírita

No opúsculo *Orientação ao Centro Espírita* (3ª ed., FEB, 1988), entre as considerações apresentadas, inicialmente, destacamos:

3) que os Centros e demais entidades espíritas (...), como escolas de formação espiritual e moral que devem ser, desempenham papel relevante na divulgação do Espiritismo e no atendimento a todos os que nele buscam orientação e amparo;

4) que, para bem atender às suas finalidades, o Centro Espírita deve ser núcleo de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, com base no Evangelho de Jesus, à luz da Doutrina Espírita; (...)

6) que o Centro Espírita deve proporcionar aos seus frequentadores oportunidade de exercitar o seu aprimoramento íntimo pela vivência do Evangelho em seus trabalhos, tais como os de estudo, de orientação, de assistência espiritual e de assistência social; (...)

8) que o Centro Espírita, como recanto de paz construtiva que deve ser, precisa manter-se num clima de ordem, de res-

peito mútuo, de harmonia, de fraternidade e de trabalho, minimizando divergências e procurando superar o personalismo individual ou de grupo, a bem do trabalho doutrinário, propiciando a união de seus freqüentadores na vivência da recomendação de Jesus: *Amai-vos uns aos outros*.

(OCE, A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades.)

Divaldo Pereira Franco, respondendo às perguntas da Diretoria Executiva da USE, no ano de 1981, acerca do papel do Centro Espírita, afirma ser este de grande importância e acrescenta:

O Centro espírita é a célula-mater da nova sociedade, porque nele se reúnem as almas que trabalham pelo progresso geral, transformando-se numa escola, porque esta é uma das suas funções precípuas. Uma Escola, porém, naquela abrangência muito bem definida pela Pedagogia moderna, que não apenas instrui, mas também educa, criando hábitos consentâneos com as próprias diretrizes da Codificação.

O Centro Espírita realizará o mister de transformar-se na célula viva da comunidade onde se encontra, criando uma mentalidade fraternal e espiritual das mais relevantes, porque será escola e santuário, hospital e lar, onde as almas encarnadas e desencarnadas encontrarão diretrizes para uma vida feliz e, ao mesmo tempo, o alimento para sobreviver aos choques do mundo exterior. (...)

O Centro Espírita, em consequência disto, é o local onde se caldeiam os interesses, onde se desenvolvem as atividades, onde se realizam os misteres do intercâmbio, onde se produzem os centros de interesses, a fim de que as motivações

permaneçam sempre atuantes, facultando ao indivíduo trabalhar sem enfado, sem cansaço, e crescer, mudando de metas, sempre para cima e para melhor. (In *Diálogo com dirigentes e trabalhadores espíritas*, 2ª ed., São Paulo: USE, 1993.)

Ensina Bezerra de Menezes:

As vibrações disseminadas pelos ambientes de um Centro Espírita, pelos cuidados dos seus tutelares invisíveis; os fluidos úteis, necessários aos variados quão delicados trabalhos que ali se devem processar, desde a cura de enfermos até a conversão de entidades desencarnadas sofredoras e até mesmo a oratória inspirada pelos instrutores espirituais, são elementos essenciais, mesmo indispensáveis a certa série de exposições movidas pelos obreiros da Imortalidade a serviço da Terceira Revelação. Essas vibrações, esses fluidos especializados, muito sutis e sensíveis, hão de conservar-se imaculados, portando, intactas, as virtudes que lhe são naturais e indispensáveis ao desenrolar dos trabalhos, porque, assim não sendo, se mesclarão de impurezas prejudiciais aos mesmos trabalhos, por anularem as suas profundas possibilidades. Daí porque a Espiritualidade esclarecida recomenda, aos adeptos da Grande Doutrina, o máximo respeito nas assembléias espíritas, onde jamais deverão penetrar a frivolidade e a inconsequência, a maledicência e a intriga, o mercantilismo e o mundanismo, o ruído e as atitudes menos graves, visto que estas são manifestações inferiores do caráter e da inconsequência humana, cujo magnetismo, para tais assembléias e, portanto, para a agremiação que tais coisas permite, atrairá bandos de entidades hostis e malfeitoras do invisível, que virão a influir nos trabalhos posteriores, a tal ponto que poderão adulterá-los ou

impossibilitá-los, uma vez que tais ambientes se tornarão incompatíveis com a Espiritualidade iluminada e benfazeja.

Um Centro Espírita onde as vibrações dos seus frequentadores, encarnados ou desencarnados, irradiem de mentes respeitadas, de corações fervorosos, de aspirações elevadas; onde a palavra emitida jamais se desloque para futilidades e deprecições; onde, em vez do gargalhar divertido, se pratique a prece; em vez do estrépito de aclamações e louvores indébitos, se emitam forças telepáticas à procura de inspirações felizes; e ainda onde, em vez de cerimônias ou passatempos mundanos, cogite o adepto da comunhão mental com os seus mortos amados ou os seus guias espirituais; um Centro assim, fiel observador dos dispositivos recomendados de início pelos organizadores da filosofia espírita, será detentor da confiança da Espiritualidade esclarecida, a qual o elevará à dependência de organizações modelares do Espaço, realizando-se então, em seus recintos, sublimes empreendimentos, que honrarão os seus dirigentes dos dois planos da Vida. Somente esses, portanto, serão registrados no além-túmulo como casas beneficentes, ou templos do Amor e da Fraternidade, abalizados para as melindrosas experiências espíritas, porque os demais, ou seja, aqueles que se desviam para normas ou práticas extravagantes ou inapropriadas, serão, no Espaço, considerados meros clubes onde se aglomeram aprendizes do Espiritismo em horas de lazer. (In *Dramas da obsessão*, Yvonne Pereira. Pelo Espírito Bezerra de Menezes. Rio de Janeiro: FEB, Terceira parte, "Conclusão", item III.)

Prefácio

A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e tudo querem explicar a seu modo, dará nascimento a opiniões dissidentes. Mas, todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão num só sentimento: o do amor ao bem e se unirão por um laço fraterno, que prenderá o mundo inteiro. Estes deixarão de lado as miseráveis questões de palavras, para só se ocuparem com o que é essencial. E a Doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem comunicações de Espíritos superiores.

"Prolegómenos"

*O Espírito de Verdade
e demais Espíritos Superiores*

(KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, 52ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981.)

Ao ensejo das comemorações, no dia 18 de abril de 2007, dos 150 anos da amada Doutrina Espírita, fonte inestancável de luz e bênçãos em minha vida, expresso com esta obra a minha profunda gratidão e devotamento ao Espírito de Verdade, a Allan Kardec e aos integrantes da plêiade de Espíritos Superiores, que consubstanciaram no plano terreno o advento do Consolador prometido por Jesus.

SUELY CALDAS SCHUBERT

Apresentação

O Centro Espírita

Templo, lar, hospital, oficina, escola - O Centro Espírita reúne tudo isso, sendo essencialmente o ponto de encontro de almas que anelam por respostas, que buscam a paz e que despertaram para a necessidade de se renovarem interiormente, sob as luzes do Consolador prometido por Jesus.

Almas cansadas, desiludidas, sofridas; almas sem rumo, perdidas em si mesmas, em busca da própria espiritualidade. Em certo momento de suas vidas percebem que são imortais, que são Espíritos, provisoriamente revestidos de um corpo físico e que a vida no plano terreno é impermanente, tem a brevidade de uma viagem, curta e rápida, na trajetória evolutiva que a todos compete empreender.

A realidade da importância do Centro Espírita aos poucos se evidencia, conferindo aos que o dirigem e sustentam a noção mais precisa da responsabilidade assumida.

No cerne dessa conscientização sobressai o compromisso dos dirigentes de serem as "vozes", no plano terreno, dos Benfeitores da Vida Maior - estes que, numa visão mais profunda e avançada, são, em verdade, aqueles que dirigem, orientam, sustentam e inspiram os tarefeiros encarnados.

Almejamos, ao escrever este livro, proporcionar, aos trabalhadores espíritas, a imprescindível conscientização da importância de que se reveste o Centro Espírita.

Se a tarefa prioritária que nós, espíritas, devemos atender é a da difusão da Doutrina Espírita; se é essa a maior caridade que podemos exercer em relação a ela, conforme ensina Emmanuel, é essencial entender que a divulgação das diretrizes doutrinárias necessita levar, em consentâneo, a vivência daqueles que as propagam. Somente assim, os valiosos princípios da Terceira Revelação terão o cunho da autenticidade, alcançando os corações que deles tenham ciência, com a força vibratória de quem vive o que prega.

Portanto, é no âmbito do Centro Espírita que exercitamos o amor, em suas várias gradações, que aprendemos a perdoar, que treinamos a paciência e a tolerância, aprendendo, em simultâneo, a ter respeito e disciplina no trato com as coisas espirituais.

Na ambiência da Casa Espírita, no relacionamento com os companheiros, descobrimos gradualmente o "segredo" de conviver com as diferenças aplicando os ensinamentos do Cristo à luz do Espiritismo, atendendo assim à conclamação do Espírito de Verdade, conforme registra *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VI, item 5: "Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo".

Nossa proposta é a de realizarmos uma reflexão mais profunda acerca da presença e intensa atividade dos benfeitores espirituais, a fim de que o Centro Espírita seja a "casa edificada sobre a rocha", prosseguindo em direção ao futuro, cumprindo as suas elevadas finalidades.

Ao ressaltar o labor edificante promovido pelos mentores, não deixamos de considerar aquele que é efetuado pelos encarnados, ao conduzirem a Casa com seriedade e fundamentada nas diretrizes luminosas da Codificação Kardequiana. Assim, as duas equipes, a dos encarnados e a dos desencarnados, trabalharão em perfeita consonância formando, em última análise, uma única equipe, irmanados todos pelo mesmo ideal.

Enfocamos nessas páginas uma pequena parte da atuação da Espiritualidade Maior. Entretanto, nosso olhar se detém apenas nas atividades adstri-
tas ao Centro Espírita, na sua contraparte espiri-

tual. Portanto, não citamos os trabalhos realizados fora do nosso tema central e que são relatados, principalmente, por André Luiz e Manoel Philomeno de Miranda.

Rogamos ao Senhor da Vida, nos conceda prosseguir na seara do Consolador, mantendo, acima de tudo, a recomendação do Espírito de Verdade:

Estudai, comparai, aprofundai. Incessantemente vos dizemos que o conhecimento da verdade só a esse preço se obtém. (...)

Oh! homens! como é curta a vossa vista, para apreciar os desígnios de Deus! Sabei que nada se faz sem a sua permissão e sem um fim que as mais das vezes não podeis penetrar. Tenho-vos dito que a unidade se fará na crença espírita; ficai certos de que assim será; que as dissidências, já menos profundas, se apagarão pouco a pouco, à medida que os homens se esclarecerem e que acabarão por desaparecer completamente. Essa a vontade de Deus, contra a qual não pode prevalecer o erro. (KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, cap. XXVII, "Das contradições e das mistificações", item 301, 9ª resposta.)

Juiz de Fora (MG), verão de 2006.

SUELY CALDAS SCHUBERT

Introdução

Costumamos freqüentar o Centro Espírita durante anos sem atentarmos para aspectos mais profundos da sua importância, pois o vemos apenas como o local onde vamos buscar ajuda, consolo, amparo e esclarecimento e onde se tem um bom ambiente espiritual, apropriado para as reuniões espíritas. Não nos damos conta de toda a complexa estrutura espiritual que mantém uma sede de atividades espíritas, no âmbito dos encarnados, para que ela possa atuar nos dois planos da vida.

Entretanto, há alguns anos, estamos sendo conscientizados, principalmente através de mensagens dos instrutores espirituais, do que é, na realidade, o Centro Espírita e a premente necessidade que temos de adequá-lo e preservá-lo de acordo com as diretrizes da Codificação, bem como dos cuidados com que a Espiritualidade Maior cerca e dispensa, ao longo do tempo, aos núcleos espíritas que estão incluídos entre os que são merecedores dessas providências, pelo trabalho sério, nobre e edificante que realizam.

Iremos enfocar aqui alguns desses planejamentos do plano extrafísico e como são efetuados na prática pelos benfeitores espirituais no transcurso das atividades do Centro Espírita, e também faremos uma reflexão em torno da participação dos encarnados, enquanto tarefeiros da seara espírita.

Utilizamos, para tanto, da rica literatura espírita, especialmente a mediúnica, para assinalarmos e enfatizarmos a importância e a necessidade do conhecimento de como se processam as atividades espirituais no âmbito das que são realizadas pelos encarnados no dia-a-dia do Centro Espírita, visto que, ao descortiná-las, compreendemos mais profundamente as nossas responsabilidades. O labor da Espiritualidade Maior é de tal magnitude que é imprescindível uma reflexão a respeito dessa atuação.

Inicialmente apresentamos a abordagem do Espírito Manoel Philomeno de Miranda, que relata no capítulo 21, do livro *Tramas do destino*,¹ como são os planejamentos espirituais de um Centro Espírita, inclusive relatando os compromissos assumidos pela equipe espiritual que trabalharia diretamente com os encarnados, junto àquele que seria o seu patrono, no caso o Espírito Francisco Xavier, que foi abnegado trabalhador do Cristianismo no século XVI.

Em seqüência, nos demais capítulos, enfocamos algumas das atividades mantidas pelas Casas Espíritas, na palavra de diversos autores espirituais, que relatam as providências e todo o labor dos Espíritos benfeitores e suas equipes do plano espiritual.

1

Alicerces espirituais

 Centro Espírita é muito mais do que a casa física que lhe serve de sede. Transcende às paredes, aos muros que o circundam e ao teto que o cobre. Em verdade, o Centro Espírita é um complexo espiritual em que se labora nos dois planos da vida, o físico e o extrafísico, e com as duas humanidades, a dos encarnados e a dos espíritos desencarnados.

Em razão disso, as providências e cuidados da Espiritualidade Maior são imensos quanto ao planejamento e à organização de uma instituição espírita.

Já há muito sabemos que as planificações espirituais antecedem as dos encarnados, por isso se diz, comumente, quando se pensa e projeta uma obra espírita, que esta já estava edificada na espiritualidade. O que é real e verdadeiro.

Os alicerces espirituais, portanto, são "levantados" bem antes, servindo de modelo para a obra que se pretende edificar no plano terreno.

A exemplo disso, elucida Manoel Philomeno de Miranda em seu notável livro *Tormentos da obsessão*,² que Eurípedes Barsanulfo quando fundou o Colégio Allan Kardec, em Sacramento (MG), o fez inspirado pelo modelo original existente no plano espiritual, que ele próprio edificara antes da sua reencarnação (1880-1918) ocorrida na, então, pequena cidade mineira.

Antes de passarmos a palavra a Miranda para que nos informe a respeito, cumpre-nos explicar em que situação isso se deu.

Miranda, no livro citado, relata a sua visita ao Hospital Esperança - localizado no plano espiritual -, também fundado por Eurípedes, o grande apóstolo sacramentano, tendo o ensejo de acompanhar diversos casos de atendimento a Espíritos em sofrimento, especialmente a alguns que, na última encarnação, embora tivessem abraçado a Doutrina Espírita, desertaram de seus compromissos, enveredando por caminhos escusos. Nas páginas finais, ele discorre sobre o encontro que teve com o fundador do mencionado hospital. Vejamos como o autor espiritual relata esse momento, quando foi conduzido pelo Dr. Ignacio Ferreira e o amigo Alberto:

Somente então dei-me conta de que o missionário sacramentano residia em área próxima ao Hospital, e não em alguma das suas dependências. Desde quando desencarnara, que se empenhara em dar prosseguimento à edificação de uma comunidade dedicada ao amor e ao estudo da Verdade,

que houvera iniciado antes do mergulho no corpo, conseguindo, ao largo dos anos, receber nas diversas edificações familiares e amigos mais recentes, tanto quanto de épocas recuadas, a fim de prosseguirem juntos no ministério iluminativo, assim iniciando a fraternidade mais ampla entre eles, pródromo daquela que será universal. (...)

As residências encontravam-se bem distribuídas com expressivas dimensões e jardins que as uniam, tanto quanto largos espaços para encontros e convivência em grupos. Noutra área, destacava-se um amplo edifício escolar, no qual se encontrava um dístico expressivo enunciando tratar-se do Educandário Allan Kardec. (...)

Dr. Ignácio, percebendo-me o espanto e sorrindo jovialmente, informou-me:

- Esse Instituto foi o modelo no qual Eurípedes se inspirou para erguer o seu equivalente em Sacramento no começo do século XX. Aqui, em momentosos deslocamentos espirituais, ele vinha abastecer-se de energias e conhecimentos mediante desdobramento parcial pelo sono físico, para desenvolver novos padrões pedagógicos à luz do Espiritismo, vivendo grandioso pioneirismo em educação. Diversos daqueles seus alunos de então, ora aqui se encontram, trabalhando na divulgação da metodologia do ensino moderno, ampliando a visão da liberdade com responsabilidade nas grades pedagógicas. A obra do Bem não é realizada de improviso, nem surge concluída de um para outro momento. Exige esforço, perseverança e dedicação.

Importa ter em mente que o Centro Espírita não é a casa onde ele se abriga, mas, sim, o labor que ali

se desenvolve, o ambiente que se cultiva e preserva, a organização intemporal que o orienta e assessora, os objetivos e finalidades que o norteiam, o ideal e o sentimento com que o conduzem. Por isso prescinde a obra espírita do luxo e do supérfluo para atender à simplicidade e ao conforto que a tornem acolhedora.

As suas bases, os seus alicerces espirituais assim argamassados farão com que a obra se erga firme na Terra e permaneça de pé vencendo as tormentas e vicissitudes humanas. É "a casa edificada sobre a rocha", de que nos fala Jesus, capaz de resistir através dos tempos. Mas que só se materializará se a equipe encarnada colocar dia a dia os tijolos do amor e o cimento da perseverança; se os labores ali efetuados levarem o sinete da caridade e do desinteresse pessoal, transformando-se assim em templo e lar, hospital e escola.

Manoel Philomeno de Miranda afirma:

Diferença psíquica significativa tem que apresentar a Casa Espírita em relação a outros recintos de qualquer natureza, atestando, dessa forma, as qualidades dos seus trabalhadores espirituais e o tipo de finalidade a que se destina...³

Reafirmamos: para isto não há necessidade de que a obra seja luxuosa ou grandiosa, ela poderá ser uma casinha simples, despojada, de acordo com a realidade local, e ter uma atmosfera espiritual resplandecente, resultante do trabalho que ali se reali-

za, pois no dizer de Leon Denis "no mais miserável tugúrio há frestas para Deus e para o Infinito".⁴

Lins de Vasconcellos assim se pronuncia, em mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, em 8/5/1972:

Já nos encontramos no albor da Era Nova e logo mais sere-
mos convocados, todos nós, cada um a seu turno e cada qual
na sua função, para tomarmos parte decisiva e inadiável
neste grande programa que o Senhor vem traçando desde
há muito e que agora chega, no instante azado, para as reais
transformações preditas pelas "Vozes" e que todos nós já
temos a felicidade de sentir, engajados no veículo dessas
realizações, como nos encontramos.

Não há sido por outra forma que o Senhor programou as
nossas atividades muito antes do berço e nos deu os planos
das realizações espiritistas, antes que pudéssemos entender
as legitimidades do Espírito, para que a nossa, como outras
Casas de realização da ética espírita-cristã, pudesse des-
fraldar a bandeira da solidariedade e firmar, nos alicerces
da crença, os postulados sociológicos e morais da Nova
Humanidade.

Toda a nossa realização, que antes estava vinculada à cons-
trução do edifício, da casa, do patrimônio de sustentação
material dos nossos ideais, paulatinamente se transformou
na Casa do Ideal que estamos edificando dentro das paredes
transitórias onde nos abrigamos.

Do nosso labor, demorado e sacrificial, sairão as expressões
mais elevadas da nova mentalidade com que sonhávamos e
que agora se transforma na humanidade que acompa-
nhamos. (...)

Hoje, Jesus nos confere a honra de colocar dentro das construções que as forças materiais nos deram a flama viva do Ideal que não pode perecer e que deve conduzir os destinos do homem novo, como novo homem, na direção daquele porvir que já chegou e passa no veículo da realidade ligeira diante dos nossos olhos.⁵

A direção espiritual

Os planos iniciais para a fundação de um Centro Espírita ocorrem na Espiritualidade com antecedência de muitos anos, quando a equipe espiritual assume a responsabilidade de orientar e assessorar as futuras atividades que ali serão desenvolvidas. Isto é feito em sintonia com aqueles que irão reencarnar com tais programações. Para se chegar a estabelecer esses compromissos são estudadas as fichas cármicas daqueles que estarão à frente da obra no plano material, convites são feitos, planos são delineados e projetados para o futuro.

Não podemos nos esquecer de que aqueles que se reúnem para um labor dessa ordem não o fazem por casualidade. Existem planificações na Espiritualidade que antecedem, portanto, a reencarnação dos que irão laborar no plano físico.

O projeto visa essencialmente a atender aos encarnados, pois através desse labor são concedidos:

oportunidade de crescimento espiritual; ensejos de resgate e redenção; reencontros de almas afins, de companheiros do passado ou, quem sabe, desafetos no caminho da tolerância e do perdão que a diretriz clarificadora do Espiritismo e a atmosfera balsâmica do Centro propiciarão. Para que isto seja alcançado, a Casa Espírita apresenta um leque de opções variadas de aprendizado e trabalho, onde se favorece a transformação moral, que deve ser o apanágio do verdadeiro espírita, através do exercício da caridade legítima a encarnados e desencarnados, da tolerância e da fraternidade no convívio com os companheiros - o que, em última análise, é a vivência espírita, que traz nos seus fundamentos a mensagem legada por Jesus.

A escolha do Mentor

A escolha do Mentor que dará nome à Casa reflete uma afinidade espontânea entre o grupo que projeta a fundação com determinado Espírito. Este é sempre um vulto que se destacou na sua vivência terrena pelos seus feitos e testemunhos, por sua abnegação em favor do próximo deixando, ao retornar ao plano espiritual, exemplar folha de serviços dedicados à causa espírita ou a uma causa nobre, ao Bem, ao Amor. Essa lembrança é uma forma de homenagear o Benfeitor espiritual, entretanto, muito

mais que isso, expressa um compromisso já há muito existente e que se está "selando" com essa escolha. Uma outra situação existe, todavia, em que na denominação do Centro Espírita não surge o nome de um Espírito, mas sim outra designação, como por exemplo: Centro Espírita "A Caminho da Luz", Grupo Espírita "Paz, Amor e Caridade" etc, etc. Isto não significa que não haja um patrocínio espiritual para esses núcleos, pois já sabemos que a fundação de uma Casa Espírita não é obra do acaso, portanto, sempre a Espiritualidade Maior se fará presente através de Entidades Espirituais que se vinculam, por afinidade, às instituições sérias, que têm como objetivo a divulgação do Espiritismo e a prática da caridade.

Ainda citando Manoel Philomeno de Miranda, na obra sob nosso enfoque,⁶ é oportuno assinalar que o Benfeitor espiritual Francisco Xavier, consultado pelo Espírito Natércio quanto a possibilidade de seu patrocínio espiritual para a Casa que se pretendia erguer, ao aceitar o compromisso estabeleceu diversas condições, que seriam as linhas mestras a ser seguidas, dentre as quais destacamos:

- de ali se primar pela preservação do Evangelho em suas linhas puras e simples, num clima de austeridades morais e disciplinados serviços iluminativos, com os resultantes dispositivos para a caridade nas suas múltiplas expressões, tendo-se,

porém, em vista, que os socorros materiais seriam decorrência natural do serviço espiritual, prioritário, imediato, e não os preferenciais...

Não deveriam esquecer-se de que a maior carência ainda é a do pão de luz da consolação moral, que o Livro da Vida propicia fartamente...

(...) que os deveres primeiros e mais urgentes, [são] os da alma, (...)

Evangelizar, instruir, (...) guiar, são tarefas urgentes (...) na reconstrução do Cristianismo.

Os compromissos materiais de assistência social, na sua dinâmica de crescimento incessante, podem dificultar a livre ação moral de muitos trabalhadores honestos, que se vêem obrigados a fazer concessões doutrinárias e morais, a fim de não perderem ajudas, valores, bens transitórios que produzem rendas e facultam socorros...

(...) a caridade material merece (...) [o] esforço de todos nós. (...) Mas a caridade moral, de profundidade, a tarefa do socorro espiritual, não contabilizada, nem difundida é urgentíssima.

O tempo encolhe e a pressa lhe toma o lugar, não havendo, já, em muitas Entidades, lugar nem tempo para Jesus ou para os obsidiados, os ignorantes do espírito (...) tais as preocupações, os compromissos sociais, as campanhas e movimentos pela aquisição argentaria...

Sem qualquer restrição à prática da caridade material, inadiável e sempre presente (...) a excelente caridade moral, a luminosa caridade espiritual (...) constituem-se em imperativo primordial e insubstituível.

O abnegado Francisco Xavier solicitava, no exercício da caridade, preferência pelos enfermos do espírito - que somos quase todas as criaturas pululando na Terra e nos seus círculos mais próximos -, particularmente os obsidiados, em cujo ministério se deveriam cuidar com acendrado carinho dos perseguidores desencarnados, aos quais se ministrariam assistência consoladora capaz de os desvenilhar do mal que trouxessem em si mesmos, para fruírem da libertação que a palavra de vida eterna propicia.

Essas instruções foram transmitidas por Natércio aos fundadores através da médium Epifânia, cuja mediunidade "estaria a serviço do esclarecimento aos sofredores de ambos os planos da vida. Suas forças morais e sua vitalidade espiritual seriam canalizadas para a desobsessão, a pregação, a mensagem psicografada, com vistas à iluminação das criaturas".

3

Recursos magnéticos de defesa

Vejamos como Manoel Philomeno de Miranda explica quais as providências adotadas com relação à fundação do Centro Espírita Francisco Xavier:

(...) antes mesmo que se definissem os planos da edificação material da Casa, foram tomadas medidas no que dizia respeito aos contingentes magnéticos no local e outras providências especiais.

Ergueu-se, posteriormente, o Núcleo, em cuja construção se observaram os cuidados de zelar pela aeração, conforto sem excesso, preservando-se a simplicidade e a total ausência de objetos e enfeites que não os mínimos indispensáveis móveis e utensílios para o seu funcionamento...

Todavia, nos respectivos departamentos reservados à câmara de passes, recinto mediúnico e sala de exposições doutrinárias, foram providenciadas aparelhagens complexas e com finalidades específicas, para cada mister apropriadas, no plano espiritual.⁷

Por outro lado, foram requisitados Espíritos especializados em impregnação magnética do ambiente visando à criação de uma psicosfera salutar e, posteriormente, alguns obreiros foram designados para cuidarem permanentemente da sua preservação e renovação. Simultaneamente, foram instalados recursos vibratórios de defesas em derredor da Casa, a fim de resguardá-la e aos seus freqüentadores "das nocivas investidas das hordas de salteadores e vagabundos desencarnados, como, também, para se fazer a triagem dos que, do *lado de cá*, poderiam penetrar-lhe o recinto...".

Esses recursos magnéticos que constituem as defesas espirituais de um Centro Espírita fiel aos princípios da Codificação Kardequiana, conforme as circunstâncias o exigem, podem ser intensificados tal como é relatado no notável livro da querida médium Yvonne Pereira, *Memórias de um suicida*,⁸ quando é mencionada a instituição na qual seriam realizadas algumas sessões mediúnicas especiais para atendimento de um grupo de suicidas. Na ocasião, as providências defensivas, bem como os cuidados quanto os recursos magnéticos da sala mediúnica foram adaptados ao especial trabalho que ali seria realizado. Faremos uma abordagem detalhada a respeito mais adiante.

A reunião pública

Toda Casa Espírita tem o seu espaço destinado à realização de reuniões públicas, de portas abertas, onde os expositores abordam estudos, palestras doutrinárias e/ou evangélicas, especialmente das obras que constituem a Codificação Kardequiana. Nunca é demais mencionar que é imprescindível o estudo da Codificação Kardequiana no Centro Espírita, sempre procurando evidenciar a sua atualidade e profundidade, seja em grupos de estudos, seja nas reuniões de jovens, de adultos, também é importante estruturar e manter o ESDE, etc.

Este recinto recebe da Espiritualidade o cuidado compatível com a importância das tarefas ali desenvolvidas. Espíritos especializados magnetizam o ambiente e o preservam e renovam constantemente, propiciando uma psicosfera salutar, consoante informa Manoel Philomeno de Miranda.

São instaladas defesas magnéticas que impedem a entrada de entidades desencarnadas hostis e mal-

feitoras, portanto, só entram aqueles que obtêm permissão.

Tais cuidados são imprescindíveis em *razão* da natureza do trabalho que os Centros realizam. Sendo um local para onde convergem pessoas portadoras de mediunidade em fase inicial ou em desequilíbrio ou, ainda, obsidiados de todos os matizes, é fácil concluir que se não houvessem tais cautelas do Plano Maior, principalmente, graves problemas poderiam surgir decorrentes do ambiente espiritual e da presença de sensitivos não equilibrados.

Imaginemos, por um instante, a ambiência desta sala, relativamente aos encarnados presentes. A grande maioria dos que comparecem ao Centro o faz impelida pelos problemas e sofrimentos que os aguilhoam. Quando chegam estão aflitos, cansados, desesperados e, não raro, com idéias de suicídio ou outros tipos de pensamentos extremamente negativos. Recorrem ao Espiritismo na condição de náufragos de tormentas morais que se agarrassem a uma tábua salvadora. Trazem o pensamento enroscado no drama em que vivem e que é como um clichê estampado na própria aura. Vibrando em enarmonia a quase totalidade dessas criaturas estão imantadas a desafetos do passado ou a entidades outras, igualmente em desequilíbrio, que por sua vez as envolvem em fluidos perniciosos. Várias são portadoras de monoteísmo, isto é, trazem o pensa-

mento fixo em determinada idéia negativa, como por exemplo, no suicídio, no remorso de ato cometido, etc. Diversos estão magoados, sofridos, ulcerados interiormente e com as forças deperecidas. Outros estão perdidos em si mesmos, sem saber qual o sentido da vida e que rumo tomar. Muitos esperam milagres que os libertem de imediato de seus problemas e uns poucos chegam por curiosidade ou desejosos de conhecer melhor o que é o Espiritismo. Mas todas essas pessoas têm um denominador comum: a esperança.

Esse conjunto de vibrações desarmônicas e a malta de desencarnados que gravitam ao seu redor - todos interessados em obstar tudo aquilo que pode significar libertação para suas vítimas, no caso a palavra esclarecedora da Doutrina - por certo afetariam os médiuns presentes ainda não equilibrados, não fossem os cuidados e vigilância dos benfeitores espirituais.

Há ainda outro ponto a considerar, é que sendo um local de tratamento das almas enfermas, que somos quase todos nós, é imprescindível que os recursos do "laboratório do mundo invisível" sejam mobilizados e acionados para o atendimento espiritual.

Os espíritos especializados fazem, portanto, a triagem dos desencarnados que entrarão, sempre visando os que estão em condições de serem beneficiados, mas outros são momentaneamente afasta-

dos de suas vítimas enquanto estas permanecem no Centro. Em decorrência, grande é o número de entidades que ficam postadas do lado de fora da Casa, como que aguardando permissão para entrar ou interessadas em achar alguma brecha nas defesas magnéticas com o intuito de causarem perturbações. Mesmo estes não ficam sem a ajuda do Alto, pois aparelhagem especial transmite a palavra dos expositores amplificando-lhes a voz.

No transcurso da exposição doutrinária, grande amparo é prestado ao público. Equipes especializadas atendem aos que apresentarem condições espirituais/mentais favoráveis, receptivas, medicando-os e, até mesmo, realizando cirurgias espirituais.

Por outro lado, a aproximação de entidades benfeitoras junto aos encarnados torna-se mais fácil pela natureza do ambiente e por estarem estes com o pensamento voltado para os ensinamentos clarificadores da Doutrina, o que lhes modifica, temporariamente, os panoramas mentais, favorecendo o otimismo e a renovação interior. Concomitantemente, os "espíritos arquitetos", muitas vezes, utilizam dos recursos dos painéis fluídicos que "dão vida" aos comentários do expositor, favorecendo o entendimento dos desencarnados presentes. Isto, aliás, acontece em palestras sempre que o ambiente favoreça.

As atividades de uma reunião pública são enfocadas por Manoel Philomeno de Miranda, no livro

*Entre os dois mundos,*⁹ cap. 16, no qual ressalta os recursos e benefícios que a Espiritualidade proporciona aos que estão presentes. Trata-se, segundo narra, de uma Associação Espírita "que se dedicava a um elenco de realizações iluminativas e socorristas". Explana, então, quanto à necessidade da assistência manter o silêncio, o recolhimento interior, a prece, pois tais procedimentos criam o ambiente propício para a atuação dos bons Espíritos.

Após a palavra do expositor, são aplicados os passes no próprio recinto, prática esta que tem-se difundido, no caso de público numeroso ou quando a instituição não possua dependências suficientes para a realização em sala separada.

Miranda descreve que, terminada a palestra, as luzes foram diminuídas, enquanto os médiuns se espalharam pela sala, posicionando-se nos corredores. O dirigente encarnado, conclamou todos à oração silenciosa. Nesse instante

os portadores de mediunidade curadora e passistas distenderam os braços com as mãos espalmadas na direção do público, deixando que as energias de que eram veículos se exteriorizassem, ou eles próprios se transformassem em antenas captadoras-transmissoras das correntes de vibração superior que invadiam a sala, sendo canalizadas em direção do público receptivo.

Informa Miranda, em seqüência:

À medida que as vibrações eram direcionadas pelas mentes ativas sobre o público, formou-se uma abóbada fluidica de vários campos vibratórios que se potencializavam, quanto maior era a concentração e mais favoráveis os sentimentos de amor e de fraternidade.

Os Espíritos sofredores que acompanhavam certas pessoas e outros que foram trazidos para tratamento igualmente foram beneficiados.

Após a saída do público, as atividades prosseguiram na grande sala. Os Espíritos necessitados foram ali reunidos e "nobre Entidade" passou a explanar temas evangélicos, enfocando a coragem de mudar, a resignação ante as dificuldades, ao mesmo tempo em que esclarecia a respeito das possibilidades que lhes estavam ao alcance, desde que aceitassem a proposta de renovação e conseqüente programa de reabilitação.

Toda essa programação, todavia, só se realizará se o Centro Espírita tiver o seu ambiente preservado de quaisquer frivolidades e mercantilismo; de intrigas e personalismo; se ali se cultivar a conversação sadia e edificante; se naquele local se praticar a verdadeira caridade e o estudo sério, e onde as principais metas sejam esclarecer, aliviar e consolar as almas que por ali aportarem, colocando-se assim à altura da proteção dos Espíritos Superiores.

Agressões e assédios negativos

Embora todas as providências da Espiritualidade Superior, conforme acima mencionamos, ainda assim podem ocorrer situações difíceis e imprevistas - isso para nós, encarnados, pois os mentores e equipes espirituais estão prevendo e sabendo -, decorrentes de assédios de entidades em desequilíbrio, podendo chegar a agressões de variada natureza, quando são testadas as reações daqueles que estão nas tarefas diretivas e demais trabalhadores do plano físico.

Ao longo dos anos soubemos de diversos casos nessas condições, como também os vivenciamos, guardadas as devidas proporções.

Surgem naturalmente algumas perguntas. Por que ocorrem? Os benfeitores espirituais não estão protegendo o Centro Espírita? Seria por que o Centro não está indo bem?

Primeiramente é preciso esclarecer que tais ocorrências, muitas vezes, resultam do próprio trabalho de desobsessão, por exemplo, que está sendo realizado pela equipe mediúnica da Casa e os mentores permitem, pois são parte do processo; seriam, como se diz popularmente, "os ossos do ofício"... Por outro lado, os testemunhos são necessários para que cada um dos que estão nessas tarefas de semeadores e de tarefeiros possa evidenciar a fé, a confiança, a

certeza de que o trabalho é de Jesus, mantendo o bom ânimo e a perseverança, cõscios de que o amparo do Alto jamais falta.

O caso Petitinga

Apraz-nos relatar em seguida, resumidamente, o episódio narrado por Manoel Philomeno de Miranda, que teve como protagonista o querido dirigente espírita da Bahia, José Petitinga, conforme está no livro *Aios bastidores da obsessão*.¹⁰

O fato aconteceu numa manhã de domingo, quando da reunião pública de exposição doutrinária na União Espírita Baiana.

O expositor era Petitinga, que explanava sobre o cap. X, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, "Instruções dos Espíritos", a mensagem de Simeão, ditada em Bordeaux, em 1862, intitulada Perdão das ofensas. A sua palavra harmoniosa comovia os presentes que o ouviam enlevados. Em certo momento, quando o orador fez pequena pausa, adentrou-se pela sala um homem, pertencente a respeitável família local, porém, portador de obsessão, que dirigiu-se ruidosa e intempestivamente à tribuna, com a fisionomia congestionada e gritou para Petitinga:

- Hipócrita! Quem és a pregar? Imperfeito como tu, como te atreves a falar da verdade e ensinar pureza, possuindo largas faixas de desequilíbrio íntimo, que ocultas dos que te escutam? Dize!

Houve um grande constrangimento entre os presentes e um silêncio tumular se abateu sobre o auditório. Mas Petitinga, embora tenha empalidecido, manteve-se calmo e olhando o agressor respondeu, humilde:

- Tens toda a razão e eu o reconheço. O tema em pauta hoje, que o caro irmão não ouviu, se refere exatamente ao "Perdão das ofensas"...

Mas o homem não o deixou terminar e retrucou:

Não te evadas covardemente. (...) Refiro-me às condições morais de que se devem revestir os que ensinam o que chamas a verdade, e que te faltam... Desafio-te a que abandones a tribuna religiosa ou abandones a vida que levas...

O público estava paralisado perante a cena inusitada. A entidade enferma desejava semear a suspeita "quanto à conduta ilibada, transparente e nobre do Evangelizador, e o desafiava a um duelo verbal negativo e pernicioso".

Mantendo-se sereno, Petitinga humildemente, chamando a entidade que se manifestava através daquele homem, de "amigo espiritual" e lhe dando razão no que o acusava, declarou aos presentes:

- (...) Ensinou o Mestre que nos confessássemos uns aos outros, prática essa vigente entre os primeiros cristãos e que o tempo esmaeceu e deturpou dolorosamente. Nunca me atrevi, nunca experimentei coragem para dizer aos compa-

nheiros sobre as minhas próprias dificuldades. Agora, utilizando-me do auxílio do irmão que me faculta ensejo, digo da luta intensa que travo n'aima para servir melhor ao Senhor, tentando, cada dia, aprimorar-me intimamente, lapidando grossas arestas e duras angulações negativas da minha personalidade enferma. Depois de ter conhecido Jesus, minha alma luta denodadamente contra o passado sombrio, nem sempre logrando êxito na ferrenha batalha de superação dos velhos padrões de ociosidade e crime em que viveu, na imensa noite dos tempos. Abandonar, todavia, o arado, porque tenho as mãos impróprias, quando a erva má grassa e escasseiam obreiros, não o farei nunca! (...)

Prefiro a condição de enfermo ajudando doentes, a ser ocioso buscando a saúde para poder ajudar com eficiência, enquanto se desgastam corpos e almas ao relento da indiferença de muitos, que as minhas mãos calejadas podem socorrer. Miserabilidade socorrendo misérias maiores, à posição falsa daquele que recebeu o talento e o sepultou, conforme nos fala a parábola do Senhor. Embora imperfeito, deixo luzir minha alma quando contemplo a Grande Luz; vasilhame imundo, aromatizo-me ao leve rocio do perfume da fé; espírito infeliz, mas não infelicitador, banho-me na água lustral da esperança cristã... Perdoa-me, Senhor, na imperfeição em que me demoro e ajuda-me na redenção que persigo...

Com o rosto banhado em lágrimas, Petitinga calou-se. O auditório emocionado, em peso, chorava, envolvido pelas vibrações superiores que se derramavam sobre todos.

Inesperadamente, a entidade jogou o médium ao chão e presa da mesma emoção, bradou:

- Perdoa-me, tu! A tua humildade venceu-me a braveza, velhinho bom! Deus meu! Deus meu! Blasfemo! O ódio gratuito cega-me. Perdoa-me, velhinho bom, e ajuda-me com a tua humildade a encontrar-me a mim mesmo. Infeliz que sou. Tudo mentira, mendacidade inditosa, a que me amarga os lábios. Ajuda-me, velhinho bom, na minha infelicidade...

Petitinga desceu os degraus da tribuna, aproximou-se do sofredor, falou-lhe bondosamente e amparou o médium, convidando-o a sentar-se. E levantando a voz, rogou: "- Oremos todos a Jesus, pelo nosso irmão sofredor, por todos nós, os sofredores".

Comentando o fato, Miranda afirma que raras vezes presenciara cena mais comovedora, "era como se o Mundo Excelso baixasse à Terra e os homens pudessem transitar no rumo daquele mundo onde reside a felicidade...".

No trabalho de passes

É importante ressaltarmos o trabalho de passes visto pelo lado espiritual.

O que vamos apresentar em seguida pressupõe que a Casa Espírita tenha uma dependência destinada à aplicação dos passes, entretanto, quando isto não for possível, devido à falta de espaço, os passes são aplicados na mesma sala de palestras. O que não quer dizer que não haja ali os recursos imprescindíveis ao êxito do trabalho. A Espiritualidade Maior a tudo prevê e provê.

Vejamos como André Luiz relata, em *Nos domínios da mediunidade*,¹¹ as características do serviço de passes.

Observando primeiramente o ambiente, menciona, através das elucidações do Instrutor espiritual Áulus, que o recinto destinado aos passes apresenta características próprias, em virtude do trabalho ali realizado. Sendo local de atendimento ao público

é compreensível que este interfira na ambiência. Entretanto, como se pode deduzir, a grande maioria das pessoas que buscam o socorro do passe o fazem imbuídas dos melhores sentimentos.

Assim, referindo-se à sala de passes, esclarece estarem ali reunidas "sublimadas emanções mentais da maioria de quantos se valem do socorro magnético, tomadas de amor e confiança". Estas vibrações permanecem no ambiente e se acumulam, a tal ponto que, no dizer de Áulus, criam uma atmosfera especial formada "pelos pensamentos, preces e aspirações de quantos nos procuram trazendo o melhor de si mesmo". Esse conjunto vibratório surpreendeu André Luiz pelo "ambiente balsâmico e luminoso" que apresentava.

Portanto, o recinto destinado a essa atividade recebe dos Espíritos especializados a assepsia e as defesas magnéticas imprescindíveis à manutenção e preservação do ambiente.

No momento estavam presentes dois médiuns passistas, Clara e Henrique. André notou que ambos oravam com tal fervor que se apresentavam envoltos em luz e em sintonia com a equipe espiritual que os assessoravam. Explica Conrado, o Orientador espiritual das tarefas do passe, a André Luiz e seu companheiro Hilário que:

- ... A oração é prodigioso banho de forças, tal a vigorosa corrente mental que atrai. Por ela, Clara e Henrique expul-

sam do próprio mundo interior os sombrios remanescentes da atividade comum que trazem do círculo diário da luta e sorvem do nosso plano as substâncias renovadoras de que se repletam, a fim de conseguirem operar com eficiência, a favor do próximo. Desse modo, ajudam e acabam por ser firmemente ajudados.

Diante dessa afirmativa acerca dos benefícios da prece, Hilário lembra uma questão que surge no meio espírita, vez que outra, a de que os médiuns passistas quando aplicam passes em um número maior de pessoas terminariam o trabalho exauridos, sem forças e necessitando também de "receber passes" para reporem as energias despendidas. Esse receio tem algum fundamento? É oportuno transcrevermos a resposta:

- De modo algum. Tanto quanto nós, não comparecem aqui com a pretensão de serem os senhores do benefício, mas sim na condição de beneficiários que recebem para dar. A oração, com reconhecimento de nossa desvalia, coloca-nos na posição de simples elos de uma cadeia de socorro, cuja orientação reside no Alto. Somos nós aqui, neste recinto consagrado à missão evangélica, sob a inspiração de Jesus, algo semelhante à singela tomada elétrica, dando passagem à força que não nos pertence e que servirá na produção de energia e luz.

Quando o passista se sente exaurido após aplicar passes em algumas pessoas, é preciso analisar se ele não estaria com algum problema de saúde,

talvez muito estressado, desgastado por dificuldades que esteja atravessando, pois o que acontece é que o médium passista se sintia muito mais fortalecido e satisfeito pelo trabalho realizado.

Quanto ao atendimento aos enfermos, o autor espiritual explica que há um "quadro de auxiliares, de acordo com a organização estabelecida pelos mentores da Esfera Superior", enfatizando que para o bom êxito do labor de passes há que se observar: experiência, horário, segurança e responsabilidade daquele que serve.

Em outra obra, *Missionários da luz*,¹² André Luiz dedica o capítulo 19 ao tema *Passes*, esclarecendo que iria enfocar as providências atinentes às equipes espirituais. Isso nos permite ter uma visão mais detalhada da ação desses benfeitores.

Relata que o trabalho era atendido por seis entidades, que se apresentavam envoltas em túnicas muito alvas, que quase não falavam e, sim, operavam intensamente, como enfermeiros atentos. Atendiam tanto aos encarnados quanto prestavam socorro aos Espíritos necessitados, sendo muitos destes acompanhantes daqueles.

Eram os técnicos em auxílio magnético, segundo informa o Instrutor espiritual Alexandre, ressaltando que faziam parte de um departamento especializado. André quer saber se esses trabalhadores apresentam requisitos especiais, ao que o Instrutor passa a explicar com mais detalhes. Revela que para

exercer o serviço em apreço não basta a boa vontade, são imprescindíveis "determinadas qualidades de ordem superior e certos conhecimentos especializados". Vejamos o que ele esclarece:

O servidor do bem, mesmo desencarnado, não pode satisfazer em semelhante serviço, se ainda não conseguiu manter um padrão superior de elevação mental contínua, condição indispensável à exteriorização das faculdades radiantes. O missionário do auxílio magnético, na Crosta ou aqui em nossa esfera, necessita ter *grande domínio sobre si mesmo, espontâneo equilíbrio de sentimentos, acentuado amor aos semelhantes, alta compreensão da vida, fé vigorosa e profunda confiança no Poder Divino.* (Grifo nosso)

Como é evidente, são rigorosas as condições para aqueles Espíritos que estão no serviço de passes, o que nos leva a inferir que estes seriam os parâmetros ideais, embora difíceis de ser alcançados no âmbito dos servidores encarnados. É o que esclarece Alexandre, mencionando que no plano em que estão esses requisitos são imprescindíveis, mas que na esfera carnal, havendo boa vontade sincera, esta pode suprir algumas deficiências, levando-se em conta que os servidores espirituais estariam completando os recursos necessários no momento da transmissão do passe. Menciona o Instrutor que todos os que evidenciam o desejo de prestar auxílio fraterno ao próximo recebem assistência de entidades bondosas e acrescenta:

- ... Em todo lugar onde haja merecimento nos que sofrem e boa vontade nos que auxiliam, podemos ministrar o benefício espiritual com relativa eficiência. Todos os enfermos podem procurar a saúde; todos os desviados, quando desejam, retornam ao equilíbrio. Se a prática do bem estivesse circunscrita aos Espíritos completamente bons, seria impossível a redenção humana. Qualquer cota de boa vontade e espírito de serviço recebe de nossa parte a melhor atenção.

Na seqüência do capítulo são apresentados quatro atendimentos a encarnados e as providências do Espírito Anacleto, coordenador do setor de passes, para atendê-los.

Convidamos os leitores à leitura da referida obra para observarem os detalhes desses atendimentos.

Passe: um ato de amor

No momento dos passes é possível a alguns médiuns videntes divisar a intensa movimentação dos Benfeitores, que se utilizam de aparelhagens especiais adequadas aos enfermos presentes.

A organização do mundo espiritual é, pois, exemplar. Não obstante, nós os encarnados deixamos muito a desejar com as nossas falhas costumeiras que vão desde a invigilância em nosso cotidiano até a frequência irregular, o que por certo prejudica os trabalhos.

É fundamental, portanto, que haja uma conscientização de nossa parte, da grandeza e complexidade dos labores espirituais, a fim de participarmos de modo mais eficiente e produtivo. Que isso não seja, porém, um fator que leve ao misticismo (mas sim à responsabilidade) e que venha a influir ou modificar a nossa conduta no instante do passe ou no ministério mediúnico. Embora o trabalho que se desenvolve "do outro lado" seja complexo, a nossa participação deve ser a mais simples possível, permeada, contudo, do mais acendrado sentimento de amor ao próximo.

Que nos lembremos sempre que para exercermos tais atividades a nossa preparação é principalmente interior. É no mundo íntimo que devemos laborar. É a nossa transformação para melhor a cada momento.

Assim, não é a cor da roupa do passista ou a sua gesticulação ou a sala ser azul ou branca que irão influir na qualidade da transmissão energética no instante do passe, mas sim a sua mente impulsivando e direcionando as energias fluídicas, o seu desejo de servir, a sua capacidade de ser solidário com aquele que ali está e de amá-lo como a um irmão. Por isso, a simplicidade deve ser a tônica no momento do passe, já que este é, essencialmente, um ato de amor. E o amor é simples, desataviado e puro, tal como exemplificou Jesus.

A reunião mediúnica

"Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe. Ora, este feixe tanto mais força terá, quanto mais homogêneo for."

ALLAN KARDEC

(O Livro dos Médiuns, cap. XXIX, item 331.)

Conseguir um grupo mediúnico homogêneo, no qual os seus integrantes estejam em boa sintonia e afinização, que cultivem o mesmo ideal, que entendam a grande responsabilidade assumida e que estejam buscando com a mesma intensidade a própria transformação moral talvez seja algo impossível de ser alcançado, razão pela qual o Codificador ressalta que a reunião é um ser coletivo, a fim de chamar a atenção para a contribuição de cada um no conjunto dos trabalhos. Evidencia a questão da homogeneidade que deve ser constantemente buscada para que as atividades cresçam em produtividade. Todavia, o que se observa é exatamente esta dificuldade

nos grupos mediúnicos que, com frequência, estão mais para a heterogeneidade.

Por oportuno, vejamos qual o significado destas palavras, segundo o dicionário *Aurélio*:

Homogêneo - "(...) Cujas partes são ou estão solidamente e/ou estreitamente ligadas. (...) Cujas partes ou unidades não apresentam ou quase não apresentam desigualdades, altos e baixos (...)."

Heterogêneo - "(...) De diferente natureza. Composto de partes de diferente natureza (...)."

Infere-se, pois, que a dificuldade maior é alcançar a homogeneidade de pensamentos e vibrações. É o que ensina Leon Denis:

Nas comunicações espíritas a dificuldade, portanto, consiste em harmonizar vibrações e pensamentos diferentes. É na combinação das forças psíquicas e dos pensamentos entre os médiuns e experimentadores, *de um lado, e entre estes e os Espíritos, do outro*, que reside inteiramente a lei das manifestações.

Prosseguindo, Denis explica que as condições são favoráveis quando os participantes

constituem um grupo harmônico, isto é, quando pensam e vibram em uníssono. No caso contrário, os pensamentos emitidos e as forças exteriorizadas se embaraçam e anulam reciprocamente.¹³

Apraz-nos citar ainda - pela grande admiração e devotamento que sentimos por Leon Denis - que o

grupo dirigido por ele contava com a proteção de dois Espíritos elevados, sendo um deles Jerônimo de Praga, Guia do próprio Denis, e o outro, um Espírito feminino, cuja identidade permaneceu oculta, o "Espírito Azul" (assim designado porque os médiuns o viam envolto num véu azul).

O Grupo Meimei

O excelente livro *Instruções Psicofônicas*¹⁴ registra o relato minucioso das atividades mediúnicas do Grupo Meimei e, por considerar de suma importância os resultados ali colhidos, resolvemos registrá-los aqui para nossa edificação.

Aqueles que se interessam e estudam a prática da mediunidade, têm curiosidade, às vezes, em saber como seriam os trabalhos mediúnicos de Chico Xavier, sua atuação e como seriam as reuniões com a sua presença. É o que tratamos a seguir, segundo registra Arnaldo Rocha, organizador do livro, que apresenta, logo nas páginas iniciais, o histórico e funcionamento do Grupo.

Vejamos, em resumo, o que ele relata:

No dia 31 de julho de 1952 foi fundado, em Pedro Leopoldo (MG), o Grupo Meimei,¹⁵ do qual fazia parte o médium Chico Xavier, tendo ficado em sua direção, o confrade Arnaldo Rocha.

A equipe era constituída por vinte participantes, dos quais dez médiuns com faculdades psicofônicas apreciáveis. O programa foi traçado pelos instrutores espirituais dentro de normas rígidas. Reuniões semanais, ausência total de público. O Grupo admitia alguns enfermos quando absolutamente necessário. Assiduidade; horário rigoroso.

As sessões tinham início às vinte horas, nas noites de quintas-feiras. Nos primeiros quinze minutos procedia-se à leitura de trechos doutrinários, depois à prece de abertura, seguida da palavra rápida de amigo espiritual para alguma instrução.

Às vinte horas e quinze minutos, aproximadamente, ocorria o socorro aos desencarnados, constando de esclarecimento e consolo, enfermagem moral e edificação evangélica, a benefício das entidades conturbadas e sofredoras, pelo espaço de noventa minutos, com a cooperação de todos os médiuns presentes.

Às vinte e uma horas e quarenta e cinco minutos o ambiente é modificado. Nos quinze minutos finais, sempre recebiam, pela psicofonia sonambúlica de Francisco Cândido Xavier, a palavra direta dos instrutores e benfeitores desencarnados.

Eram lições primorosas, relata Arnaldo Rocha, no livro citado, e todos lamentavam a perda dos ensinamentos semanais. No início de 1954, ao comentar a respeito das reuniões com o professor Carlos Torres Pastorino, este, gentilmente ofereceu-lhes um

gravador. A partir do dia 11 de março de 1954 as reuniões passaram a ser gravadas, surgindo então, após dois anos, o livro que estamos comentando. Observemos o que diz Arnaldo a certa altura, "Explicação necessária":

Devemos informar que infelizmente não podemos, por impossível, registrar no papel a beleza das recepções, as variações do tom de voz, as paradas mais ou menos largas, o entrecortamento de palavras ou de frases por lágrimas de comoções ou gestos de alegria, a mudança, mesmo, do tipo de voz, além de outros característicos que valorizariam sobremaneira, ao nosso humilde pensar, as páginas de que os leitores tomarão conhecimento a seguir.

O organizador da obra teve o cuidado de prece-der cada mensagem por anotações informativas para apreciação dos leitores.

Sempre que leio ou consulto *Instruções Psicofônicas* admiro a sua riqueza de conteúdo, pois a par das mensagens esclarecedoras que o constituem temos também estas instruções adicionais, através de Arnaldo Rocha, que durante anos não apenas participou, mas dirigiu, as reuniões mediúnicas com Chico Xavier, no Grupo Meimei.

Muito interessante, igualmente, é a parte final do livro, intitulada "Boletim de serviço espiritual" na qual ele apresenta os apontamentos estatísticos de dois anos sucessivos de ação espiritual do Grupo Meimei.

Vejamos em seqüência alguns destes dados, que foram anexados à guisa de estudo. Arnaldo esclarece que os informes acerca do aproveitamento das entidades sofredoras que se manifestaram "procedem de esclarecimentos dos nossos orientadores desencarnados". Ressalta que:

não alimentamos a pretensão da estatística em obras do espírito, mas sim o propósito de estudo e observação, no serviço de socorro e advertência a nós próprios, mesmo porque, em nossos contatos com os irmãos desencarnados, bem reconhecemos a nossa posição de almas endividadas, esforçando-se pela própria recuperação "no vale escuro da sombra e da morte".

De nossa parte, ao transcrever para os queridos leitores estes dados estatísticos, objetivamos, especialmente, motivá-los a conhecer este livro. Estão relacionadas neste boletim, separadamente, as atividades dos períodos de 31-7-52 a 30-7-53 e de 31-7-53 a 30-7-54. Resolvemos, porém, somar estas atividades destes dois anos, para observarmos o volume dos trabalhos e o notável relato do aproveitamento obtido. Somando-se as comunicações encontramos o seguinte: 672 manifestações psicofônicas de espíritos perturbados e sofredores, totalizando 615 entidades e 57 reincidências.

Estes 615 comunicantes estão assim subdivididos:

143 ligados ao passado próximo ou remoto dos participantes;

397 necessitados de assistência moral;
75 recém-desencarnados;
23 casos de licanthropia e suicídio;
268 casos de alienação mental;
249 casos de perturbações diversas.

O aproveitamento dessas 615 entidades é assim apresentado:

29 irmãos foram perfeitamente reajustados e renovados para o bem, sendo que quatro deles passaram a cooperar nos serviços da instituição;

149 retiraram-se esclarecidos e melhorados;

154 apresentaram aproveitamento reduzido;

283 foram considerados, por enquanto, impassíveis e indiferentes.

As comunicações dos amigos e benfeitores totalizam 387, distribuídas entre instruções na abertura dos trabalhos, avisos, preces, preleções educativas e algumas interferências para solucionar problemas difíceis quanto ao esclarecimento de irmãos necessitados.

Podemos observar nestes dados acima um ponto que merece nossa atenção. Trata-se das 143 comunicações de espíritos ligados ao passado próximo ou remoto dos participantes. Queremos citar que em nossas reuniões isto acontece, de acordo, naturalmente, com a programação da equipe espiritual, visando à rearmonização dos integrantes encarnados com aqueles com os quais estamos ligados. Durante

todos estes anos de nossa prática mediúnica, várias manifestações de irmãos ligados ao meu passado têm sido trazidas para possibilitar a nossa aproximação, agora sob a égide de Jesus e do Espiritismo. Sabemos que este é um fato bastante habitual das sessões mediúnicas em geral. O que é uma bênção para todos nós.

Finalizando estas anotações do livro *Instruções Psicofônicas*, transcrevemos a mensagem transmitida por Bittencourt Sampaio, pela singular condição em que ocorreu e por ser de grande elevação. Antecedendo a palavra do Benfeitor estão os comentários de Arnaldo Rocha.

A comunicação de Bittencourt Sampaio

A reunião da noite de 2 de junho de 1955 reservou-nos grande surpresa.

Por ausência do companheiro encarregado do serviço de gravação, ocupamo-nos pessoalmente desse mister. E, enquanto atendíamos a semelhante tarefa, notamos que a organização mediúnica denotava expressiva alteração.

Intuitivamente assinalamos que o nosso Grupo estava sendo visitado por mensageiro espiritual de elevada hierarquia.

E não nos enganávamos.

Colocando-se de pé, o Instrutor passou à palavra. Dição educada. Voz clara e bela.

Em sucinto estudo, exalça a figura excelsa de Jesus, à frente do Espiritismo.

Na saudação final, identifica-se. Tínhamos conosco a presença de Bittencourt Sampaio, cuja sublime envergadura espiritual escapa à exiguidade de nossa conceituação.

Despede-se o Orientador e encerramos a reunião.

Movimentamo-nos para estudar a mensagem, ouvindo-a, de novo; no entanto, com o maior desapontamento, notamos que o gravador não funcionara.

Perdêramos a palavra do grande Instrutor.

Comentando a alocução ouvida, a maior parte dos companheiros afasta-se do recinto.

Nós, porém, um conjunto de seis amigos, permanecemos na sede do Grupo mais tempo, examinando a máquina e lamentando o acontecido.

Uma hora decorrera sobre o encerramento de nossas tarefas e preparávamos a retirada, quando o médium anunciou estar ouvindo de nosso amigo espiritual José Xavier o seguinte aviso: "Não se preocupem. Meimei e eu gravamos a palavra do Benfeitor que esteve entre nós, de passagem. Reúnam-se em silêncio e o médium poderá ouvi-la de nossa máquina fixando-a no papel.

Sentamo-nos ao redor da mesa, com o material de escrita indispensável.

Depois de nossa prece, Chico esclarece estar vendo uma pequena gravadora, junto de nós, manejada pelos amigos espirituais e, dizendo escutar a mensagem, põe-se a escrever moderadamente, evidenciando a audição em curso.

Entretanto, o médium escreve e faz a pontuação, ao mesmo tempo.

Ajudando-o a segurar o papel, conjeturamos mentalmente: - "Ora, se Chico está ouvindo a mensagem gravada, como pode fazer a pontuação? Estamos diante de um ditado ou de psicografia comum?".

No instante exato em que formulamos a indagação, em pensamento, sem externá-la, o médium interrompe a grafia por momentos e explica-nos:

- Meu amigo, o José (Xavier) recomenda-me informar a você que enquanto Meimei está comandando a gravadora, ele está ditando a pontuação para melhor segurança do nosso serviço.

Extremamente surpreendido, guardamos o esclarecimento.

Terminada a escrita, o médium leu quanto ouvira.

Notamos com admiração que o papel apresentava a mensagem que ouvíamos de Bittencourt Sampaio.

Relatada a ocorrência que julgamos seja nossa obrigação consignar nos apontamentos sob a nossa responsabilidade, para os estudiosos sinceros de nossa Doutrina, passamos à comunicação do venerável Orientador.

Cristo está no leme

"Meus amigos, que o amparo de Nossa Mãe Santíssima nos agasalhe e ilumine os corações.

Cristo, no centro da edificação espírita, é o tema básico para quantos esposaram em nossa Doutrina o ideal de uma vida mais pura e mais ampla.

Confrange a quantos já descerraram os olhos para a verdade eterna, além da morte, o culto da irresponsabilidade a que muitos de nossos companheiros se devotam, seja na dúvida sistemática ou na acomodação com os processos inferiores da experiência humana, quando o Espiritismo traduz retorno ao Cristianismo puro e atuante, presidindo a renovação da Terra.

Com todo o nosso respeito à pesquisa enobrecedora, cremos seja agora obsoleta qualquer indagação acerca da sobrevivência da alma por parte daqueles que já receberam o conhecimento doutrinário, porque semelhante conhecimento é precisamente o selo sagrado de nossos compromissos diante do Senhor.

Há mais de dez milênios, nos templos do Alto Egito e da antiga Etiópia, os fenômenos mediúnicos eram simples e correntios; entre assírios e caldeus de épocas remotíssimas, praticava-se a desobsessão com alicerces no esclarecimento dos Espíritos inferiores; precedendo a Antigüidade clássica, Zoroastro,

na Pérsia, recebia a visitação de mensageiros celestes e, também antes da era cristã, na velha China, a mediunidade era desenvolvida com a colaboração da música e da prece.

Mas o intercâmbio com os desencarnados, executando-se os elevados ensinamentos nos santuários iniciáticos, guardava a função oracular do magismo, entremeando-se nos problemas corriqueiros da vida material, fosse entre guerreiros e filósofos, mulheres e comerciantes, senhores e escravos, nobres e plebeus.

É que a mente do povo em Tebas e Babilônia, Persépolis e Nanquim, não contava com o esplendor da Estrela Magna - Nosso Senhor Jesus Cristo -, cujo reino de amor vem sendo levantado entre os homens.

Na atualidade, porém, o Evangelho brilha na cultura mundial, ao alcance de todas as consciências, cabendo-nos simplesmente o dever de anexá-lo à própria vida.

Espíritas! Com Allan Kardec, retomastes o facho resplendente da Boa Nova, que jazia eclipsado nas sombras da Idade Média!

Compreendamos nossa missão de obreiros da luz, cooperando com o Senhor na construção do mundo novo!...

Não ignorais que a civilização de hoje é um grande barco sob a tempestade... Mas, enquanto mastros

tombam oscilantes e estalam vigas mestras, aos gritos da equipagem desarvorada, ante a metralha que incendeia a noite moral do mundo, Cristo está no leme!

Servindo-o, pois, infatigavelmente, repitamos, confortados e felizes:

Cristo ontem, Cristo hoje, Cristo amanhã!...

Louvado seja o Cristo de Deus!"

BITTENCOURT SAMPAIO"

A sala da reunião mediúnica deve ser mantida isolada?

Inicialmente é necessário esclarecer quanto a uma questão que surge, com certa frequência, em nosso meio espírita. Trata-se da idéia de que a sala destinada à realização da sessão mediúnica deve ser de tal modo preservada que não se admite a sua utilização para outras atividades relativas à própria Casa Espírita.

Entretanto, devemos raciocinar com bom senso.

Grande parte dos Centros Espíritas não possui o número suficiente de dependências para atender a todas as atividades ali desenvolvidas; assim, deixar uma sala fechada e reservada somente para essa finalidade, ocasionando dificuldades e até restringindo as atividades por falta de espaço, denota que

subestimamos os recursos de que dispõe a Espiritualidade Superior.

Alguns benfeitores espirituais têm comparado o recinto destinado à prática da mediunidade, especificamente dos trabalhos de desobsessão, com uma sala cirúrgica, que, como sabemos, deve ser mantida fechada, não sendo permitida a permanência de pessoas estranhas ao serviço realizado, onde os cuidados de assepsia, silêncio, presença de pessoas em número reduzido, etc. são imprescindíveis, o que é perfeitamente reconhecível. Provavelmente, em razão dessa comparação, tenha surgido a idéia de que o mesmo procedimento deve ser adotado, impreterivelmente, no tocante ao local da prática mediúnica.

No plano físico é natural não termos uma noção mais precisa da atuação dos bons espíritos que assessoram as tarefas da Casa Espírita. Entretanto, sabemos que estes têm condições de adaptar e adequar os serviços levados a efeito na esfera espiritual conforme a disponibilidade dos encarnados. Infere-se, pois, que a utilização da sala para reuniões de jovens, para evangelização de crianças, por exemplo, em nada prejudicaria o trabalho que é realizado no plano extrafísico. Necessitamos compreender que os espíritos enfermos, que ficam alojados na ambiência espiritual do Centro, estão em outra dimensão e os mentores espirituais possuem recursos para isolar e bloquear quaisquer tipos de vibrações

emitidas pelos encarnados e, desde que estas sejam de teor equilibrado resultantes de atividades doutrinárias, só poderão contribuir na manutenção do bom ambiente. O contrario também é realidade, isto é, vibrações dos espíritos necessitados não atingirão os que ali estão desenvolvendo as atividades mencionadas, exatamente por manterem estes um padrão vibratório de equilíbrio, ensejando assim a assistência espiritual compatível, que o zelo e cuidados dos benfeitores mantêm.

Alguém poderá objetar, argumentando que, se a reunião for de jovens, estes, em geral, riem, fazem uma que outra brincadeira em meio aos estudos, mas desde quando a alegria sadia é prejudicial? Tudo vai depender da maneira como a reunião se processa. Via de regra as reuniões dos jovens são levadas a sério, o que não impede que haja um clima de alegria, o que é ótimo. Reuniões sérias, instrutivas, não significam que as pessoas estejam sisudas, com fisionomias fechadas, pois o espírita verdadeiro é uma pessoa feliz. Feliz com o que é e com o que tem. Tal como Kardec afirma: "O Espiritismo anda no ar; difunde-se pela força mesma das coisas, porque torna felizes os que o professam". (*O Livro dos Médiuns*, cap. III, item 30.)¹⁷

Finalmente, é importante compreendermos que os recursos da Espiritualidade Superior ultrapassam, em muito, a nossa precária condição, não ha-

vendo improvisações e tudo é providenciado para que a proteção do Mais Alto se faça presente quando nós, encarnados, administramos os Centros Espíritas com seriedade, com amor e fidelidade às diretrizes da Doutrina Espírita.

O ambiente espiritual da reunião mediúnica

Conforme foi dito acima, no caso do recinto consagrado às sessões de desobsessão muitos espíritos necessitados e sofredores ficam alojados em sua ambiência espiritual, em regime de tratamento para seu refazimento e reequilíbrio.

Portanto, os cuidados dos espíritos que se dedicam à preservação do ambiente espiritual da sala onde são realizados os trabalhos mediúnicos são constantes e intensos, pois nada pode ser negligenciado, sob pena de se comprometer o êxito da reunião.

No dia da reunião o local passa por rigorosa assepsia a fim de livrá-lo e preservá-lo de *larvas psíquicas* (que são criadas por mentes viciosas de encarnados ou desencarnados); de *ideoplastias perniciosas* (formas-pensamento, clichês mentais); de vibrações deprimentes, constituindo tudo isso os "invasores microbicidas das regiões inferiores", conforme esclarece João Cleófas.¹⁸

Importante ressaltar que tais "invasores microbidas" contaminam o homem invigilante que apresente, por sua vez, pensamentos doentios, descontrolados, que são verdadeiras brechas ao assédio inferior, resultando daí a parasitose mental, ou vampirismo.

João Cleófas elucida que a sala mediúnica é o "ambiente cirúrgico para realizações de longo curso no cerne do perispírito dos encarnados como dos desencarnados", como também local onde "se anulam fixações mentais que produzem danos profundos nas tecelagens sensíveis do espírito".¹⁹

Além disso há necessidade de se isolar e defender o recinto das investidas de espíritos inferiores, o que leva os benfeitores espirituais a cercá-lo por meio de faixas fluídicas visando a impedir a entrada de tais entidades. Assim, só entrarão no ambiente aqueles que tiverem permissão dos dirigentes espirituais.

A sala mediúnica conquanto seja limitada no seu espaço físico, no outro plano apresenta-se adimensional, já que se amplia de acordo com a necessidade, permitindo abrigar um número muito grande de desencarnados que são trazidos para tratamento, para esclarecimento, para aprendizagem, etc. Seria como se o ambiente físico estivesse sem as paredes e sem o teto, e superposto a este um recinto amplo, às vezes como um anfiteatro. Em outros momentos nota-se que existe uma como ligação com outros

ambientes, dificilmente explicáveis para quem não tem essa percepção. Apresenta ainda mobiliário próprio, inclusive macas nas quais são transportados ou repousam espíritos em sofrimento, bem como aparelhos instalados pela equipe espiritual de acordo com a necessidade das tarefas.

A equipe espiritual

"Todo um exército de trabalhadores do Cristo funciona em cada núcleo de vossas atividades relativas à espiritualização, convocando-vos ao sentimento iluminado, à virtude ativa, ao departamento superior da vida íntima (...)"

ALEXANDRE

(Instrutor espiritual, in *Missionários da luz*,
de André Luiz)²⁰

A equipe de encarnados da reunião mediúnica tem funções específicas e de grande responsabilidade, mas está submetida, por sua vez, àquela outra equipe - a espiritual - que é, em verdade, a que dirige, orienta e assessora os trabalhos, no campo da mediunidade com Jesus.

Conforme registro em meu livro *Obsessão/Desobsessão*,²¹ a equipe espiritual é integrada por grande número de trabalhadores, presididos pelo mentor espiritual, o qual responde por todas as atividades programadas e realizadas. Este tem ao seu lado

espíritos que o secundam na direção, atendendo cada um a determinado setor de atividades; poderíamos chamá-los de guias ou mentores, pois também o são e se empenham, amorosamente, em amparar e assessorar os trabalhos mediúnicos.

O querido e ilustre escritor Hermínio C. Miranda, ao dissertar sobre a assessoria dos benfeitores espirituais informa:

São enormes as responsabilidades desses amigos invisíveis, e as qualificações exigidas, para as tarefas que desempenham junto a nós, são rígidas. Poderíamos dizer que cada grupo tem os guias e protetores que merece. Se o grupo empenha-se em servir desinteressadamente, dentro do Evangelho do Cristo, escorado na Doutrina Espírita, disposto a amar incondicionalmente, terá como apoio e sustentação uma equipe correspondente, de companheiros desencarnados do mais elevado padrão espiritual, verdadeiros técnicos da difícil ciência da alma.²²

A responsabilidade básica pelos trabalhos mediúnicos, portanto, é do plano espiritual e por isto o verdadeiro esquema a ser cumprido aí se delineia. Entretanto, os lidadores da espiritualidade respeitam, e muito, os desejos e planificações expressos pelos encarnados, deixando a seu encargo uma série de providências atinentes à organização e funcionamento das tarefas, tais como: a escolha do dia da semana em que a reunião será realizada, o horário, a designação do dirigente da reunião (geralmente de

comum acordo com a diretoria da Casa), ao qual caberá além de presidir os trabalhos, a observância da assiduidade dos companheiros, designará os estudos a serem realizados em outro horário ou dia, enfim, tudo aquilo que seja pertinente aos encarnados. A estas providências, quando bem orientadas, os benfeitores adaptam a planificação espiritual, facilitando, assim, a que os tarefeiros da esfera física ajam por si mesmos, onde lhes for possível, advindo dessas iniciativas lições, experiências e ensejos renovados de aprendizado e da prática da caridade.

Hermínio C. Miranda, a esse respeito, ensina:

(...) Os benfeitores espirituais não vão ditar um breviário de instruções minuciosas. É preciso que fique margem suficiente para a iniciativa de cada um, para o exercício do livre-arbítrio, para que tenhamos o mérito dos acertos, tanto quanto a responsabilidade pelos erros cometidos. Em suma, os Espíritos não nos tomam pela mão, mas não deixam de apontar-nos o caminho e seguir-nos amorosamente.²³

As atividades que estão afetas à equipe espiritual são inúmeras e requerem Espíritos especializados em diversas áreas e de diferentes categorias tais como, médicos, enfermeiros, sacerdotes e freiras católicos, pastores evangélicos, espíritas - entre estes, médiuns, doutrinadores e dirigentes - além de magnetizadores, guardiães, padioleiros, etc. Para se ter uma idéia cumpre refletir nas múltiplas facetas dos trabalhos e em tudo o que ocorre em cada sessão.

Isto pode ser constatado em toda a coleção "A vida no mundo espiritual", de André Luiz, psicografada por Chico Xavier, em alguns livros de Yvonne A. Pereira, como *Memórias de um suicida*, *Devassando o invisível*, etc, em todas as obras de Manoel Philomeno de Miranda, psicografadas por Divaldo P. Franco, no livro *Desafios da mediunidade*, de autoria do Espírito Camilo, psicografado por J. Raul Teixeira, nos quais estão relatos bastante minuciosos de sessões mediúnicas, de atendimentos a espíritos sofredores, suicidas e obsessores, bem como a comovedora interferência e amparo do mundo espiritual superior.

Vejamos como ocorre na prática.

Os espíritos dirigentes além de se comunicarem com certa frequência, transmitindo mensagens de esclarecimentos, consolo e estímulo, também se encarregam de formular convites a outros benfeitores quando o grupo mediúnico está em condições de recebê-los;

- cuidam da preservação e manutenção das defesas espirituais da sessão, contando para isto com entidades especializadas neste setor;
- cabe-lhes a escolha dos espíritos que deverão ser atendidos, providenciando equipes especializadas que se encarregam de trazê-los;
- exercem o controle e triagem dos acompanhantes habituais dos encarnados. Tais acompanhantes

podem pertencer ao passado próximo ou remoto de cada participante. Lembremo-nos que Kardec elucida que onde haja uma reunião de pessoas "há igualmente em torno delas uma assembléia oculta que simpatiza com suas qualidades ou com seus defeitos" (*O Livro dos Médiuns*, cap. VIII, item 232);²⁴

- providenciam, portanto, quando necessário, a comunicação de desafetos dos componentes encarnados para que haja a necessária harmonização, o que resulta no fortalecimento destes e, conseqüentemente, melhorando a própria atuação da equipe encarnada. Não se trata aqui de processo obsessivo, mas sim de assédios de inimigos do passado;

- promovem, vez que outra e conforme a necessidade, o comparecimento de familiares desencarnados, já esclarecidos, possibilitando que se comuniquem nas reuniões, o que representa um estímulo e alento para o grupo. Por outro lado, conforme ensina Camilo, propiciam emocionantes encontros com os servidores encarnados, em desdobramento durante o sono físico,

"- que muitas vezes se sentem envolvidos por ondas de ternura que lhes abrem o discernimento, que os fazem tomar sérias decisões de mudanças, sem que tenham consciência do que se passou - como incentivo aos seus empenhos, ou como inadiável socorro para que não chafurdem em situações graves que lhes poderiam comprometer a existência física; (*Desafios da mediunidade*)²⁵

- amparam, de forma amorosa e cuidadosa, os trabalhadores encarnados, proporcionando-lhes recursos salutareos a fim de fortalecê-los física e espiritualmente;

- decidem quanto à necessidade de se propiciar regressão de memória ao espírito comunicante, como também a criação de painéis fluídicos a cargo de entidades especializadas, conforme exporemos à frente;

- programam as manifestações de grande variedade de espíritos ligados aos casos de obsessão que estão sendo atendidos pela reunião, valendo-se do concurso de equipes especializadas no resgate de obsessores. Sendo este um trabalho muito complexo, os espíritos que se dedicam a esse mister possuem qualificações e características próprias, que adiante comentaremos;

- programam também a vinda de outras entidades, tais como: sofredores de todo jaez, entre estes, suicidas, acidentados, os que morreram por consumo de drogas, dementados, os que estão presos aos próprios despojos, os que ainda sentem as sensações de enfermidades que os levaram à morte, os que não sabem que deixaram o corpo físico, como também os criminosos de todos os tipos, etc, desde que seja necessária a aproximação e conseqüente atendimento a todos estes nossos irmãos em humanidade.

Os arquitetos espirituais

Vale a pena mencionarmos as atividades dos espíritos arquitetos assim denominados por Efigênio Victor [*Instruções Psicofônicas*],²⁶ que têm a seu encargo a tarefa complexa de criar os quadros fluídicos indispensáveis ao tratamento ou esclarecimento das entidades comunicantes. Esses painéis não são criados ao sabor do acaso, mas obedecem a uma programação e pesquisa sobre o passado dos que precisem desse recurso, tudo feito antecipadamente. Tais painéis fluídicos são tão perfeitos que possuem "vida" momentânea, com movimentos, cor, como se fossem uma tela cinematográfica na qual as pessoas que surgem são ligadas ao manifestante, ou ele mesmo se vê, vivendo cenas importantes de sua existência de espírito imortal.

Ensina o amigo espiritual que em toda reunião com um fim determinado existe na ambiência um centro mental definido, para o qual convergem todos os pensamentos dos encarnados quanto dos desencarnados. Este centro é um reservatório de plasma sutilíssimo, proveniente das vibrações mentais dos presentes, possibilitando a criação de formas-pensamentos, constituindo entidades, paisagens, telas, formando-se até mesmo jardins, templos, fontes, hospitais, escolas, lares, oficinas e outros quadros em que o comunicante sinta-se retornando à realidade

pretérita, o que, por certo, irá sensibilizá-lo profundamente, favorecendo a interferência dos benfeitores espirituais.

Toda essa movimentação visa a revitalizar a visão, a memória, a audição e o tato dos espíritos que ainda jazem em trevas mentais.

Uma dessas cenas espirituais, que está em minha memória, ocorreu quando da comunicação de certo espírito, perseguidor de uma pessoa que estava em tratamento em nossa Casa. (Esta não estava presente, pois não há necessidade da presença do obsidiado. Ver *Obsessão/Desobsessão*).²⁷ Ele se manifestara em outras noites, mas naquele momento estava diferente, menos agressivo e mostrava-se amargurado. Desde a primeira comunicação mencionara ter sido a sua vítima pessoa de grandes posses, em uma reencarnação ocorrida há mais de dois séculos, quando causou-lhe grande sofrimento que atingiu também a sua família, iniciando-se aí o desejo de vingança, esta agora concretizada, conforme se gabara desde a primeira comunicação.

Esse espírito tinha uma idéia fixa, pois via um solar antigo, onde havia uma espécie de galeria de quadros, suspensos nas paredes, local quase em penumbra, iluminado apenas por uma tocha, cena esta que surgiu ante a minha percepção. Os quadros eram enormes, com pesadas molduras e retratavam os donos e moradores do solar, todos com vestes

muito ricas, próprias da época. Uma das telas retratava aquela que fora sua algoz e em outra, ele próprio, que se via vagando por ali, sempre se defrontando com o olhar de sua desafeta, que parecia desafiá-lo. Agora, angustiado, dizia querer se livrar dessas lembranças que o atormentavam. O esclarecedor procurou atendê-lo convidando-o a seguir um novo caminho, a desistir de seu plano de vingança e começar a conquista da própria felicidade, o que afinal de contas propiciaria o seu reencontro com os entes queridos, dos quais se afastara. Falou-lhe de Jesus e que Ele viera para os enfermos da alma, que somos todos nós. À medida em que o espírito foi se deixando envolver e dominar pela emoção, algo surpreendente aconteceu, os quadros foram caindo das paredes e se transformando em pó, desaparecendo assim todo o lúgubre cenário, enquanto o nosso irmão comunicante, em lágrimas, reconheceu que se libertara do passado, começando ali uma nova caminhada.

Tudo isso nos dá uma pálida idéia do grandioso trabalho do mundo espiritual; é "o laboratório do mundo invisível", citado por Kardec, que esclarece:

(...) o Espírito atua sobre a matéria; da matéria cósmica universal tira os elementos de que necessita para formar, a seu bel-prazer, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação

íntima, que lhe confira determinadas propriedades. Esta faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando necessário, sem disso se aperceber. Os objetos que o Espírito forma, têm existência temporária, subordinada à sua vontade, ou a uma necessidade que ele experimenta. Pode fazê-los e desfazê-los livremente.²⁸

O resgate de obsessores: Gregório

O resgate de Espíritos que persistem no erro, dos que estão em cruéis processos de vingança, dos que se comprazem em disseminar o mal, dos obsessores cristalizados em seus propósitos, enfim, de todos os que ainda se mantêm sob o domínio dos instintos primitivos não é tarefa fácil. Equipes de busca e de socorristas se movimentam no sentido de encontrar aqueles que já estejam em condições de atendimento, freqüentemente tendo que buscá-los em regiões inferiores, em furnas e cavernas, onde as vibrações são extremamente negativas, impregnadas de fluidos deletérios.

O trabalho das equipes socorristas é, pois, bastante complexo e, para que um desses espíritos venha a transmitir uma comunicação, intensas e cuidadosas providências foram antecipadamente realizadas.

Camilo, mentor espiritual de Raul Teixeira, esclarecendo a respeito, assinala que "os desencarnados

sofredores, perturbados, violentos ou tipicamente maus" são conduzidos às sessões mediúnicas por "entidades especializadas para esse mister, com grandes habilidades magnéticas, com intensa desenvoltura psíquica para que dêem conta do trabalho em suas mãos".²⁹

Dr. Bezerra de Menezes, através da querida médium Yvonne A. Pereira, no livro *Dramas da obsessão* (págs. 20 e 21),³⁰ referindo-se ao resgate desses espíritos, particularmente os obsessores, explica que tal atividade é realizada por

(...) entidades espirituais pouco evolvidas, conquanto já regeneradas pela dor dos remorsos e pela experiência dos resgates, ansiosas pela obtenção de ações meritórias com que adornem a própria consciência, ainda tarjada pela repercussão dos deméritos passados. Efetuam-na, porém, invariavelmente, sob a direção de entidades instrutoras mais elevadas, subordinadas todas a leis rígidas, invariáveis, as quais serão irrestritamente observadas. Essas leis são, como bem se perceberá, as normas divinas do Amor, da Fraternidade e da Caridade, que obrigarão os obreiros em ação às mais patéticas e desvanecedoras atitudes de renúncia e abnegação, a fim de que não deixem jamais de aplicá-las, sejam quais forem as circunstâncias. Muitos desses operadores possuem método próprio de agir e os instrutores responsáveis pelo trabalho deixam-nos à vontade dentro do critério das leis vigentes, tal como a equipe de professores que ensinassem Letras, Ciências, etc, mantendo cada um o seu próprio método, embora preservando todas as leis da Pedagogia ou do critério particular de cada matéria.

Menciona ainda o venerável Dr. Bezerra que os métodos para a catequese de obsessores são variados e dependem da maneira como se apresentam os Espíritos, evidentemente segundo as circunstâncias do momento. Assim, ressalta que,³¹

As leis da Fraternidade, pelas quais se conduzem os obreiros do mundo espiritual, estabelecem assistência incansável ao obsessor, no intuito de convencê-lo à reforma de si mesmo. Jamais o violentam, porém, a essa meritória atitude, quando o compreendem ainda não preparado pela ação fecunda dos remorsos.

Outras modalidades de resgate são apresentadas por André Luiz em várias de suas obras, ditadas ao saudoso médium Chico Xavier, nas quais se sobressaem as medidas adotadas pelas equipes especializadas e que ocorrem antes da aproximação e abordagem que deverá ser feita ao Espírito a ser resgatado, compreendendo um prévio atendimento a seus entes queridos que estejam em situação de sofrimentos e dificuldades, que procurarão minorar ou solucionar, no intuito de conquistá-lo pelo sentimento, ou seja, pelo lado emocional. Este mesmo processo é relatado por Manoel Philomeno de Miranda, em seus livros psicografados pelo estimado médium Divaldo P. Franco.

Interessante observarmos como esse atendimento é feito através do relato de André Luiz, em sua

notável obra *Libertação*,³² que apresenta o difícil resgate do Espírito Gregório e de um grupo de outras entidades a ele ligadas direta ou indiretamente. Neste livro, André e seu companheiro Elói são orientados pelo Instrutor Gúbio e presidindo todas as providências que serão levadas a efeito, está Matilde, Espírito de grande evolução, mãe espiritual do sacerdote Gregório, dirigente de um núcleo das trevas. Gregório exerce grave processo obsessivo sobre Margarida (encarnada) a qual dedica um misto de ódio e paixão. Margarida é filha espiritual de Gúbio, mas é igualmente protegida de Matilde. No primeiro momento do processo de resgate, Gúbio, André e Elói foram conhecer a estranha "cidade" dirigida por Gregório, tendo então um primeiro contato com ele, quando se apresentaram como representantes de Matilde. O Instrutor espiritual procurou se certificar acerca de Margarida e foi informado por ele de que o caso dela estava entregue a sessenta de seus comandados, também estes espíritos dedicados ao mal. A essa altura, Gregório pronuncia uma frase de maneira enfática: "- Tenho necessidade do alimento psíquico que só a mente de Margarida me pode proporcionar".³³

Gúbio argumenta que a enferma é pupila de Matilde e pede que a libere para que possa ajudá-la. O algoz resiste, mencionando os detalhes do processo obsessivo, com características de grave vampiriza-

ção, já afetando o seu raciocínio e o corpo físico. O Instrutor insiste, lembrando que um dia ele teria que enfrentar o olhar de Matilde. Gregório acaba cedendo e promete não interferir, ensinando-lhe a senha a ser apresentada ao dirigente da falange operante. Gúbio, André e Elói se inteiram da situação ao chegar à residência da enferma, que abrigava grande número de entidades desequilibradas e cujo ambiente estava saturado de elementos intoxicantes. A partir daí várias providências são adotadas para conseguir o objetivo final, consistindo, inclusive, em sondar, de forma sutil, a Saldanha, que narrou os problemas familiares que o atormentavam, sendo prontamente auxiliado por Gúbio, que, com experiência e amor, atendeu e libertou os seus entes queridos, conquistando de forma definitiva a gratidão e o respeito daquele que concretizava o plano de Gregório. Para conseguir o atendimento direto à sua filha espiritual, o Orientador teve ainda que atender um dos dois hipnotizadores, postado à sua cabeceira, que também solicitou ajuda para problemas relacionados com seus entes queridos, no plano físico.

É oportuno assinalar que o cerco a Margarida constituía-se numa forma de vingança contra o pai dela, considerado por Saldanha como sendo um juiz cruel e implacável, que condenara injustamente o seu filho Jorge. Como consequência, sua esposa, ao ver o filho na prisão, morre de desgosto, e a nora

termina por suicidar-se, deixando uma filha pequena. Gúbio aproxima-se do juiz e consegue sensibilizá-lo, estando também envolvidos a neta de Saldanha, agora adolescente, e o filho do magistrado.

Somente depois de ter prestado esses benefícios aos atormentadores/atormentados é que o Instrutor espiritual iniciou a liberação da querida enferma, sendo então ajudado pelos próprios algozes, agora totalmente modificados.

Gúbio providenciou para que Margarida e o marido comparecessem a uma sessão mediúnica bem orientada, para a qual foi igualmente conduzido o outro hipnotizador, que se apresentava sem condições de entender a nova situação. Este foi ligado a uma das médiuns e através da comunicação mediúnica seus sentidos foram despertados. Visão, audição, tato e olfato foram intensificados. O insensível perseguidor chorou e se lamentou, sendo atendido pelo doutrinador e depois conduzido na posição de demente com retorno gradativo à razão.

Esta reunião contava com nove encarnados, mas eram vinte e um os colaboradores espirituais. Gúbio e Sidónio, mentor dos trabalhos, em esforço conjunto, através de operações magnéticas em Margarida, desligaram, finalmente, os "corpos ovóides", que foram entregues aos cuidados de uma comissão de seis colaboradores, que os conduziram a postos socorristas.

Saldanha, refletindo em tudo o que presenciara, pergunta ao Benfeitor "quais eram as armas justas num serviço de salvação", ao que este esclareceu:³⁴

- Em todos os lugares, um grande amor pode socorrer o amor menor, dilatando-lhe as fronteiras e impelindo-o para o Alto, e, em toda parte, a grande fé, vitoriosa e sublime, pode auxiliar a fé pequena e vacilante, arrebatando-a às culminâncias da vida.

O desfecho desse caso raia ao sublime quando o Instrutor proporciona a Margarida, em desdobramento, um encontro com Matilde. Esta surge "materializada", graças às energias fornecidas por Gúbio. Belíssima e comovente é a mensagem que ela transmite, através da qual se pode perceber a sua superior elevação. Na parte final, Gregório tentar investir contra Gúbio e todos os que constituíam a sua comitiva, dizendo-se traído, por ter perdido vários comandados, entretanto, Matilde se faz ouvir e em seguida torna-se visível, falando-lhe a alma, de maneira profunda e definitiva. Gregório, sem forças para prosseguir reagindo agressivamente, ante o amor com que ela o envolvia, ajoelha-se e chora, chamando por sua mãe.

Convidamos a todos que leiam esta magnífica obra de André Luiz,³⁵ da qual apresentamos apenas um brevíssimo resumo. E se você já leu, releia, pois a cada vez descobrimos novas riquezas. São assim os livros da Codificação e todos estes que a desdobram.

Outro tipo de atendimento, socorro e resgate acontece quando se trata de suicidas ou daqueles que, por serem muito apegados ao corpo físico, permanecem imantados aos despojos, dentro dos túmulos. Para exemplificar transcrevo a seguir um artigo de minha autoria, publicado no ano de 1989, na revista *Presença Espírita*, editada pela Mansão do Caminho (Salvador - BA), no qual descrevo o dramático depoimento de um Espírito, Joaquim, cuja tarefa é a de desligar espíritos suicidas que ainda estejam ligados aos despojos.

O doloroso resgate de Joaquim

Final de reunião mediúnica. Muitas entidades que deixaram o plano físico pelo suicídio foram atendidas. Casos tristes, complexos, vidas que foram cortadas abruptamente, tornando-se mais sofridas ainda no além-túmulo.

Eis que uma comunicação diferente acontece. É um dramático depoimento que comove a todos, feito com voz emocionada e veemente:

- Venho aqui com a permissão dos mentores para lhes falar a respeito do meu trabalho. Faço parte desta equipe que resgata os suicidas, sendo o menor dos aprendizes e o mais necessitado. Eu mesmo escolhi o meu serviço, ninguém o impôs. Por isto não reparem que eu esteja tão sujo e com as roupas

neste estado. É preciso que eu assim permaneça para não me esquecer, um momento sequer, das minhas dívidas.

"O meu nome é Joaquim - prossegue - e na minha última existência vivi no Rio de Janeiro, para onde fui com cinco anos, no início da década de 40. Cresci numa favela que começava a se formar numa das encostas dos morros cariocas. Cedo passei a fazer parte de um grupo que se dedicava ao jogo, assaltos e crimes os mais diversos. Nunca tive escrúpulos e agi sempre sob o impulso da minha natureza primitiva. Assim, quando uma moça ainda bem jovem, uma das minhas conquistas, ficou grávida, a minha atitude foi coerente com a minha forma habitual de agir. Desprezada, a jovem em desespero suicidou-se ingerindo veneno. A sua morte serviu-me, apenas, para que eu me gabasse de despertar paixões que enlouqueciam as mulheres. Três anos mais tarde, o fato se repetiu, pois a mulher sendo casada, sentindo-se descoberta pelo marido no relacionamento que mantínhamos, jogou-se à frente de um caminhão.

"Ainda assim continuei na minha louca vaidade, proclamando nas rodas boêmias que freqüentava que as mulheres se matavam por minha causa. Quando a década de 60 se iniciava, após cometer muitos crimes, inclusive assassinatos por contrato, eu mesmo fui vítima de uma tocaia, terminando os meus dias terrenos assassinado com nove facadas.

"Quando dei acordo de mim, nas sombras do túmulo e nos horrores das noites que não terminavam, saí à procura do meu assassino, ao qual me liguei qual molusco à pedra. Acuado pela minha sombra constante, este, em breve tempo, terminou os seus dias pelo suicídio. A partir de então, completamente dementado, entreguei-me à miserável tarefa de obsidiar as pessoas, para levá-las à morte. Muitos foram os que a ela induzi, direta ou indiretamente. Até que um dia, num desses processos de indução em que me comprazia, descobri que a minha vítima era, exatamente, um dos filhos que gerara numa aventura a que não dera importância.

"Embora desconhecendo esse filho, a descoberta me provocou violento choque emocional. De repente me vi: a hedionda face do crime, da maldade. Tive asco, horror, revolta, desespero. Queria morrer, me aniquilar para sempre, porém permanecia vivo, vivo! E o remorso a me consumir por dentro levava-me a crises de loucura, quando rolava pela lama e nela mergulhava, tentando me esconder do mundo. Finalmente, um dia, uma equipe de resgate visitou as furnas onde muitos infelizes, como eu, se ocultavam. Fui convidado a segui-los, amparado com carinho e medicado da melhor maneira possível.

"Desde então, irmãos que me ouvem, ao recuperar as forças ofereci-me para integrar essa mesma equipe. E pedi de joelhos que me deixassem fazer o serviço mais difícil e penoso. O meu trabalho é o de

entrar nos túmulos para retirar de lá aqueles suicidas que ainda se encontram presos aos despojos físicos. Ou os que jazem nas lamas das urnas e cavernas sem condições de saírem para o instante do socorro espiritual. Por isto trago as mãos enlameadas, as roupas em trapos, os pés ocultos por crostas dessas imundícies. E é preciso que eu fique assim, até que consiga, de alguma forma, expurgar de mim a lama dos meus crimes. Assim, venho dizer-lhes que este é um trabalho que recebe as bênçãos e atenção direta de Maria, a Mãe Santíssima, em cujo coração encontramos o bálsamo para as nossas dores e o ensejo de redenção para os nossos pecados. Sou feliz por estar agora no caminho da minha redenção. Orem por nós, os réprobos em resgate doloroso, mas, sobretudo, pelos que ainda prosseguem, inconscientes, na estrada do crime."

Calou-se a entidade. O dirigente agradece-lhe o relato, de forma muito emocionada e conforta-o com palavras de estímulo e carinho. A emoção domina os participantes e a reunião logo depois é encerrada.

Os comentários finais denotavam a surpresa geral ante a inesperada revelação feita por Joaquim de que seu trabalho era o de entrar dentro dos túmulos para ajudar no desligamento daqueles suicidas que se demoravam presos aos despojos.

Saímos pensativos, todos nós, tentando imaginar como seria feito isto e como alguém teria a coragem suficiente para fazê-lo.

Três semanas transcorreram após aquela noite.

Já esquecido o fato, estando na cidade de Votuporanga para a realização de palestras, recebo o livro *Chico, de Francisco*³⁶ - que não conhecia. Começo a folheá-lo, lendo um trecho aqui e ali, quando me deparo com o relato de Chico Xavier a respeito de um espírito que cheirava a álcool e que lhe disse o seguinte:

- Quando desencarnam espíritos muito apegados ao corpo e não querem deixá-lo, eu entro no túmulo e tenho que retirá-los à força. Então, para suportar o cheiro de carne humana em decomposição e ter um pouco de coragem, eu tomo os meus goles.

Impressionada, releio, recordando-me do nosso querido Joaquim. Mas, ao mesmo tempo me vem à mente a 2- parte da "Introdução" de *O Evangelho segundo o Espiritismo*,³⁷ quando Allan Kardec instrui a respeito do *controle universal dos espíritos*, aquela questão da universalidade dos ensinamentos dos Espíritos Superiores. Consultando o texto, relembremos o que diz o Codificador:

"São os próprios Espíritos que fazem a propagação, com o auxílio dos inúmeros médiuns que, também eles, os Espíritos vão suscitando de todos os lados". E prossegue: "Nessa universalidade do ensino dos Espíritos reside a força do Espiritismo e, também, a causa de sua tão rápida propagação".

Certamente outros médiuns, no exercício da mediunidade, já estão cientes desse tipo de atividade que é realizada nos planos de sofrimentos acerbos, no *vale dos suicidas*.

A história de Joaquim, afinal de contas, nos mostra, especialmente, o quanto é magnânima a Justiça Divina que permite ao infrator das suas leis redimir-se enquanto auxilia a redenção do próximo.

Com certeza muitos outros Joaquins estão por aí, no anonimato, felizes no seu doloroso processo de resgate.

Diante de todos esses comentários, uma pergunta pode surgir: os espíritos são encaminhados diretamente à comunicação, ou há necessidade de alguma preparação prévia?

Para que ocorram manifestações de entidades extremamente sofredoras (como suicidas, ou os que desencarnaram por "overdose", por exemplo) e aquelas que ainda se comprazem no mal, também os vampirizadores, os que se apresentam com formas animais, etc, há necessidade de serem tomadas certas precauções de âmbito espiritual, para que não ocorram impregnações fluídicas deletérias o que ocasionaria graves prejuízos para os médiuns e para o grupo. Assim, informa o Instrutor Camilo que,

os desencarnados que se vão comunicar são atendidos antes das manifestações, sofrendo envoltórios psíquicos dos

mentores responsáveis, verdadeiros "banhos" fluídicos de substâncias calmantes, para que, ao contatar a mente dos médiuns já estejam "amaciados", permitindo que esses médiuns tenham bom controle da situação, ao mesmo tempo que facilita as abordagens dos doutrinadores.

Caso os desencarnados sofredores ou cruéis não sofressem esses "amaciamentos", se se comunicassem como se encontram no Além, a tendência seria o adoecimento físico dos médiuns ou o seu desarranjo psíquico de difícil erradicação, considerando-se que isso seria passível de ocorrer em virtude das condições morais dos médiuns, em geral, que encontram dificuldade em se ajustar aos princípios de renovação de si mesmos, mantendo imensa fragilidade espiritual que os predisporia à assimilação de fluidos compatíveis com seu estágio de evolução. Ainda quando se manifestem desencarnados demonstrando grosseria no trato, violência nos gestos ou maldade nas falas, tudo já foi devidamente controlado pelos Benfeitores, deixando vaziar somente aquilo que sabem estar os médiuns com possibilidade de dominar.³⁸

A parte final da explicação de Camilo leva-nos a perceber um ângulo que temos abordado há muito tempo, ou seja, os mentores programam os trabalhos de acordo com a qualificação da equipe encarnada; infere-se, pois, que não é o grupo que decide a abrangência da reunião e, sim, a Espiritualidade, que irá encaminhar tarefas conforme as condições e disponibilidade de seus integrantes. Tal a razão de Allan Kardec ter lecionado ser um grupo "um ser

coletivo, cujas qualidades e propriedades são resultantes das de seus membros" (*O Livro dos Médiuns*, item 331). Portanto, se os encarnados pouco oferecem, se não estão suficientemente preparados, assíduos, dispostos, e, sobretudo, se não estão realizando a própria transformação moral, a Espiritualidade pouco poderá programar; ao contrário, se a equipe corresponde às expectativas dos mentores, a programação é rica em resultados e aprendizado e todos se beneficiam com os trabalhos.

E dizer que com a nossa invigilância podemos prejudicar num relance toda essa estrutura! Isto acontece quando comparecemos despreparados para a reunião, trazendo vibrações negativas, desequilibrantes; quando trazemos o pensamento vicioso e contaminamos o recinto cuidadosamente preparado. Nesta hora, os tarefeiros da espiritualidade usam recursos de emergência, isolando o faltoso, para que a maioria não seja prejudicada. Em caso mais grave, porém, poderá ocorrer um desequilíbrio nos circuitos vibratórios que defendem a sessão, o que possibilitará a entrada de Espíritos perturbadores e conseqüente prejuízo para os trabalhos e os participantes.

Como vemos, integrar uma equipe mediúnica é um encargo de grande responsabilidade. Importa considerar que somente as *reuniões mediúnicas sérias* merecerão dos benfeitores espirituais todo esse cuidadoso preparo mencionado.

Se os encarnados corresponderem, o grupo mediúnico crescerá em produtividade sob a chancela de Espíritos bondosos. Em caso oposto, a reunião nada produzirá de positivo, tornando-se presa fácil para os Espíritos inferiores.

O psicoscópio

*"O futuro pertence ao Espírito! (...)
Cada criatura com os sentimentos que lhe caracteri-
zam a vida íntima emite raios específicos e vive na
onda espiritual com que se identifica."*

EMMANUEL

(Prefácio de *Nos domínios da mediunidade*,

RJ: FEB, 1979.)¹

No livro acima citado, André Luiz informa acerca de um delicado e minúsculo aparelho, o psicoscópio, pesando apenas alguns gramas, cuja utilidade é relatada com minúcias no capítulo 2. Vejamos como o autor espiritual expõe a questão.

O psicoscópio destina-se à auscultação da alma, com capacidade de definir-lhe as vibrações e também para efetuar diversas observações em torno da matéria. Ao se efetuar a psicoscopia de uma pessoa ou de uma equipe de trabalhadores é possível registrar as suas possibilidades e categorizar-lhes a si-

tuação e segundo as radiações que projetam é que os mentores, verificando essas aptidões, planejam a obra que podem realizar, delegando-lhes responsabilidades compatíveis. "Funciona à base de eletricidade e magnetismo, utilizando-se de elementos radiantes, análogos na essência aos raios gama. É constituído por óculos de estudo, com recursos disponíveis para a microfotografia."

Através do psicoscópio é possível avaliar a moralidade, o sentimento, a educação e o caráter dos que estão sendo analisados.

André Luiz e seu companheiro Hilário tiveram a oportunidade, conforme relata o citado livro, de acompanhar as atividades de um grupo mediúnico, integrado em determinada casa espírita, grupo este constituído por dez componentes, sendo quatro médiuns que apresentavam faculdades bem desenvolvidas e de lastro moral respeitável.

Convidado pelo Instrutor espiritual Áulus a observar a equipe mediúnica usando o psicoscópio, André mostrou-se surpreso com as suas propriedades. Notou, então, que o teto, paredes e todos os objetos eram formados de correntes de força e emitiam uma fraca claridade. Os integrantes encarnados, por sua vez, estavam ligados entre si por vastos círculos radiantes em torno de suas cabeças, como se fosse uma coroa de luz solar, formada pelos dez participantes. Observemos as anotações do autor:

Desse colar de focos dourados alongava-se extensa faixa de luz violeta, que parecia contida numa outra faixa de luz alaranjada, a espriar-se em tonalidades diversas que, de momento, não pude identificar, de vez que a minha atenção estava presa ao círculo dos rostos fulgurantes, visivelmente unidos entre si, à maneira de dez pequeninos sóis, imanados uns aos outros. Reparei que sobre cada um deles se ostentava uma auréola de raios quase verticais, fulgentes e móveis, quais se fossem diminutas antenas de ouro fumegante. Sobre essas coroas que se particularizavam, de companheiro a companheiro, caíam do Alto abundantes jorros de luminosidade estelar que, tocando as cabeças ali irmanadas, pareciam suaves correntes de força a se transformarem em pétalas microscópicas, que se acendiam e apagavam, em miríades de formas delicadas e caprichosas, gravitando, por momentos, ao redor dos cérebros em que se produziam, quais satélites de vida breve, em torno das fontes vitais que lhes davam origem.

Admirado ante o que via, André perguntou ao Instrutor se aquele era um grupo de iniciados, conhecedores das revelações divinas, sendo esclarecido ser aquele um grupo de pessoas comuns, com um diferencial, ou seja,

trazem a mente voltada para os ideais superiores da fé ativa, a expressar-se em amor pelos semelhantes. Procuram disciplinar-se, exercitam a renúncia, cultivam a bondade constante e, por intermédio do esforço próprio no bem e no estudo nobremente conduzido, adquiriram elevado teor de radiação mental.

Também Hilário se surpreendeu ante o que considerou um "espetáculo magnífico", ao que Áulus esclareceu, perguntando:

...não sabe você que um homem encarnado é um gerador de força eletromagnética, com uma oscilação por segundo, registrada pelo coração? Ignora, porventura, que todas as substâncias vivas da Terra emitem energias enquadradas nos domínios das radiações ultravioletas? Em nos reportando aos nossos companheiros, possuímos neles almas regularmente evolutivas, em apreciáveis condições vibratórias pela sincera devoção ao bem, com esquecimento dos seus próprios desejos. Podem, desse modo, projetar raios mentais, em vias de sublimação, assimilando correntes superiores e enriquecendo os raios vitais de que são dínamos comuns.

As propriedades do psicoscópio são surpreendentes, porém, maior surpresa é o que ele revela e que André Luiz descreve, dando-nos a idéia de que realmente as dez pessoas que integram essa equipe mediúnica alcançaram um estágio evolutivo melhor. Todavia, logo ficamos sabendo, através das explicações de Áulus, que são pessoas comuns, embora com o diferencial de cultivarem certas qualidades que as identificam como trabalhadores do Bem, que procuram servir na seara do Mestre e para isso trazem a mente sintonizada com os ideais superiores, o que as leva a uma conduta disciplinada na qual estão presentes o amor ao próximo, a bondade e até mesmo a renúncia.

Quando se trata de renunciar, compreende-se toda uma forma de procedimento, do espírita sincero, que prioriza a busca de espiritualização, sabendo que terá de abrir mão, em muitos momentos, de certas situações mundanas, o que faz com alegria por já estar vivenciando a sua transformação moral. Os benefícios daí decorrentes se fazem sentir em seu mundo íntimo e em tudo o mais ao seu redor. Isto nos faz lembrar do capítulo XVII de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, item "O homem de bem".⁴⁰

Entretanto, a capacidade de irradiação, de emitir energia, não é privilégio de alguns indivíduos bem dotados de magnetismo e diferentes dos demais.

Por oportuno, mencionamos a seguir algumas considerações a respeito da aura humana, conforme a sempre abalizada e esclarecedora palavra de André Luiz, em duas obras de sua autoria.

Em *Evolução em dois mundos*, após elucidar que todas as células emitem radiações registra:

Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos se revestem de um "halo energético" que lhes corresponde à natureza.

No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanções do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura.

Nas reentrâncias e ligações sutis dessa túnica eletromagnética de que o homem se entreja, circula o pensamento, colorindo-a com as vibrações e imagens de que se constitui, aí exibindo, em primeira mão, as solicitações e os quadros que improvisa, antes de irradiá-los no rumo dos objetos e das metas que demanda.

Aí temos, nessa conjugação de forças físico-químicas e mentais, a aura humana, peculiar a cada indivíduo (...)"⁴¹

O mesmo autor espiritual, no livro *Mecanismos da mediunidade*, explanando acerca do campo da aura, avança um tanto mais em suas explicações:

Articulando, ao redor de si mesma, as radiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático, a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria aura ou túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam as irradiações que lhe são peculiares.

Evidenciam-se essas irradiações, de maneira condensada, até um ponto determinado de saturação, contendo as essências e imagens que lhe configuram os desejos no mundo íntimo, em processo espontâneo de auto-exteriorização, ponto esse do qual a sua onda mental se alonga adiante, atuando sobre todos os que com ela se afinem e recolhendo naturalmente a atuação de todos os que se lhe revelem simpáticos.

E, desse modo, estende a própria influência que, à feição do *campo* proposto por Einstein, diminui com a distância do fulcro consciencial emissor, tornando-se cada vez menor, mas a espalhar-se no Universo infinito.⁴²

A aura, vista através da fotografia Kirlian

Como vimos, já há muito os espíritas têm conhecimento acerca do perispírito, da aura, do duplo etérico, etc, mas nem sempre são citadas as experiências científicas realizadas em outros países, que nada mais são do que caminhos diversos para se chegar aos mesmos resultados, denotando assim que os Espíritos Superiores que dirigem o nosso planeta disseminam, por toda parte, as sementes luminosas do conhecimento, fonte de inspiração e *insight* para os que estão nas faixas dessas revelações. Assim, ocorrem descobertas notáveis, como se fossem "obras do acaso". Isto aconteceu, por exemplo, com a fotografia Kirlian.

Creemos, pois, ser de bom alvitre mencionarmos alguns pontos relativos à aura humana e à capacidade dos seres vivos de emitir energia, na visão de outros autores. Valemo-nos para tanto de textos das escritoras Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, na obra *Experiências psíquicas além da Cortina de Ferro*, cap. 16.⁴³

O conceito da aura humana, nuvem radiante e luminosa que envolve o corpo, remonta a séculos. Gravuras do primitivo Egito, da Índia, da Grécia, de Roma, mostravam as figuras sagradas circundadas de uma orla luminosa muito antes que os artistas da era cristã principiassem a pintar os santos rodeados de halos. Essa convenção, na realidade, pode ter-se baseado nas observações de clarividentes que viam, segundo

eles mesmos asseveravam, uma radiância envolvendo os santos.

A famosa médium, Sra. Eileen Garrett, afirma em seu livro *Awareness* (Berkeley Publishing Corp., Nova Iorque, 1968): "Sempre vi todas as plantas, animais e pessoas cingidas de uma orla indistinta". De acordo com o estado de espírito das pessoas, diz ela, essa cercadura muda de cor e de consistência. (...)

O casal de cientistas russos Semyon Kirlian, conceituado técnico eletricitista, e sua esposa Valentina, professora e jornalista, em experiências científicas, na cidade de Crasnodar, no sul da Rússia, criaram, em 1939, uma máquina capaz de fotografar o corpo energético (ou aura) das plantas, animais e seres humanos, hoje conhecida como fotografia Kirlian.

Semyon Kirlian teve a sua atenção despertada quando foi chamado para consertar um equipamento que pertencia a um cientista e ali, no laboratório de pesquisa, viu, por acaso, a demonstração de um instrumento de alta frequência de eletroterapia. Enquanto o paciente recebia tratamento através dos eletrodos da máquina, Kirlian notou, de repente, um minúsculo lampejo de luz entre os eletrodos e a pele. Pensou então na possibilidade de fotografar o fenômeno, inserindo uma chapa fotográfica entre a pele e o eletrodo. Kirlian fez a experiência, mas teve que substituir os eletrodos de vidro, que eram os usuais, pelo de metal, e mesmo sabendo do risco de se queimar ligou-o à própria mão e em seguida ligou a má-

quina, tendo sofrido realmente séria queimadura, numa exposição de três segundos. Ao revelar a fotografia, constatou que nela surgiu uma espécie de luminescência em torno dos dedos. Nascia a fotografia Kirlian, mas só depois de dez anos a máquina estaria suficientemente aperfeiçoada.

É interessante ressaltar, segundo o livro de Sheila e Lynn, que o casal aperfeiçoou de tal forma a máquina que as fotografias passaram a ter movimento. Vejamos como é narrado esse momento:

(...) Kirlian colocou a mão debaixo da lente e ligou a corrente. E um mundo fantástico, nunca visto, desvelou-se diante do marido e da mulher.

A própria mão parecia a Via-láctea num céu estrelado. Sobre um fundo azul e ouro, o que estava acontecendo na mão lembrava um espetáculo de fogos de artifício. Clarões multicoloridos se acendiam, seguidos de centelhas, cintilações e relâmpagos. Algumas luzes brilhavam como pistolões, outras fulguravam e depois se apagavam. Outras ainda luziam a intervalos. Em certas partes da mão havia nuvenzinhas escuras. Resplendores serpenteavam ao longo de labirintos que faiscavam como espaçonaves a caminho de outras galáxias. Que significavam aqueles clarões? Que estavam iluminando? As centelhas que pulsavam não se movimentavam ao acaso. O seu jogo parecia obedecer a leis. Mas que leis eram essas?

Outro ponto importante da obra da qual estamos transcrevendo alguns trechos, diz respeito ao corpo energético (cap. 17). Conforme as autoras elucidam,

(...) durante séculos, videntes, escritores, clarividentes, assim como antigas filosofias e religiões se referiam a um corpo invisível que todos possuímos. Ele tem sido chamado, através dos séculos, "corpo sutil", "corpo astral", "corpo etérico", "corpo fluídico", "corpo Beta", "corpo equivalente", "corpo pré-físico", para citarmos apenas alguns de seus nomes.

As autoras referem-se, novamente, à médium Eileen Garrett, "uma das médiuns mais notáveis e merecedoras de confiança do nosso tempo", presidente da Fundação de Parapsicologia de Nova Iorque, que em seu livro *Awareness*, escreve:

Durante toda a minha vida eu soube que todos possuímos um segundo corpo - um duplo. O duplo é um fato distinto nos ensinamentos orientais e teosóficos e, como tal, considerado um corpo energético, uma área magnética associada ao corpo físico, em que forças imateriais do cosmo, o sistema solar, o planeta e o nosso meio mais imediato são normalmente transformados na vida e na crença do indivíduo.

Outra médium, esta inglesa e conceituadíssima, Geraldine Cummins, na década de 1930, disse algo surpreendente, que seria confirmado nas experiências feitas na Rússia.

A mente não opera diretamente sobre o cérebro. Existe um corpo etérico que é o elo entre a mente e as células do cérebro(...) Partículas corpusculares muito menores do que as que os cientistas já conhecem viajam ao longo de fibras do corpo etérico, ou duplo, para certas regiões do corpo e para

o cérebro.(...) Cada animal tem um corpo unificador invisível feito de éter modificado. Deverá ser possível inventar, com o tempo, um instrumento que nos permita perceber esse corpo.

A máquina Kirlian veio atender a essa necessidade. E mais do que isto, veio comprovar de forma cabal as avançadas elucidações espíritas, desde a Codificação de Allan Kardec.

A equipe mediúnica

É imprescindível que a equipe mediúnica seja constituída de pessoas bastante harmonizadas entre si, que estejam conscientes da seriedade do trabalho, que tenham amor pela Doutrina Espírita e pelas tarefas, que estejam empenhadas na própria transformação moral, que cultivem a fé e perseverem no estudo e na disciplina. São qualidades que os integrantes dos grupos mediúnicos devem buscar, compreendendo ainda que a vigilância e a prece devem igualmente ser cultivadas para que possam vencer as dificuldades inerentes ao próprio labor. A par disso, é importante que se ajudem na esfera do cotidiano, pois as ligações de afeto se estreitam quando os componentes sabem que podem contar uns com os outros em seus momentos de dificuldades e testemunhos no campo pessoal.

Manoel Philomeno de Miranda adverte que, "As reuniões espíritas são compromissos graves assumidos perante a consciência de cada um, regulamen-

tados pelo esforço, pontualidade, sacrifício e perseverança de seus membros".⁴⁴

O grupo de Raul Silva

Abordaremos, a partir de agora, o capítulo 3 do livro *Nos domínios da mediunidade*,⁴⁵ ditado por André Luiz, no instante em que o Instrutor apresenta alguns dos integrantes do grupo dirigido por Raul Silva, analisados pelo aspecto espiritual.

Iniciando pelo próprio dirigente, o orientador Áulus assim se expressa:

- Este é o nosso irmão Raul Silva, que dirige o núcleo com sincera devoção à fraternidade. Correto no desempenho dos seus deveres e ardoroso na fé, consegue equilibrar o grupo na onda de compreensão e boa vontade que lhe é característica. Pelo amor com que se desincumbe da tarefa, é instrumento fiel dos benfeitores desencarnados, que lhe identificam na mente um espelho cristalino, retratando-lhe as instruções.

Na seqüência designa uma senhora bem jovem. Eugênia, para a qual prevê brilhante futuro no campo do bem, categorizando-a como médium de grande docilidade, excelente na transmissão das mensagens, o que a torna muito eficiente na ajuda aos desencarnados em desequilíbrio. Possui intuição clara aliada à distinção moral, mantendo-se cons-

ciente no momento do intercâmbio, o que o Instrutor considera uma vantagem e benefício para a ação da Espiritualidade.

Mencionando outro médium, um rapaz novo, Anélio Araújo, esclarece estar ele progredindo na clariividência, na clariaudiência e na psicografia.

Em seguida, refere-se a Antônio Castro, citando ser ele um moço bem-intencionado e dotado de valiosas possibilidades. Menciona que é sonâmbulo (hoje este termo foi substituído por médium inconsciente), o que o leva a ter demasiada passividade, o que requer muita vigilância por parte dos mentores. Tem facilidade de desdobramento, mas ainda tem pouca experiência, necessitando de mais estudos e prática. Além disso, esclarece Áulus,

quando empresta o veículo a entidades dementes ou sofredoras, reclama-nos cautela, porquanto quase sempre deixa o corpo à mercê dos comunicantes, quando lhe compete o dever de ajudar-nos na contenção deles, a fim de que o nosso tentame de fraternidade não lhe traga prejuízo à organização física. Será, porém, valioso auxiliar em nossos estudos.

Por fim, apresenta a médium Celina, uma senhora com mais de cinquenta anos, ressaltando suas qualidades de "devotada companheira de nosso ministério espiritual", citando suas conquistas pessoais:

Viúva, há quase vinte anos, dedicou-se aos filhos, com admirável denodo, varando estradas espinhosas e dias

escuros de renúncia. Suportou heroicamente o assédio de compactas legiões de ignorância e miséria que lhe rodeavam o esposo, com quem se consorciara em tarefa de sacrifício. Conheceu, de perto, a perseguição de gênios infernais a que não se rendeu e, lutando, por muitos anos, para atender de modo irrepreensível às obrigações que o mundo lhe assinalava, acrisolou as faculdades medianímicas, aperfeiçoando-as nas chamas do sofrimento moral, como se aprimoram as peças de ferro sob a ação do fogo e da bigorna. Ela não é simples instrumento de fenômenos psíquicos. É abnegada servidora na construção de valores do espírito. A clarividência e a clariaudiência, a incorporação sonambúlica (*inconsciente*) e o desdobramento da personalidade são estados em que ingressa, na mesma espontaneidade com que respira, guardando noções de suas responsabilidades e representando, por isso, valiosa colaboradora de nossas realizações. Diligente e humilde, encontrou na plantação do amor fraterno a sua maior alegria e, repartindo o tempo entre as obrigações e os estudos edificantes, transformou-se num acumulador espiritual de energias benéficas, assimilando elevadas correntes mentais, com o que se faz menos acessível às forças da sombra.

André indaga o que o psicoscópio registraria quanto à posição espiritual de Celina, tendo Áulus esclarecido que assinalaria as suas emanções fluídicas de bondade, compreensão, fé e bom ânimo. Afirma que mais tarde, tal como já é possível ao homem separar e estudar as radiações do átomo de urânio, também poderá examinar emissões mentais de otimismo, tristeza, desesperação e fixar-lhes a densidade e os limites.

Lembra que os princípios mentais são mensuráveis e, certamente, merecerão no futuro acuradas atenções, assim como ocorre com os fotônios, estudados pelos cientistas que estão empenhados em decifrar a constituição específica da luz.

Prosseguindo nos esclarecimentos, acrescenta: "Uma ficha psicoscópica, sobretudo, determina a natureza de nossos pensamentos e, através de semelhante auscultação, é fácil ajuizar dos nossos méritos ou das nossas necessidades".

Em seguida, André é convidado a examinar o campo encefálico da médium Celina, sendo alertado pelo Orientador que ali "estão assentadas as chaves de comunicação entre o mundo mental e o mundo físico".

Anotemos o que André constatou utilizando-se do aparelho:

(...) o cérebro de nossa amiga pareceu-nos poderosa estação radiofônica, reunindo milhares de antenas e condutos, resistências e ligações de tamanho microscópico, à disposição das células especializadas em serviços diversos, a funcionarem como detectores e estimulantes, transformadores e ampliadores da sensação e da idéia, cujas vibrações fulguravam aí dentro como raios incessantes, iluminando um firmamento minúsculo.

Nesse verdadeiro e precioso labirinto "a epífise brilhava como pequenino sol azul". André repara, admirado, as células do cérebro, os neurônios e os

feixes das sinapses no córtex "vibrando com a passagem do fluxo magnético do pensamento".

Estes trechos são suficientes para dar-nos uma idéia dos aspectos espirituais atinentes aos integrantes de um grupo mediúnico, pois conhecendo com mais detalhes a ação da Espiritualidade, melhor se pode ajuizar quanto às dimensões do intercâmbio com o mundo invisível, realizado sob a égide da Doutrina Espírita.

Enquanto que no plano físico os trabalhos decorrem regularmente, no outro plano as providências e atividades se desdobram, ampliadas, ricas, produtivas.

André Luiz apresenta esta equipe mediúnica e seus integrantes como exemplo e estímulo para todos os que se dedicam à prática da mediunidade. Em decorrência, é sempre oportuno nos perguntarmos a quantas andam, na atualidade, os nossos grupos mediúnicos. Uma avaliação é sempre necessária e conveniente a fim de checarmos o nosso desempenho. A busca da qualidade no exercício da mediunidade deve ser constante para que estejamos à altura da confiança que os Benfeitores da Vida Maior depositam em nós.

Diante das especificações morais dos médiuns e do próprio dirigente, Raul Silva, temos um padrão a ser seguido. Cabe citar aqui a afirmativa de Emmanuel: "Não é a mediunidade que te distingue. É aquilo que fazes dela".⁴⁶

É sempre válido e importante recordarmos que Allan Kardec afirma enfaticamente que uma reunião depende, para dar bons frutos, das qualidades e propriedades de seus membros e que essas qualidades e propriedades para terem mais forças devem formar um feixe homogêneo (*O Livro dos Médiuns*, item 331).⁴⁷ Nisto reside boa parte das dificuldades que as equipes mediúnicas enfrentam, ou seja, formar um grupo homogêneo, visto que, quase sempre, estão mais para um núcleo heterogêneo, conforme mencionamos, anteriormente, no capítulo 6.

A questão da homogeneidade de pensamentos e vibrações vai desaguar num ponto muito especial, que é o da concentração. Muitas pessoas sentem dificuldades em concentrar-se pelo tempo necessário nas sessões mediúnicas. Em meu livro *Mediunidade: Caminho para ser feliz*⁴⁸ abordo o assunto com detalhes.

Nossos grupos mediúnicos podem apresentar condições que se aproximem destas citadas, dependendo da seriedade que imprimam nas atividades, no estudo contínuo, na dedicação e amor de cada momento, nos testemunhos de fidelidade a Jesus e a Kardec, enquanto equipe mediúnica e, também, no âmbito pessoal, pois que as qualidades que adquirirmos no nosso cotidiano é que serão as que cada um oferecerá à equipe espiritual para a programação das atividades a cada sessão.

Além disso, é imperioso estudar sempre, mergulhando o pensamento nas obras da Codificação, nas subsidiárias fiéis, tendo o cuidado de não criar ou aceitar certas teorias e idéias esdrúxulas, que deturpam os claros conceitos da Doutrina. Tudo submeter ao crivo da razão, conforme preconiza Kardec, e não perdendo de vista a universalidade e concórdia nos ensinamentos dos espíritos.

O bom senso deve imperar, em especial, nos momentos de dúvida, nas dificuldades de interpretações, nas crises que porventura surjam; nesta hora é oportuno buscar ajuda de pessoas com mais experiências, na qual o grupo confia, para que façam juntos uma reflexão em torno dos problemas vivenciados no momento.

Voltando aos médiuns e ao dirigente da equipe que estamos analisando, cada um terá seu desempenho narrado por André Luiz, conforme enfocaremos gradativamente.

Enfermagem espiritual libertadora

Dentre as atividades que os benfeitores espirituais realizam durante as sessões mediúnicas, devemos ressaltar aquela que o Espírito Manoel Philomeno de Miranda denomina de "enfermagem espiritual libertadora", pelo seu alcance e importância.

Ensina esse Benfeitor:

Ressalvadas outras finalidades expressivas, as sessões práticas ou mediúnicas do Espiritismo assumem, igualmente, a função consoladora, pelo lenir de saudades e diminuir de dores que propiciam, através do abençoado intercâmbio espiritual, não somente das Entidades Veneráveis, como daquelas que sofrem, ensinando pela dor a correta vivência do amor... Mas, também, pelo facultar o retorno dos seres amados ao convívio afetoso, pela palavra oral ou escrita, nas materializações ou nas fortes induções mentais de caráter intuitivo. Escola de bênçãos superiores, a sessão de intercâmbio, é medicação para os Espíritos de ambos os lados da vida, estímulo e prova da sobrevivência, por cujo

valioso concurso assumem-se responsabilidades morais e coragem para vencer as vicissitudes do caminho de ascensão..."⁴⁹

Em meu livro, *Obsessão/Desobsessão*, enfocando o recinto onde são realizadas as sessões mediúnicas de desobsessão, mencionamos ser este o local onde são medicadas mais diretamente as almas e que,

é a este ambiente apropriado, revestido de vibrações adequadas e que requer cuidados especiais da Espiritualidade Maior, que são trazidos os enfermos do espaço, para receberem o tratamento do amor. Nenhuma outra medicação existe, mais adequada e nem mais bem indicada. As chagas morais; as dores que estão insculpidas no âmago do ser; a tortura do ódio que abrasa aquele que o alimenta; o coração que renegou a Deus e que se apresenta enjaulado dentro de si mesmo; o suicida que se sente morrendo e vivendo em dores superlativas; o infeliz acorrentado às grilhetas do vício; todos, enfim, que representam o cortejo das agonias humanas, só alcançarão alívio e tratamento, resposta e orientação na medicação universal do Amor! (...)

Para os encarnados tais reuniões são de extrema utilidade, pois ali não somente colhem ensinamentos, mas, sobretudo, exemplificações, lições vivas que nos marcam profundamente e nos acordam para nossas crescentes responsabilidades, ao mesmo tempo em que nos identificamos com os dramas descritos pelos comunicantes, sentindo que eles são nossos irmãos em Humanidade e que suas dores são também nossas.(...)

Os trabalhos desobsessivos são visivelmente úteis aos participantes do plano físico e são também muito valiosos para

os desencarnados. André Luiz relata que um número de criaturas, ao abandonar a veste carnal, mostram-se inconformadas com a nova situação que enfrentam e são tomadas de mórbida saudade do ambiente terrestre, ansiando a todo custo pelo contato com as pessoas encarnadas, de cujo calor humano sentem falta. A sala onde se realizam os trabalhos mediúnicos representa para tais seres a possibilidade de entrarem em contato com os que ainda estão na Terra e de receber destes as vibrações magnéticas de que carecem."⁵⁰

Em *Temas da vida e da morte*,⁵¹ Miranda le-gou-nos esclarecedores ensinamentos ao expor os procedimentos da Espiritualidade, que comumente acontecem quando das sessões mediúnicas.

Após tecer preciosas considerações a respeito de processos de libertação psíquica de espíritos desencarnados que, por falta de entendimento em relação aos valores superiores da vida, permanecem presos por largo tempo, até séculos, a fixações mentais perturbadoras, relaciona os benefícios do intercâmbio mediúnico, no consolo e auxílio mais direto a esses nossos irmãos. Certamente que a maior parte dos atendimentos ocorrem nas áreas de socorro da própria Espiritualidade, que utiliza variadas terapêuticas, nem sempre do nosso conhecimento.

Tudo isto evidencia para nós a solicitude do Criador em favor de todos os filhos, que são amparados e socorridos nas diversas dimensões em que a vida se manifesta. Sob a égide do Pai do Céu, legiões

de Espíritos Superiores se movimentam por todo o Universo atendendo a todas as criaturas, em especial as que estão em patamares inferiores, como a nossa Humanidade do planeta Terra, para que o ser humano consiga alcançar estágios mais felizes.

Atentemos para os benefícios do intercâmbio mediúnico:

- a) proporcionam aos membros do grupo socorrista lições proveitosas;
- b) melhor compreensão da lei de causa e efeito;
- c) exercício da fraternidade, possibilitando aos encarnados, ao se sensibilizarem com as dores dos que se comunicam, melhor atenderem os que os cercam, no plano físico, minorando-lhes os sofrimentos;
- d) "porque o perispírito possui os mesmos *órgãos* que o corpo físico, quando ocorre o fenômeno da psicofonia, duas ocorrências se dão: 1) durante o acoplamento perispiritual os desencarnados ajustam a sua organização à do médium e voltam ao contato com aqueles que lhes não registravam a presença, não os ouviam, não os viam. Nessa fase podem dar expansão aos sentimentos que os atormentavam, aliviando-se, e, com o atendimento esclarecedor que recebem, modifica-se-lhes o estado íntimo. 2) no intercâmbio natural, ocorre um *choque* fluídico, pelo qual as forças aní-

micas do percipiente rompem-lhes a *crosta* ideoplástica que os envolve e lhes absorvem os vibrações mentais, qual esponja que se encharca, diminuindo-lhes, expressivamente, a psicofera negativa que respiram, permitindo-lhes o diálogo no qual se dão conta da morte, *remorrendo*, para despertar posterior em condições lúcidas que propiciam aos mentores conduzi-los a postos, hospitais de socorro ou escolas de aprendizagem, nos quais se capacitam para futuros cometimentos";

- e) tornam-se possíveis *cirurgias perispirituais* enquanto ocorre a comunicação bem como outros processos socorristas mais específicos, que visam a beneficiar os que estão presos às reminiscências carnis, por eles vitalizadas com a mente viciada, construindo por si mesmos os próprios sofrimentos;
- f) as equipes de encarnados e desencarnados se exercitam na caridade anônima;
- g) a possibilidade que têm os espíritos que ainda permanecem em faixas muito baixas do psi-quismo, impregnadas de teor venenoso, e que não conseguem sintonizar com os benfeitores da Espiritualidade, conseguirem, através do diálogo com os encarnados, o despertar para uma visão diferente de vida.

Em muitas situações ocorridas nas sessões mediúnicas, temos tido o ensejo de verificar a atuação dos espíritos médicos e enfermeiros, atendendo e medicando os comunicantes e, especialmente quando se apresentam mutilados, desfigurados, os casos de zoantropia,⁵² de monoideísmo, como também os que se sentem presos aos sofrimentos dos últimos instantes da vida física.

Convém lembrar que esses nossos irmãos comunicantes, mesmo com todas essas características perispíricas, recebem, antecipadamente, uma preparação adequada por parte dos Espíritos especializados, a fim de atenuar as suas vibrações maléficas, desarmônicas, que prejudicariam os médiuns que os sintonizassem.

Mencionaremos a seguir algumas manifestações que aconteceram por nosso intermédio, cujos Espíritos comunicantes se apresentavam em grande sofrimento e desfigurados.

Comunicou-se uma entidade que apresentava fisionomia bastante modificada, simiesca, queixo projetado, com pêlos no rosto, nos braços, que se sentia como um animal. Embora com dificuldade para falar, dizia que era um bicho e que não queria sair deste estado, queria permanecer na fuma onde estava. O esclarecedor, com muito carinho, procurou trazê-lo de volta à realidade, afirmando ser ele um filho de Deus,

um irmão nosso, que merecia ser feliz, ser amado, etc. Depois de certo tempo, diante das argumentações do doutrinador, ele se emocionou e percebeu que desejava ser amado, que desejava uma vida melhor; nesse momento, sentiu que toda a sua aparência se modificava. Observamos a ação espiritual, magnetizando-o, a fim de auxiliar a sua libertação.

Outro comunicante trazia as pernas muito grossas, disformes, cobertas de crostas e feridas, pés enormes e inchados, não conseguia mover-se; a certa altura, sob o amparo espiritual, sentiu que toda a crosta se desprendia, à semelhança da casca de uma árvore, e suas pernas e pés voltaram à normalidade.

Um dos Espíritos mais necessitados se apresentou disforme, de tal maneira que é difícil explicar, como se fosse, por comparação, a parte do corpo de um polvo, sem os tentáculos. Passava-me a sensação de estar como que debruçado às minhas costas. Permaneceu poucos minutos, o suficiente para ouvir ou sentir uma prece feita pelo doutrinador. Antes de estabelecer a ligação conosco, o mentor pediu-nos que informasse ao doutrinador qual a situação do Espírito e, que neste caso, só algumas palavras e uma prece. Também recebeu passes durante os breves momentos em que esteve em nosso ambiente. Observamos que ali mesmo foi realizado um processo de tratamento que escapa à nossa compreensão. Um caso como este só aconteceu uma vez em nossa prática mediúnica. Por

certo, naquela reunião, todo o grupo esteve em condições de cooperar com a Espiritualidade nesse tipo de socorro.

Tivemos também o ensejo de perceber e dar passividade a Espíritos com forma ovóide, que de certa maneira se assemelham um pouco com este acima citado. A aproximação destes ovóides é desgastante para o médium, havendo necessidade de passes durante o processo de ligação mental; o doutrinador deve proferir algumas palavras de reconforto e uma prece para beneficiá-lo, quando então é encaminhado pelos enfermeiros espirituais. Como é óbvio, tais entidades não têm condições de falar.

A questão da aparência dos espíritos é abordada pelo Codificador em *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, cap. VI "Das manifestações visuais", sendo que no item 100, pergunta 30ª, se lê:

Poderiam os Espíritos apresentar-se sob a forma de animais?

Isso pode dar-se; mas somente Espíritos muito inferiores tomam essas aparências. Em caso algum, porém, será mais do que uma aparência momentânea.

O dirigente

Retomando os comentários sobre o livro *Nos domínios da mediunidade*,³ enfocaremos aqui o capítulo 5, intitulado "Assimilação de correntes mentais", a fim de observarmos os aspectos espirituais da atuação de Raul Silva, dirigente da reunião mediúnica.

O mentor da reunião é o irmão Clementino, que recebeu os três visitantes com muito carinho e atenção. Os trabalhos estavam prestes a se iniciar... Vários Espíritos colaboradores se aproximaram dos médiuns e Clementino se postou ao lado de Raul Silva. Neste ínterim, Áulus graduou o psicoscópio e convidou André para que examinasse o que estava acontecendo.

Ele notou que os participantes, já devidamente preparados para as atividades, se mostravam

quais se fossem correntes eletromagnéticas em elevada tensão.

O sistema nervoso, os núcleos glandulares e os plexos emitiam luminescência particular. E, justapondo-se ao cérebro,

a mente surgia como esfera de luz característica, oferecendo em cada companheiro determinado potencial de radiação.

Atuação de Raul Silva

Aproximando-se o momento do início dos trabalhos, Clementino colocou a mão na frente do dirigente, mostrando-se mais humanizado, quase obscuro. Prontamente, Áulus explica:

- O Benfeitor espiritual que ora nos dirige (...) afigura-se-nos mais pesado porque amorteceu o elevado tom vibratório em que respira habitualmente, descendo à posição de Raul, tanto quanto lhe é possível, para benefício do trabalho começante.

André narra que "a cabeça venerável de Clementino passou a emitir raios fulgurantes, ao mesmo tempo que o cérebro de Silva, sob os dedos do Benfeitor, se nimbava de luminosidade intensa, embora diversa".

Neste instante o Mentor profere a prece inicial que Raul transmitiu com pequenas variações. A emoção envolveu a todos. Fios brilhantes ligavam os componentes da mesa, que nesta hora se mostravam mais fortemente vinculados entre si.

André se aproximou de Silva para investigar melhor as suas impressões físicas. Notou que ele se encontrava envolvido por vigorosa onda de força, que se estendia ao tórax, braços e mãos, dando-lhe a sensação de "agradável calafrio". O Instrutor espi-

ritual esclarece, então, que "o jato de forças mentais de Clementino" atuou sobre o psiquismo de Raul como a corrente dirigida para a lâmpada elétrica. Localizando-se na altura do plexo solar repercutiu no sistema neuronal, "como a energia elétrica da usina emissora que, atingindo o filamento incandescente da lâmpada, produz a luz".

Graduação da voltagem

Diante desta analogia, André indaga quanto ao problema da voltagem, dando ensejo a que Áulus transmitisse esclarecimentos que muito interessam aos médiuns em geral. Vejamos:

Clementino graduou o pensamento e a expressão, de acordo com a capacidade do nosso Raul e do ambiente que o cerca, ajustando-se-lhe às possibilidades, tanto quanto o técnico de eletricidade controla a projeção de energia, segundo a rede dos elementos receptivos.

Façamos agora outras considerações quanto à questão da voltagem. Começamos com Leon Denis, no seu magnífico livro *No Invisível*:⁵⁴

Para comunicar conosco deverá o Espírito amortecer a intensidade de suas vibrações, ao mesmo tempo que ativará as nossas. Nisso o pode o homem voluntariamente auxiliar; o ponto a atingir constitui para ele o estado de mediunidade.

Sabemos que a mediunidade, no maior número de suas aplicações, é a propriedade que têm alguns dentre nós de se

exteriorizar em graus diversos, de se desprender do envoltório carnal e imprimir mais amplitude a suas vibrações psíquicas. Por seu lado, o Espírito libertado pela morte se impregna de matéria sutil e atenua suas radiações próprias, a fim de entrar em uníssono com o médium.

Aqui se fazem necessários uns algarismos explicativos. Admitamos, a exemplo de alguns sábios, que sejam de 1.000 por segundo as vibrações normais do cérebro humano. No estado de "transe", ou de desprendimento, o invólucro fluídico do médium vibra com maior intensidade, e suas radiações atingem a cifra de 1.500 por segundo. Se o Espírito, livre no espaço, vibra à razão de 2.000 no mesmo lapso de tempo, ser-lhe-á possível, por uma materialização parcial, baixar esse número a 1.500. Os dois organismos vibram então simpaticamente; podem estabelecer-se relações, e o ditado do Espírito será percebido e transmitido pelo médium em transe sonambúlico.

É essa harmonização das ondas vibratórias que imprime às vezes ao fenômeno das incorporações tamanha precisão e nitidez. Nos outros estados de mediunidade o pensamento do Espírito se poderá igualmente comunicar por vibrações correspondentes, posto que menos intensas que as vibrações iniciais, do mesmo modo que uma nota musical se repete, de oitava em oitava, desde a clave mais alta à mais baixa da vibração harmônica. (Cap. VIII, da Iª parte.)

Duas comunicações raras

Essa questão da graduação da voltagem, ou seja, do teor vibratório do Espírito comunicante, acontece

com certa freqüência nas reuniões mediúnicas, pois sempre que o Espírito apresentar padrão espiritual mais elevado que o médium esta situação irá ocorrer. Entretanto existem casos em que o comunicante é um Espírito de tal elevação que outras providências devem ser tomadas. Vamos comentar aqui duas comunicações raras, transmitidas por dois Espíritos de grande elevação, através dos médiuns Chico Xavier e Divaldo Franco.

A primeira foi uma mensagem psicofônica do Espírito Teresa d'Ávila,⁵⁵ ao médium Chico Xavier, intitulada "Palavras de Luz", registrada no livro *Instruções Psicofônicas*,⁵⁶ livro este que foi elaborado por Arnaldo Rocha, então dirigente do Grupo Meimei, do qual Chico Xavier fazia parte. Sugiro aos leitores que consultem o capítulo seis deste livro, para relembrar as explicações que apresento relativas a esta obra e aos trabalhos detalhados do Grupo Meimei.

Ao relatar a reunião em que Teresa d'Ávila se comunicou, Arnaldo Rocha assim se expressa:

Grande júbilo marcou para nós a noite de 14 de outubro de 1954. Na fase terminal de nossas tarefas, o Espírito José Xavier, através dos canais psicofônicos (*de Chico Xavier*), avisou-nos fraternalmente:

"Esforcemo-nos por entrelaçar pensamentos e preces, por alguns minutos, pois receberemos, na noite de hoje, a palavra, distanciada embora, de quem há sido, para muitos de nós, um anjo e uma benfeitora. Nosso grupo, em sua feição espiritual, deve permanecer atento. Neste instante, aproxi-

mar-se-á de nós, tanto quanto possível, a grande Teresa d'Ávila e, assim como um grão de areia pode, em certas situações, refletir a luz de uma estrela, nosso conjunto receber-lhe-á a mensagem de carinho e encorajamento, através de fluidos teledinâmicos. A mente de Chico está preparada agora, qual se fosse um receptor radiofônico. Repetirá, automaticamente, com certa zona cerebral mergulhada em absoluta amnésia, as palavras de luz da grande alma, cujo nome não ousarei repetir. Rogamos aos companheiros se mantenham em oração e silêncio, por mais dois a três minutos." Preparado o grupo, tivemos a felicidade de ouvir a nossa abnegada Benfeitora espiritual, cuja mensagem falada nos atingiu os corações, como sendo sublime projeção de amor.

Deixamos de transcrever a mensagem para não alongarmos em demasia, recomendando aos queridos leitores que consultem o livro acima citado.

A segunda comunicação foi do Espírito Teresa de Jesus, na cidade de Lisieux, França, psicografada por Divaldo Franco, em 31/10/1983. A mensagem está registrada no livro *Seara do bem*⁵⁷ e tem o título de "O amor e a alma". Após o texto da mensagem há uma nota que diz o seguinte:

Por informação de Divaldo, a mensagem de Teresa de Jesus foi psicografada de forma muito especial. Quando o médium baiano visitava a cripta da insigne cristã, Joanna de Ângelis informou que aquele nobre Espírito desejava mandar uma mensagem, sugerindo a Divaldo que se concentrasse, ali mesmo, no recinto da igreja. Considerando-se a evolução da Entidade veneranda, esta transmitiu o seu pensamento e Joanna de Ângelis captou-o, transferindo-o ao

medianeiro. Joanna de Ângelis foi assim a médium para Teresa de Jesus, como Divaldo o foi para a Instrutora, num caráter especial.

Infere-se, portanto, que se o Espírito tem um padrão espiritual muito elevado, há necessidade da intermediação do guia espiritual do médium.

Mas, outras circunstâncias existem no tocante às transmissões de mensagens mediúnicas, por ser a prática da mediunidade uma fonte muito rica de recursos, condições e técnicas. Relatamos a seguir uma das mais belas situações que me foi dada conhecer.

Em meu livro *O semeador de estrelas*,⁵⁸ abordo algumas etapas da extraordinária missão de Divaldo Franco e, no capítulo intitulado "O deus Huracán", tive o ensejo de comentar o belíssimo episódio por ele vivenciado, na cidade de Coatepec, Guatemala, em 1985, que aqui sintetizo. O fato ocorreu quando Divaldo pronunciava uma palestra perante o enorme público local, que viera de lugarejos próximos, enquanto forte temporal caía naquele momento e, por conta disso, as luzes, de súbito, se apagaram, desligando, como é natural, o microfone. O orador interrompeu a palestra e aguardou que retornasse a energia elétrica. Todos permaneceram em silêncio. Quando tudo se normalizou, Divaldo prosseguiu falando, sentindo dentro de seu mundo íntimo um grande amor por todas aquelas criaturas ali presentes, e, a certa altura, percebeu um vulto de rara beleza atravessando o pavilhão, como se deslizasse e

postando-se diante dele - era a entidade conhecida na região como o "deus" Huracán, protetor daquele país dentro das tradições locais. Simultaneamente, Divaldo passou a ouvir uma música no ar, uma melodia de ordem ritual, que balsamizava o ambiente. O Espírito aproximou-se dele e disse:

"- Chamam-me Huracán; eu sou tido como o deus que criou o povo asteca. Sou teu amigo e teu irmão. Venho para encerrarmos a nossa noite. Continua!"

Narrando este fato, Divaldo menciona que

a mente dele, entretanto, era tal que a minha se inundou de inspiração e, dentro do tema da imortalidade, eu dizia, terminando:

- Para vós não é estranho o tema da imortalidade, porque quando Huracán desceu à Terra, tomou do lodo do riacho para formar a raça asteca, soprou-lhe a imortalidade da alma... e comecei a contar a história do povo asteca, que não conhecia, mas que me chegava em clichês psíquicos transmitidos pelo Espírito.

Ao entrar em sintonia com Divaldo, a mente do médium se inundou de clichês psíquicos transmitidos por Huracán, Espírito de superior elevação.

Caros leitores, este é um dos mais belos casos que tomei conhecimento em toda a minha vida, portanto, recomendo que leiam, no livro citado, as maravilhosas situações vividas pelo orador baiano, inclusive as curas que foram propiciadas pelo "deus" daquele povo, impulsionadas por Joanna de Angelis e concretizadas por Divaldo Franco.

Neste mesmo livro, comentando este episódio registramos:

Quanto mais evoluído for o Espírito comunicante, mais velozes serão as imagens concebidas e exteriorizadas pela sua mente, evidenciando uma frequência vibratória de ondas curtíssimas. André Luiz afirma, em *Mecanismos da mediunidade*,³⁹ que as legiões angélicas se exprimem em raios *super-ultra-curtos*.

Após estas anotações, retornemos ao assunto relativo à reunião dirigida por Raul Silva.

Áulus chama a atenção de André para novas observações, enfatizando a ligação entre Clementino e Silva no momento da prece. Ressalta que houve ali uma perfeita assimilação de correntes mentais por parte do dirigente encarnado comparado pelo Assistente qual se fora um aparelho receptor radiofônico.

Observemos o que ele assinala:

-(...) A emissão mental de Clementino, condensando-lhe o pensamento e a vontade, envolve Raul Silva em profusão de raios que lhe alcançam o campo interior, primeiramente pelos poros, que são miríades de antenas sobre as quais essa emissão adquire o aspecto de impressões fracas e indecisas. Essas impressões apóiam-se nos centros do corpo espiritual, que funcionam à guisa de condensadores, atingem, de imediato, os cabos do sistema nervoso, a desempenharem o papel de preciosas bobinas de indução, acumulando-se aí num átimo e reconstituindo-se, automaticamente, no cérebro, onde possuímos centenas de centros motores, semelhante a milagroso teclado de eletroímãs, ligados uns aos

outros e em cujos fulcros dinâmicos se processam as ações e reações mentais, que determinam vibrações criativas, através do pensamento ou da palavra, considerando-se o encéfalo como poderosa estação emissora e receptora e a boca por valioso alto-falante. Tais estímulos se expressam ainda pelo mecanismo das mãos e dos pés ou pelas impressões dos sentidos e dos órgãos, que trabalham na feição de guindastes e condutores, transformadores e analistas, sob o comando direto da mente.

É importante refletirmos na atuação da equipe espiritual que assessora uma reunião bem orientada. Quantos trabalhadores são mobilizados para que tudo se processe com harmonia e produtividade, quanto esforço e cuidado por parte dos mentores e das equipes especializadas!

Para os encarnados as tarefas começam com a prece de abertura e cessam com a de encerramento. Entretanto, para a equipe espiritual, como já mencionamos, as atividades começam horas antes e prosseguem após a retirada dos participantes que fecham a Casa e retornam para seus lares.

A prece inicial, proferida por Raul Silva, aparentemente singela, embora comovente, mobilizou o Mentor Clementino e desencadeou no dirigente encarnado uma sucessão de reações mentais, vibratórias e físicas, comprovando a presença espiritual, atenta e abnegada, sempre pronta a atuar onde o Bem tenha ensejo de se manifestar.

Psicofonia consciente

A psicofonia é a faculdade que permite ao Espírito comunicante, através do médium, transmitir o seu pensamento por meio da palavra falada.

Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, cap. XIV, item 166, denomina de médiuns falantes aqueles que têm essa aptidão. Esclarece que o médium, numa comunicação psicofônica, "diz coisas completamente estranhas às suas idéias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência".

Nas sessões mediúnicas, a psicofonia é o tipo de mediunidade mais praticada e a que melhor se presta por oferecer uma comunicação mais dinâmica, rápida e eficiente.

No meu livro *Mediunidade: Caminho para ser feliz*, anotamos:

A psicofonia tem algumas gradações, a saber: psicofonia inconsciente - quando o Espírito atua diretamente nas cordas vocais do médium, estando este num transe mais profundo, podendo ocorrer, inclusive, mudança no timbre de

voz; psicofonia semiconsciente - o transe é menos profundo e o médium tem certa consciência da mensagem que o Espírito transmite; psicofonia intuitiva (ou consciente) - o transe é superficial e o médium, neste caso, transmite com seu próprio vocabulário o pensamento do comunicante, mantendo a consciência do que ocorre.⁶⁰

Na psicofonia consciente o médium atua como intérprete.

Retomamos a partir de agora o estudo do livro *Nos domínios da mediunidade*, a fim de observarmos a sequência de ensinamentos registrados no capítulo 6, que trata da psicofonia consciente, tendo como exemplo a atuação da médium Eugênia.

Inicialmente é descrita a chegada ao ambiente de um Espírito obsessor que fora removido do local onde se achava há muito tempo e que se apresentava qual se fora um "surdo-cego", estando amparado por três guardas espirituais. Áulus o classifica como um alienado mental em estado grave. Tendo desencarnado em plena vitalidade orgânica, após "extenuar-se em festiva loucura", tão logo se desligou do corpo físico, depois de um período de grande perturbação, dominado por uma paixão exacerbada a determinada mulher, vinculou-se a esta, passando a vampirizar-lhe o corpo, visto haver, entre ambos, completa sintonia mental. Assim, através daquela que era objeto de sua paixão, em perfeita simbiose,

passou a ver, ouvir e até falar usando de seus recursos e, inclusive, absorvendo os nutrientes dos alimentos que ela utilizava. O processo obsessivo já durava cinco anos e a moça apresentava-se agora subnutrida, perturbada e com sérios desequilíbrios orgânicos, quando então pediu ajuda espiritual.

Os condutores localizaram o irmão necessitado ao lado de Eugênia.

Clementino, o Mentor, preparando a médium, aplicou-lhe forças magnéticas, em forma de feixes de raios luminosos, sobre o córtex cerebral e sobre a região da glote.

O processo da comunicação é explicado por André Luiz, como se segue:

Notamos que Eugênia-alma afastou-se do corpo, mantendo-se junto dele, a distância de alguns centímetros, enquanto que, amparado pelos amigos que o assistiam, o visitante sentava-se rente, inclinando-se sobre o equipamento mediúnico ao qual se justapunha, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela.

Diante do que via, André lembrou-se daquelas situações em que uma planta se desenvolve à custa de outra, comparando a associação entre a médium e o comunicante a um "sutil processo de enxertia neuropsíquica". Observou ainda que fios brilhantes ligavam a fronte de Eugênia, parcialmente desligada do corpo físico, ao cérebro da Entidade.

A comparação feita por André Luiz, da enxertia neuropsíquica, também é válida em relação aos processos obsessivos graves tais como a vampirização e a subjugação. Este assunto é tratado com mais pormenores no meu livro *Obsessão/Desobsessão*, no capítulo 15, intitulado "Parasitose espiritual".⁶¹

O controle mediúnico

Embora a associação estabelecida, a médium exercia o controle da comunicação, pois captava antecipadamente o pensamento e as palavras que ele pretendia dizer.

Efetivamente apossa-se ele temporariamente do órgão vocal de nossa amiga (ensina o Assistente), apropriando-se de seu mundo sensório, conseguindo enxergar, ouvir e raciocinar com algum equilíbrio, por intermédio das energias dela, mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro infortunado a quem empresta o seu carro físico, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência. Pela corrente nervosa, conhecer-lhe-á as palavras na formação, apreciando-as previamente, de vez que os impulsos mentais dele lhe percutem sobre o pensamento como verdadeiras marteladas. Pode, assim, frustrar-lhe qualquer abuso, fiscalizando-lhe os propósitos e expressões, porque se trata de uma entidade que lhe é inferior, pela perturbação e pelo sofrimento em que se encontra, e a cujo nível não deve arremessar-se, se quiser

ser-lhe útil. O Espírito em turvação é um alienado mental, requisitando auxílio.

Vemos que a passividade da médium é relativa, ela mantém o controle durante toda a manifestação. Estes esclarecimentos estão em perfeita consonância com Allan Kardec, quando afirma que "Nem sempre, porém, é tão completa a passividade do médium falante. Alguns há que têm a intuição do que dizem, no momento mesmo em que pronunciam as palavras".⁶²

Hermínio Miranda, ilustre escritor espírita e nosso querido amigo, em seu excelente livro *Diversidade dos carismas*,⁶³ explana detalhadamente sobre o tema e, a certa altura, registra a explicação de um dos médiuns da reunião por ele dirigida, que muito nos interessa neste estudo. Informa o médium em questão que

o espírito do médium não perde sua autonomia nem sua autoridade e soberania sobre o corpo emprestado à outra individualidade que o manipula. O corpo é de sua inteira responsabilidade e somente através do seu perispírito pode a entidade desencarnada atuar sobre o mesmo.

Convém lembrar que um dos pontos básicos da comunicação mediúnica refere-se à afinização vibratória entre o perispírito do médium e o do comunicante. Isto se dá através das respectivas auras. No caso da manifestação de um Espírito sofredor, ne-

cessitado, um obsessor, por exemplo, o médium aceita a aproximação e capta as vibrações dele no intuito de ajudá-lo, sem descer, como é óbvio, de sua faixa de equilíbrio.

Passividade seletiva

É bom deixar bem claro um outro ponto, ou seja, "dar passividade" não significa que o médium deva entregar-se, sem qualquer controle, aos Espíritos, no momento do intercâmbio mediúnico e, sim, expressa uma condição interior, na qual o médium cede espaço mental para que o fluxo de pensamentos do Espírito possa atuar, quando então ocorre a psicofonia ou a psicografia, etc.

Ainda citando Hermínio C. Miranda:

Precisa, o médium, dispor de uma bem treinada passividade que ele consiga matizar, graduar nas suas manifestações, uma passividade *seletiva* que lhe permita uma boa filtragem da comunicação, mas não se deixe dominar pelo comunicante ao ponto de este forçar a sua passagem com qualquer tipo de material. (Grifamos)

Outro ponto importante: passividade *seletiva*. Realmente o critério seletivo deve sempre prevalecer, visto que ao médium cabe escolher o que deve ou não transmitir, o que deve bloquear ou permitir. Isto envolve a questão da educação do médium, o seu modo de ser, o seu caráter.

Retornando ao livro de André Luiz, que é a base dos nossos comentários, observamos que Áulus destaca o desempenho do médium, asseverando que nas sessões de caridade, o médium é o primeiro socorrista a ajudar o comunicante enfermo, "mas, se esse socorrista cai no padrão vibratório do necessitado que lhe roga serviço, há pouca esperança no amparo eficiente". Este é um ponto muito significativo, pois já vimos médiuns que ao transmitir comunicação de um obsessor muito intelectualizado, muito culto, passam a admirar a sua condição e, de certa maneira, "torcem" por ele no diálogo com o doutrinador; acham bonito quando o desencarnado tem argumentos difíceis, quando prolongam a comunicação, enfim, sem perceberem estão se deixando envolver pelas vibrações do comunicante.

Hilário prossegue analisando o desempenho mediúnico de Eugênia e, conclui que nestes casos, ou seja, quando da comunicação de Espíritos necessitados, o médium nunca fica distante do corpo, tendo o Instrutor corroborado a observação, acrescentando que, como é natural, "com um demente em casa, o afastamento é perigoso". Entretanto, se fosse uma presença de um amigo espiritual, o médium ficaria tranquilo e poderia se afastar a maiores distâncias. Era o que acontecia, por exemplo, com Eurípedes Barsanulfo.

Eurípedes Barsanulfo, extraordinário médium, dotado de raras faculdades, entre elas a de desdobra-

mento, que viveu em Sacramento, MG (1880-1918), era assistido por Espíritos do jaez de Vicente de Paulo e Bezerra de Menezes, o que lhe possibilitava quando em desdobramento, a atender, com segurança e amor, aos enfermos e necessitados que se encontravam distantes.

A doutrinação: recursos espirituais

Os recursos que a Espiritualidade Maior promove quando acontece a comunicação de uma entidade e conseqüente doutrinação, são riquíssimos e variam de acordo com a situação que se apresenta. É o que enfatizamos a seguir.

Na seqüência dos trabalhos, comentados no capítulo anterior em que analisamos a psicofonia consciente e o desempenho da médium Eugênia, enfocamos agora o momento em que o comunicante começa a falar e expressa a sua surpresa e um certo temor por se sentir ligado ao que denomina de 'móvel pesado'. Contido vibratoriamente pela médium queixa-se de estar preso e de que estão fiscalizando o seu pensamento e revolta-se, com o que diz ser uma recepção estranha, como se estivesse num tribunal, mencionando logo em seguida o seu nome, Libório dos Santos. Nota-se que ele externa, no iní-

cio, o sentimento de culpa que o domina, em relação à própria mãe.

Mostrando-se bastante interessado, Hilário indagava ao assistente se o comunicante poderia ser submetido a um interrogatório minucioso e, se, neste caso, teria condições de responder e de se identificar. As considerações de Áulus merecem nossa atenção:

Nas condições em que se encontra, o cometimento não seria viável. Estamos abordando apenas um problema de caridade, que se reveste, porém, da mais elevada importância para a vida em si. Na hipótese de efetivarmos o tentame, conseguiríamos tão-somente infrutuosa inquirição, endereçada a um alienado mental, que, por algum tempo, ainda se mostrará lesado em expressivos centros de raciocínio. Trazendo consigo a herança de uma existência desequilibrada e fortemente atraído para a mulher que o ama e de quem se fez desabrido perseguidor, a nada aspira, por agora, senão à vida parasitária, junto à irmã, de cujas energias se alimenta. Envolve-a em fluidos enfermiços e nela se apoia, assim como a trepadeira se alastra e prolifera sobre um muro... Somando tudo isso ao choque oriundo da morte, não temos o direito de esperar dele uma experiência completa de identificação pessoal.⁶⁴

Alguém poderia argumentar que Kardec se utilizava do método de evocar o Espírito e, quando este se manifestava, o interrogava, o mesmo ocorrendo quando um ou outro se comunicava espontânea-

mente. Entretanto, é muito clara e nítida a diferença entre o trabalho do Codificador e nossas reuniões atuais. Aqui e agora, como bem explica o Instrutor, temos um problema de caridade e, com o mestre lionês, a pesquisa científica, metódica e com caráter de urgência. Não podemos perder de vista que a falange do Espírito de Verdade o assessorava, o que nos leva a inferir que as entidades evocadas eram preparadas para atender às imprescindíveis pesquisas que possibilitassem a concretização, no plano terreno, da Terceira Revelação.

Pacientemente, Raul Silva atende ao Espírito enfermo de maneira paternal, pois sentia por ele sincera compaixão, o que o fez atenuar os ímpetos de revolta passando a ouvir com mais calma as palavras do esclarecedor.

Diante do acolhimento que lhe era dispensado, o sofredor sentiu-se comovido, enquanto Silva impondo-lhe as mãos, as quais emitiam luminoso fluxo magnético, sob a inspiração de Clementino, proferiu sentida prece. Sensibilizado, Libório chora.

O condensador ectoplásmico

A um comando do Mentor, foi trazido interessante aparelho, com dispositivos especiais, parecendo uma tela de gaze finíssima, medindo aproximada-

mente um metro quadrado, que ele manobrou usando uma pequena chave. A tela, então, 'se cobriu de leve massa fluídica, branquicenta e vibrátil'. Ao mesmo tempo, Clementino aproximou-se do doutrinador e o inspirou a induzir o comunicante a recordar-se mediante um esforço de memória, que foi propiciado pelos quadros que foram surgindo, gradativamente, na tela do aparelho.

As cenas apresentadas tinham Libório como principal protagonista. Por sua vez, Silva captou-as mentalmente e passou a descrevê-las. Retratavam uma certa noite de carnaval, quando Libório, ainda encarnado, ouve o apelo de sua mãe, muito velhinha e enferma, sentindo-se nos seus momentos finais, pede-lhe socorro. Mas, surdo aos apelos, rouba-lhe a última quantia de que dispunha, mentindo que irá comprar a medicação que ela necessita e dirigindo algumas palavras à enferma, sai apressadamente. Por três dias e quatro noites entrega-se à loucura do carnaval. Retorna somente na quarta-feira, quase semi-inconsciente. A mãezinha socorrida por algumas pessoas já não o reconhece. Recolhido ao seu quarto, abre o gás para tomar banho, quando o cansaço e a embriaguez o vencem. Intoxicado, termina ali os seus dias terrenos, sendo considerado pelas pessoas como suicida. Nessa altura, o comunicante rende-se às evidências e se desespera, chamando pela mulher e por sua mãe. Diante do seu estado é desligado da

médium e encaminhado pelos vigilantes para uma organização de atendimento.

A tela volta à transparência inicial e André, de imediato quer saber detalhes acerca do aparelho. Áulus explica ser um 'condensador ectoplásmico', com 'a propriedade de concentrar em si raios de força projetados pelos componentes da reunião, reproduzindo as imagens que fluem do pensamento da entidade comunicante, não só para a nossa observação, mas também para a análise do doutrinador, que as recebe em seu campo intuitivo, agora auxiliado pelas energias magnéticas do nosso plano'.

Diante dessas explicações, André conclui que o êxito do trabalho depende da colaboração de todos os integrantes do grupo, o que foi confirmado pelo Instrutor. Este acrescenta que as energias ectoplásmicas são fornecidas pelo conjunto dos encarnados presentes, em favor de irmãos que se encontram semimaterializados nas faixas vibratórias da experiência física. Sendo assim, pessoas que exteriorizem sentimentos desequilibrados, decorrentes de viciações de variada espécie, perturbam as atividades dessa natureza, pois projetam no condensador as sombras que lhes são próprias, impedindo que a entidade sofredora seja atendida de forma a propiciar-lhe o esclarecimento de que necessita.

Mais uma vez, fica evidenciada a imprescindível necessidade da homogeneidade de pensamentos entre

os componentes dos grupos mediúnicos, corroborando as palavras de Kardec de que a reunião é um "ser coletivo", cujas qualidades e propriedades dependem das de seus membros. (*O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, cap. XXIX, *Das reuniões em geral* item 331.)

Convém ressaltar, igualmente, que o atendimento prestado por Raul Silva ao sofrido Espírito Libório dos Santos reflete bem o seu amor pela tarefa, pelos sofredores, a conscientização de suas responsabilidades e, também, o quanto está preparado para exercer o trabalho de dirigente e de doutrinador.

Outra valiosa contribuição, nesse campo do atendimento aos Espíritos sofredores e necessitados de maneira geral, é encontrada no livro *Missionários da luz*, quando André Luiz explana sobre o assunto que estamos abordando.⁶⁵

Trata-se do acolhimento ao Espírito Marinho, ex-sacerdote, que se comunica através da médium Otávia, por intercessão de sua mãe, desencarnada, que no plano espiritual vela pelo filho. Este, quando na Terra, desviou-se por completo da sua tarefa, comprometendo-se gravemente. Ao desencarnar aliou-se a outros companheiros igualmente criminosos e mantinha a mente cristalizada na revolta e na descrença. A dedicada mãe solicita a colaboração do Instrutor Alexandre para que a comunicação de Marinho fosse coroada de êxito, tendo destacado que este, ultimamente, se apresentava entediado, dando

sinais que já não mais se comprazia na situação em que se encontrava há longos anos.

Marinho foi convencido a acompanhar um dos integrantes da equipe de Alexandre, Necésio, que também fora sacerdote, e que o localizara alojado em um templo, ao lado de outros comparsas. Um tanto constrangido Marinho acompanha Necésio e ao perceber o local para onde fora levado, ou seja, o recinto onde ocorriam as reuniões de prática mediúnica, tenta resistir, porém, quando a presença de sua mãe é citada, embora não a percebesse, acaba concordando em permanecer e até mesmo em se comunicar, diante dos fortes argumentos apresentados. O resgate desse Espírito é um ponto de grande valor a ser considerado, pois expressa o incansável esforço das equipes espirituais que assessoram as reuniões mediúnicas.

Enquanto a comunicação se processava, Alexandre passou a inspirar a palavra do doutrinador, ao mesmo tempo, vários ajudantes espirituais recolhiam as forças mentais emitidas pelos participantes, inclusive as da médium. Interrogado quanto ao trabalho que realizavam, um dos colaboradores prestou os esclarecimentos solicitados por André:

Esse material representa vigorosos recursos plásticos para que os benfeitores de nossa esfera se façam visíveis aos irmãos perturbados e aflitos ou para que materializem provisoriamente certas imagens ou quadros, indispensáveis ao

reavivamento de emotividade e da confiança nas almas infelizes. Com os raios e energias, de variada expressão, emitidos pelo homem encarnado, podemos formar certos serviços de importância para todos aqueles que se encontrem presos ao padrão vibratório do homem comum, não obstante permanecerem distantes do corpo físico.

Esses recursos foram utilizados, no momento próprio, para que a mãe do comunicante se tornasse visível, o que finalmente o levou a atender aos seus apelos de mudança e transformação interior.

Foi ainda relatado, nesse mesmo livro, interessante e inusitado recurso, acionado quando da comunicação de uma entidade agressiva, que ao ser atendida por um dos doutrinadores quis agredi-lo. Rapidamente os técnicos providenciaram uma forma sem vida e a colocaram junto ao obsessor. Era um esqueleto, que o amedrontou de tal forma que o fez desistir de seu propósito.

Ao nos referirmos à importante tarefa da doutrinação não podemos deixar de mencionar o livro *Diálogo com as sombras*, de Hermínio Miranda, verdadeiro tratado acerca desse tema,⁶⁶ que recomendamos aos estimados leitores.

Nesta obra, o autor assinala que o doutrinador deve dispor de cinco aptidões básicas: *formação doutrinária sólida*, fundamentada na Codificação Kardequiana; *conhecimento do Evangelho de Jesus*;

autoridade moral, essencial para legitimar os argumentos que apresenta ao comunicante; *fé*, que expressa confiança e certeza plenas, advindas não apenas do crer, mas do saber; *amor*, principal condição para que se consiga falar ao coração que sofre, que está acorrentado aos grilhões do passado, que se apresenta cheio de ódio e revolta. Apresenta ainda algumas outras qualidades importantes, desejáveis, mas não tão críticas, conforme diz: paciência, sensibilidade, tato, energia, vigilância, humildade, destemor, prudência.

Em meu livro *Obsessão/Desobsessão*,⁶⁷ ao tratar desse tema, citamos que, "para sentir aquilo que diz, é essencial ao doutrinador uma vivência que se enquadre nos princípios que procura transmitir. Assim, a sua vida diária deve ser pautada, o mais possível, dentro dos ensinamentos evangélicos e doutrinários. Inclusive porque, os desencarnados que estão sendo atendidos, não raro, acompanham-lhe os passos para verificar o seu comportamento e se há veracidade em tudo o que fala e aconselha. Eis o motivo pelo qual Joanna de Angelis recomenda: "(...) quem se faz instrutor deve valorizar o ensino, aplicando-o em si próprio".⁶⁸

Esta mesma recomendação é apresentada pelo Benfeitor espiritual Camilo, no livro *Correnteza de luz*: "Doutrinar com o Cristo é apontar o rumo da Luz, norteando-se o doutrinador também por ele".⁶⁹

Psicofonia inconsciente

André Luiz, no capítulo 8 do livro *Nos domínios da mediunidade*, intitulado "Psicofonia sonambúlica", apresentando como exemplo a atuação da médium Celina, na parte final deste capítulo usa a expressão *psicofonia inconsciente* com o mesmo significado de *psicofonia sonambúlica*.

É importante considerarmos que, a nosso modo de ver, surgiu, a partir daí, o entendimento de que ambas as denominações são corretas e expressam o mesmo tipo de transe mediúnico, entretanto, habitualmente usamos, em nosso meio espírita, a denominação *psicofonia inconsciente*. Todavia, cabe-nos perguntar: por quê? Qual a razão dessa preferência?

Sonâmbulo e sonâmbulo-médium

Para termos uma resposta voltemos nossa atenção para a abordagem que Allan Kardec apresenta,

em *O Livro dos Médiuns*, referente aos médiuns sonambúlicos. (Cap. XIV, "Dos Médiuns", item 172).⁷⁰

O Codificador explica que o

sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é a sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. O que ele externa tira-o de si mesmo; suas idéias são, em geral, mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais dilatados, porque tem livre a alma. Numa palavra, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos.

Podemos inferir que na citação acima temos um *fenômeno anímico*. Mas, continuando a sua explanação, Kardec acrescenta:

O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e o que diz não vem de si. Em resumo, o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, enquanto que o médium exprime o de outrem. Mas, o Espírito que se comunica com um médium comum também o pode fazer com um sonâmbulo; dá-se mesmo que, muitas vezes, o estado de emancipação da alma facilita essa comunicação.

Esta é uma questão interessantíssima para nossos estudos. Na seqüência, o mestre lionês narra o caso de um sonâmbulo de uns 14 ou 15 anos, de pouca instrução, que no estado de sonambulismo apresentava rara lucidez e grande perspicácia, muito úteis no tratamento das enfermidades, inclusive realizando curas consideradas impossíveis. Certa vez,

atendendo a uma pessoa doente, descreveu a enfermidade com absoluta exatidão. Ao lhe ser pedido a indicação do remédio, o rapaz respondeu: "Não posso, *meu anjo doutor não está aqui*". Assim, a ação de ver a doença era do seu próprio Espírito, que para isso não precisava de assistência alguma, entretanto, a indicação dos remédios era dada por um outro. O Codificador acrescenta:

"Não estando presente esse outro, ele nada podia dizer. Quando só, era apenas sonâmbulo; assistido por aquele a quem chamava seu anjo doutor, era sonâmbulo-médium".

Em *A Gênese*, cap. XIV "Os fluidos", item 25,⁷¹ Kardec referindo-se ao sonambulismo afirma: "Com o auxílio dessa faculdade é que certas pessoas vêem o interior do organismo humano e descrevem as causas das enfermidades". Ele denomina de segunda vista esta faculdade e conforme o seu grau de poder diz-se que a lucidez é maior ou menor.

Deduzimos, portanto, que a preferência pela denominação de psicofonia inconsciente é correta, para que não haja confusão com a sonambúlica, por tratar-se esta de um fenómeno anímico, isto é, produzido pela própria alma do médium. Recordemo-nos que os Espíritos Superiores mencionam que os encarnados deveriam resolver as questões relativas às palavras e perguntam "Por que não tendes uma palavra para cada coisa?" (*O Livro dos Espíritos*, res-

posta à pergunta 139).⁷² Kardec comenta em seguida esta questão das palavras, citando ser esta uma deficiência da linguagem humana, que não dispõe de uma palavra para cada idéia, o que ocasiona uma imensidade de equívocos e confusões.

Em *O Livro dos Espíritos*, no capítulo intitulado "Da emancipação da alma", a partir da pergunta 425, o Codificador trata do tema sonambulismo.

Passaremos agora a analisar os aspectos espirituais da comunicação recebida pela médium Celina, compreendendo que quando André Luiz menciona a palavra *sonambúlica* esta tem a conotação de *inconsciente*.

Conheçamos primeiramente um pouco a respeito do Espírito que seria atendido, para melhor alcançarmos o trabalho de Celina.

O Espírito encaminhado para a manifestação chegou ao recinto sob a guarda de venerando amigo espiritual. Apresentava-se dementado e sua figura recordava um fidalgo antigo, que André compara como se tivesse sido bruscamente arrancado ao subsolo, pois os fluidos que o envolviam era verdadeira massa escura e viscosa, cobrindo-lhe as vestes e exalando fétidas emanções. Seu aspecto era impressionante e nítida diferença havia entre ele e os demais sofrendores, cujas máscaras de sofrimento eram suavizadas por sinais de arrependimento, fé, humildade, esperança. Mas - diz André - "naquele

rosto patibular, parecendo emergir dum lençol de lama, aliavam-se a frieza e a malignidade, a astúcia e o endurecimento".

Diante dessa presença aterrorizante, os próprios Espíritos perturbados recuaram receosos. Tal entidade trazia na mão direita um azorrague, que tentava estalar, ao mesmo tempo que proferia palavras em altos brados.

"- Quem me faz chegar até aqui, contra a minha vontade? - bramia, semi-afônico. - Covardes! Por que me segregaram assim? Onde estão os abutres que me devoraram os olhos? Infames! Pagar-me-ão caro os ultrajes sofridos!..."

Evidenciando extremo desequilíbrio mental, prosseguiu com seus protestos.

Áulus esclarece, então, ter sido ele um fazendeiro desumano. "- Desencarnou nos últimos dias do século XVIII, mas ainda conserva a mente estagnada na concha do próprio egoísmo. Nada percebe, por enquanto, senão os quadros interiores, criados por ele mesmo, constando de escravos, dinheiro e lucros da antiga propriedade rural em que enterrou o pensamento, convertendo-se hoje em vampiro inconsciente de almas reencarnadas que lhe foram queridas no Brasil colonial."

André percebe, ao fitar com mais atenção o rosto do pobre recém-chegado, que os seus olhos, embora

movendo-se como os de um felino, estavam vidrados, mortos. Ante a sua surpresa, o Assistente logo acrescentou:

"- Odiava os trabalhadores que lhe fugiam às garras e quando conseguia arrebatá-los ao quilombo, não somente os algemava aos troncos de martírio, mas queimava-lhes os olhos, reduzindo-os à cegueira, para escarmento das senzalas. Alguns dos raros quilombolas que resistiam à morte eram sentenciados, depois de cegos, às mandíbulas de cães bravios, de cuja sanha não conseguiam escapar". Granjeou fama e riqueza, porém espalhando terror ao redor dos seus passos. Ao desencarnar defrontou-se com os seus desafetos que passaram a ser seus perseguidores. Alguns poucos o perdoaram, mas a maioria converteu-se em vingadores do passado, apavorando-o.

O Orientador prossegue: "Crê-se num cárcere de trevas, atormentado pelos escravos, prisioneiro de suas vítimas. Vive, assim, entre a desesperação e o remorso. Martirizado pelas reminiscências das flagelações que decretava e hipnotizado pelos algozes de agora, dos quais no pretérito foi verdugo, vê-se reduzido a extrema cegueira, por se lhe desequilibrarem no corpo espiritual as faculdades da visão".

Quando André percebeu que o enfermo foi situado junto da médium Celina, teve uma impressão desfavorável e se perguntou: por que teria que ser ela, o

melhor instrumento da casa, a acolher o "indesejável comunicante"? Reparou-lhe a aura luminosa, contrastando com a vestimenta pestilencial do ex-fazendeiro e temeu por ela. Chegou mesmo a se perguntar: "Semelhante providência não seria o mesmo que entregar uma harpa delicada às patas de uma fera?".

Áulus deu-se pressa em explicar:

"- Acalmem-se. O amigo dementado penetrou o templo com a supervisão e o consentimento dos mentores da casa. Quanto aos fluidos de natureza deletéria, não precisamos temê-los. Recuam instintivamente ante a luz espiritual que os fustiga ou desintegra. É por isso que cada médium possui ambiente próprio e cada assembléia se caracteriza por uma corrente magnética particular de preservação e defesa. (...) E, compreendendo-se que mais ajuda aquele que mais pode, nossa irmã Celina é a companheira ideal para o auxílio desta hora".

Observando-a, André constatou que ela, como alguém que se entrega a sono profundo, desencilhou-se do corpo físico levando consigo a aura brilhante que lhe era peculiar. Demonstrava estar bastante afeita àquele tipo de trabalho. Clementino, atento, amparou-a. Celina recebeu o desesperado irmão com simpatia, e este, qual se fora atraído por um imã, arrojou-se sobre a organização física da

médium, ficando então intensamente ligado ao cérebro mediúnico, enquanto, por sua vez, o guardião que o conduzia permanecia auxiliando-o.

A médium agia como abnegada mãe, tal o envolvimento de afeto que exteriorizava em favor do enfermo. Dela partiam fios brilhantes a envolvê-lo inteiramente, ao mesmo tempo exercendo seguro controle sobre o comunicante. A reação do visitante assemelhava-se a de um peixe contido em uma rede, da qual procurava se livrar. Nesse esforço projetava de si estiletos de treva, que se fundiam na luz com que Celina-alma o rodeava.

As conquistas morais da médium, que se mostrava aparentemente passiva, impediam que o irmão enfermo desse expansão ao seu desequilíbrio. Este começa a falar e se apresenta como José Maria, demonstrando grande irritação e revolta.

André Luiz observou que o processo da comunicação entre Celina e Eugênia apresentava nítidas diferenças e se perguntava mentalmente se a mediunidade falante em Celina era diversa. Áulus, registrando-lhe as dúvidas, passou a esclarecê-las, enquanto Raul Silva atendia ao sofrido comunicante sob a inspiração de Clementino.

"- Celina - explicou bondoso - é sonâmbula perfeita. A psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cere-

bro mediúnico à mente do hóspede que o ocupa. A espontaneidade dela é tamanha na cessão de seus recursos às entidades necessitadas de socorro e carinho, que não tem qualquer dificuldade para desligar-se de maneira automática do campo sensório, perdendo provisoriamente o contato com os centros motores da vida cerebral. Sua posição medianímica é de extrema passividade. Por isso mesmo, revela-se o comunicante mais seguro de si, na exteriorização da própria personalidade. Isso, porém, não indica que a nossa irmã deva estar ausente ou irresponsável. Junto do corpo que lhe pertence, age na condição de mãe generosa, auxiliando o sofredor que por ela se exprime qual se fora frágil protegido de sua bondade. Atraiu-o a si, exercendo um sacrifício voluntário, que lhe é doce ao coração fraterno, e José Maria, desvairado e desditoso, imensamente inferior a ela, não lhe pôde resistir. Permanece, assim, agressivo tanto quanto é, mas vê-se controlado em suas menores expressões, porque a mente superior subordina as que se lhe situam à retaguarda, nos domínios do espírito."

Importa refletirmos agora, diante disto tudo que nos está sendo explicado por André Luiz e Áulus, sobre as características do tipo de mediunidade das médiuns Eugênia e Celina.

Basicamente o que difere o médium consciente daquele que é inconsciente é o nível - digamos assim

- do estado de transe próprio de cada um. Genericamente define-se o transe como um estado alterado de consciência.

Jayme Cervino, no livro *Além do inconsciente*,⁷³ esclarece que "a interiorização da consciência é o aspecto básico do transe". Portanto, o transe mediúnico é um estado alterado de consciência do médium, que possibilita a expansão do seu perispírito, para que ocorra a necessária sintonia e imantação com o Espírito que deseja comunicar-se. O transe pode ser superficial ou profundo, dependendo do gênero de mediunidade que a pessoa apresenta; deve-se levar em conta, que para a sintonia com determinados Espíritos, é imprescindível um transe mais profundo, de acordo com o tipo de mensagem a ser transmitida.

No transe mediúnico superficial, o médium não perde a consciência e sabe o que lhe está ocorrendo; no transe profundo (também chamado de sonambúlico) o médium fica inconsciente e, ao terminar a mensagem do Espírito comunicante, não se recorda do seu conteúdo e do que lhe ocorreu. Compreende-se que existem muitas gradações nestes dois tipos de transe.

O transe mediúnico não deve ser confundido com estados patológicos, tais como o "estado crepuscular" dos histéricos e epiléticos. Em casos de trauma-

tismos crânio-encefálicos, delírio febril, estado de coma, pode surgir, eventualmente, o transe, mas que em nada se relaciona com o de caráter mediúnico.

Existe ainda um outro tipo de transe, que é o anímico - ou seja, provocado pelo espírito do próprio médium, sem que haja a intervenção de um Espírito desencarnado. Este estado acontece pela propriedade de expansão do perispírito e de um estado alterado de consciência. Estes dados acerca do transe foram extraídos do meu livro *Mediunidade: Caminho para ser feliz*.⁷⁴ É o que acontece com os sonâmbulos, conforme mencionamos no início deste capítulo, o caso do rapaz que apresentava uma segunda vista muito aguçada.

Inferimos, em resumo, com relação à Celina: transe profundo, com facilidade de expansão do perispírito, ou seja, de desdobramento; mantém o controle especialmente por suas qualidades morais, muito superiores ao comunicante; após o transe não guarda lembrança da comunicação por não haver registro em seu cérebro físico, como também por haver nenhuma vantagem dessa recordação. Se, ao contrário, fosse um Espírito mais elevado, poderia registrar mais nitidamente a mensagem, para sua edificação.

Quanto à mediunidade de Eugênia, por ser médium consciente, o transe é superficial, possibilitando-lhe um desdobramento mais próximo ao corpo

físico e um controle vigilante, embora também fraterno e carinhoso.

Enquanto os ensinamentos do Instrutor se sucediam, Silva prosseguia atendendo o ex-fazendeiro, conseguindo que este assimilasse algumas réstias de luz.

Por sua vez, Hilário, anotando as diferenças entre as duas médiuns, pergunta: se Dona Celina não fosse "a trabalhadora hábil, capaz de intervir a tempo, em qualquer circunstância menos agradável, não seria preferível as faculdades de Dona Eugênia?".

Eis a resposta de Áulus:

"- Sim, Hilário, você tem razão. O sonambulismo puro, quando em mãos desavisadas, pode produzir belos fenômenos, mas é menos útil, na construção espiritual do bem. A psicofonia inconsciente, naqueles que não possuem méritos morais suficientes à própria defesa, pode levar à possessão, sempre nociva, e que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos, que se renderam às forças vampirizantes".

Hilário faz novas considerações e indaga quanto à comunicação de uma entidade intelectualmente superior à médium, como seria o controle, possibilitando a uma nova explicação do orientador, no final do capítulo em estudo:

"- Se o comunicante fosse, nessa hipótese, uma inteligência degenerada e perversa, a fiscalização correria por conta dos mentores da casa e, em se tratando de um mensageiro com elevado patrimônio de conhecimento e virtude, a médium apassivar-se-ia com satisfação, porquanto lhe aproveitaria as vantagens da presença, tal como o rio se beneficia com as chuvas que caem do alto".

José Maria, um tanto renovado, aceitando até mesmo a prece balsamizante, é removido pelo Mentor Clementino e seus auxiliares.

Possessão

Quando Allan Kardec explana sobre o tema "Da obsessão", cap. XXIII de *O Livro dos Médiuns*,⁷⁵ registra as variedades das obsessões em três tipos: obsessão simples, fascinação e subjugação. Explicando as características da subjugação (item 241) anota que esta seria sinônimo de possessão e afirma que deixava de adotar este termo por dois motivos: primeiro porque dá a idéia de seres perpetuamente criados para o mal, o que não é verdade, pois o que há são Espíritos imperfeitos, os quais estão também submetidos à lei de evolução; segundo porque implica a idéia de que um Espírito desencarnado pode apoderar-se do corpo de um encarnado, numa espécie de coabitação, enquanto que há apenas constrangimento.

Interessante é que Kardec, alguns anos depois (recordemos que *O Livro dos Médiuns* foi publicado em 1861), ao tratar do tema em *A Gênese*,⁷⁶ publicada em 1868, passa a admitir o termo possessão.

Vejamos como isto se deu, entendendo que o Codificador revê o assunto e, agora, talvez com mais experiência no tocante aos problemas das obsessões, amplia os conceitos.

No capítulo XIV do livro citado, item 47, o autor esclarece que, na obsessão o Espírito atua exteriormente, envolvendo o encarnado com seus fluidos perispíricos, como uma espécie de teia, ficando este constrangido a proceder contra a sua própria vontade.

Na possessão, a diferença, segundo Kardec, é que

(...) o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseguintemente, é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção.⁷⁷

Transtorno dissociativo de identidade

O Espírito passa a ter, então, a posse e o comando momentâneo do corpo do encarnado, atuando através de todos os sentidos deste, utilizando-se dos seus braços, caminhando e agindo como se estivesse vivo. De nossa parte, é oportuno acrescentar que este tipo

de situação pode também apresentar-se com a participação de mais de um Espírito, às vezes vários, que se revezam no uso do corpo físico de um encarnado e, tendo, como é óbvio, o domínio de sua mente. Tal situação remete-nos a um transtorno mental identificado pela Psiquiatria como *transtorno dissociativo de identidade* (ou *de personalidade múltipla*). Para a Medicina seria um distúrbio puramente patológico, porém, nos diversos casos que temos notícia o que ocorre é o que Hermínio C. Miranda, dedicado pesquisador e escritor espírita, denomina de *Condomínio espiritual*.⁷⁸ Este transtorno está relatado e comentado no meu livro *Transtornos mentais: Uma leitura espírita*,⁷⁹ no qual mencionamos os casos clássicos mais conhecidos de personalidade múltipla, como "As três faces de Eva", que foi tema de um filme com este nome, e o de "Sybill". Esta mulher, Sybill, era comandada por 16 personalidades diferentes, caso este que registramos com detalhes, apresentando a contribuição espírita para este transtorno.

Retornando a Kardec, em *A Gênese*, cap. XIV "Os fluidos", no item 48, vemos que ele faz interessante observação, que vale a pena transcrevermos:

Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, *toma* do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria seu fato a outro encarnado. Isso se verifica sem

qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo.⁶⁰

Atualmente não se adota, no meio espírita, o termo possessão no sentido positivo, benéfico, como no texto acima, para não haver confusão de palavras e de sentido. Possessão, seria, então, usado para designar um processo obsessivo dos mais graves. Vulgarmente, usa-se até mesmo dizer-se: "fulano está possuído pelo demônio" - o que para nós, espíritas, é o mesmo que dizer: "por um obsessor".

Fizemos todo este intróito antes de passarmos aos comentários do capítulo 9 do livro *Nos domínios da mediunidade*, intitulado "Possessão", com a finalidade de termos, inicialmente, a conceituação de Kardec sobre o tema.

A reunião dirigida por Raul Silva prosseguia. Narra André Luiz, que estavam presentes quatro pessoas em tratamento. Entre elas um moço, acompanhado de sua mãe, que dava mostras de estar muito inquieto e aflito. Áulus conversa, então, com Clementino, o Mentor dos trabalhos e o texto indica que o Assistente pede que seja permitida a presença de certo Espírito, o que é concedido, com vistas ao estudo do próprio André e de Hilário. Este é um ponto de capital importância. O que acontece, em seguida, em meio aos trabalhos da reunião, não era uma situação habitual, costumeira.

Devemos notar que a permissão dada por Clementino levou em conta a participação da médium Celina, de Raul, o dirigente, e da equipe, todos estavam, pois, a altura do cometimento.

Os guardas, sob orientação do Mentor, permitiram a entrada de uma entidade dementada, que imediatamente atravessou as linhas vibratórias de contenção e se precipitou sobre o rapaz, gritando-lhe o nome: Pedro! Este recebe o impacto vibratório, dá um grito e cai desamparado ao chão. A mãe tenta suavizar-lhe a queda. Silva toma as providências necessárias e o moço é levado para um leito em cómodo próximo, ficando isolado dos demais participantes. Logo Dona Celina é incumbida de dar-lhe assistência. Enquanto isto as atividades prosseguiram, "sem quebra de ritmo".

Epilepsia

No âmbito espiritual, o que se via eram os "dois contendores engalfinhados em luta feroz". Diante do quadro, André concluiu que Pedro estava sendo acometido de uma crise epiléptica, com toda a sua sintomatologia clássica: face transfigurada pela palidez, músculos tetanizados, dentes cerrados, a cabeça fletida para trás, seguindo-se estranhas convulsões. O perseguidor "como que se entranhara no corpo da vítima." Celina registrava-lhe a presença, porém, per-

manecia vigilante para não se apassivar, continuando a prestar socorro ao doente. Mentalmente tentou atender ao algoz, mas este prosseguia gritando, sendo ouvido apenas pelos desencarnados:

"- Vingar-me-ei! Vingar-me-ei! Farei justiça por minhas próprias mãos!... bradava, colérico".

André observou que Pedro estava plenamente ligado à entidade. O córtex cerebral apresentava-se envolvido por escura massa fluídica.

Observando o quadro, Áulus informou:

"- É a possessão completa ou a epilepsia essencial".

Ante a pergunta de Hilário se ele está inconsciente, o Instrutor explica:

"- Sim, considerado como enfermo terrestre, está no momento sem recursos de ligação com o cérebro carnal. Todas as células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos deletérios. As vias do equilíbrio aparecem completamente perturbadas. Pedro temporariamente não dispõe de controle para governar-se, nem de memória comum para marcar a inquietante ocorrência de que é protagonista. Isso, porém, acontece no setor da forma de matéria densa, porque, em espírito, está arquivando todas as particularidades da situação em que se encontra,

de modo a enriquecer o patrimônio das próprias experiências".

Sensibilizado diante da triste situação, André questiona se não estariam à frente de um transe mediúnico, visto estarem ambos tão estreitamente ligados. A resposta do orientador é bastante esclarecedora:

"- Sim, presenciamos um ataque epiléptico, segundo a definição da medicina terrestre, entretanto, somos contrangidos a identificá-lo como sendo um transe mediúnico de baixo teor, porquanto verificamos aqui a associação de duas mentes desequilibradas, que se prendem às teias do ódio recíproco".

Diferença entre epilepsia e manifestação mediúnica

Façamos uma pausa nesta narrativa, para algumas considerações importantes acerca de uma certa confusão que ocorre no meio espírita, quanto à epilepsia e a mediunidade. É muito comum confundir-se uma crise epiléptica com uma manifestação mediúnica de um Espírito obsessivo. É preciso reconhecer a diferença entre uma e outra. Apresentamos a seguir, resumidamente, uma palavra abalizada.

Quem nos esclarece é Manoel Philomeno de Miranda, no livro *Grilhões Partidos*,⁸¹ capítulo 11, cujo

título é "Epilepsia", no qual registra o caso de uma jovem de 20 anos que se encontrava em uma Casa de Saúde para pacientes psiquiátricos. Estando em visita de atendimento a outra paciente, Miranda e Dr. Bezerra de Menezes, que o orientava, estendem o trabalho a outras enfermas, no mesmo quarto, passando a atender a jovem, que dormia inquieta. Esta tem uma crise epiléptica e Miranda anota que não havia ali a presença de qualquer agressor desencarnado. Dr. Bezerra explica ser aquela uma "problemática epiléptica genuína". Após algumas considerações sobre a doença, o venerável Instrutor esclarece:

"- Este é importante capítulo da Neuropatologia que merece acurada atenção, particularmente dos estudiosos do Espiritismo, tendo em vista a parecença das síndromes epilépticas com as disposições medianímicas, no transe provocado pelas Entidades sofredoras ou perniciosas. Muito freqüentemente, diante de alguém acometido pela epilepsia, assevera-se que se trata de *"mediunidade a desenvolver"*, qual se a faculdade mediúnica fora uma expressão patológica da personalidade alienada. Graças à disposição simplista de alguns companheiros pouco esclarecidos, faz-se que os pacientes enxameiem pelas salas mediúnicas, sem qualquer preparação moral e mental para os elevados tentames do intercâmbio espiritual. (...)

Não obstante suas causas reais e remotas estejam no Espírito que ressarce débitos, há fatores

orgânicos que expressam as causas atuais e próximas, nas quais se fundamentam os estudiosos para conhecer e tratar a epilepsia com maior segurança, através dos anticonvulsivos".

Prosseguindo em suas elucidações, Bezerra assevera ser necessário que primeiro o paciente se pre-disponha à renovação íntima, ao esclarecimento, à educação espiritual, a fim de que se conscientize das responsabilidades que deve assumir, dando início ao tratamento que melhor lhe convém.

Miranda indaga se realmente ocorrem obsessões cruéis produzindo aparentes estados epilépticos, sendo prestamente esclarecido pelo sempre querido Dr. Bezerra:

"- Indubitavelmente há processos perniciosos de obsessão, que fazem lembrar crises epilépticas, tal a similitude da manifestação. No caso, porém, em pauta, o hóspede perturbador exterioriza a personalidade de forma característica, através da psicofonia atormentada, diferindo da epilepsia genuína. Nesta, após a convulsão vem o coma; naquela, à crise sucede o transe, no qual o obsessor, nosso infeliz irmão perseguidor, se manifesta.

Ocorrência mais comum dá-se quando o epiléptico sofre a carga obsessiva simultaneamente, graças aos gravames do passado, em que sua antiga vítima se investe da posição de cobrador, complicando-lhe a enfermidade, então, com caráter misto.

Conveniente, nesse como noutros casos, cuidar -se de examinar as síndromes das *enfermidades psiquiátricas*, a fim de as não confundir com os sintomas da mediunidade, no período inicial da manifestação, quando o médium se encontra atormentado".⁸²

O nobre Instrutor, em seguida, recomenda evitar generalizações, não adotando uma atitude simplista. Também ressalta os benefícios do tratamento fluidoterápico.

Concluímos, portanto, que a diferença básica entre uma crise epiléptica genuína e um transe mediúnico provocado por um Espírito obsessivo é que, naquela, após as convulsões a pessoa fica inconsciente por alguns momentos, não fala nada e, nesta, o Espírito manifesta-se realmente, em geral, fazendo ameaças, falando do seu ódio, de sua vingança, etc.

Retornemos à reunião descrita por André Luiz. Diante da situação de Pedro, Celina proferiu tocante prece em favor dos enfermos. Enquanto orava, suas mãos liberavam jatos de energias luminescentes, envolvendo-os em sensações de alívio. O perseguidor se desprende automaticamente de sua vítima, que repousou, enfim, num sono reparador.

Socorristas conduziram o obsessivo que se encontrava semi-adormecido para um local de emergência.

Por seu lado, Celina atendeu igualmente a mãezinha de Pedro, assustada e chorosa, oferecendo-lhe água fluidificada.

Desenvolver a mediunidade

Alguns pontos precisam ser aclarados a partir desse acontecimento no âmbito da reunião.

Uma pergunta inicial ocorre neste instante à nossa mente; também a mesma ocorreu a Hilário: Pedro então é médium?

Áulus explica que, tendo em vista a passividade com que sintoniza com o desafeto desencarnado, pode-se tê-lo nessa conta, "contudo precisamos considerar que, antes de ser um médium na acepção comum do termo, é um Espírito endividado a redimir-se".

Hilário prossegue pesquisando o assunto e indaga se *ele deveria cuidar do próprio desenvolvimento mediúnico*. Pergunta esta muito pertinente, pois comumente nos defrontamos com as mesmas dúvidas em muitas de nossas Casas Espíritas. Não raramente pessoas enfermas, portadoras de distúrbios mentais, ou com sintomas e problemas como os de Pedro, são encaminhadas às sessões mediúnicas, totalmente despreparadas e obsidiadas, na suposição de que ali irão resolver, num átimo, os sofrimentos que as torturam.

Em nossa experiência de mais de quarenta anos de prática mediúnica, de estudo constante e, pelo bom senso que o Espiritismo nos proporciona, para casos assim, tais pessoas devem ser encaminhadas para as reuniões doutrinárias, onde receberão as primeiras noções das diretrizes espíritas e, também, para reuniões de tratamento espiritual (fluidoterapia). Parafraseando o Codificador que aconselha a cuidar, primeiramente, de tornar ESPIRITUALISTAS as pessoas, antes de pensar em torná-las ESPÍRITAS, podemos dizer que devemos cuidar de torná-las ESPÍRITAS *antes* de encaminhá-las para as práticas mediúnicas. (*O Livro dos Médiuns*, 1- parte, cap. III, item 19.)

Respondendo à pergunta acima, Áulus lembra que *desenvolver*, quer dizer "retirar do invólucro", "fazer progredir" ou "produzir". E acrescenta: "Assim compreendendo, é razoável que Pedro, antes de tudo, desenvolva recursos pessoais no próprio reajuste. Não se constroem paredes sólidas em bases inseguras. Necessitará, portanto, curar-se. Depois disso, então..."

No dia-a-dia da Casa Espírita, não raramente, pessoas procuram orientação e que são portadoras de algum tipo de distúrbios mentais, tais como, pânico, depressão, bipolar, obsessivo compulsivo e, até mesmo, esquizofrenia, etc. e que são atendidas e encaminhadas para desenvolvimento mediúnico, ou, para que participem das reuniões mediúnicas, sem a menor preparação. No caso de algumas destas pessoas apre-

sentarem indícios de eclosão da mediunidade, ainda assim, deve-se evitar o seu comparecimento aos trabalhos práticos. O importante é que sejam orientadas quanto aos meios de administrar essas percepções extra-sensoriais, recomendando freqüência às reuniões doutrinárias, ao tratamento através dos passes, reuniões de estudo (se for o caso), leitura das obras básicas e outras complementares, preces, culto do Evangelho no lar, etc. Em meu livro *Mediunidade: Caminho para ser feliz* 8º tratamos com minúcias, quanto à maneira de controlar manifestações de Espíritos - que são indicadas, em especial, para os que desconhecem o assunto, para os novatos em geral.

Em casos como os de Pedro, ou semelhantes ao dele em algum aspecto, primeiro o tratamento espiritual, caso advenha a cura, ainda assim, é preciso fazer-se uma avaliação de cada caso, pois às vezes, cessam todos os sintomas de mediunidade. Nesse campo da mediunidade não se deve ter pressa, aguardemos um tempo, para verificar se os indícios mediúnicos progridem ou se, realmente, desapareceram. Tenho sempre repetido: para caracterizar se uma pessoa é médium e se deve começar a trilhar o caminho do aprendizado, ou seja, dos estudos e, posteriormente, da prática propriamente dita, é preciso que ela apresente um conjunto de sintomas. Não é só dizer: "estou vendo vultos" - bem, e aí? Com que freqüência? O que mais você sente? Ou então: "tenho

pesadelos"; "sonho com pessoas que já morreram" - e o que mais?

Diante dessas situações, o melhor é aguardar se as percepções evoluem ou se ficam só nisto.

Depois destas digressões, retomamos o texto de André Luiz, ainda com a palavra do Assistente:

"- Aparelhos mediúnicos valiosos naturalmente não se improvisam. Como todas as edificações preciosas, reclamam esforço, sacrifício, coragem, tempo... E sem amor e devotamento, não será possível a criação de grupos e instrumentos louváveis, nas tarefas de intercâmbio".

Lembrando o venerável Leon Denis, que dizia a mesma coisa, em seu estilo poético:

A mediunidade é uma delicada flor que, para desabrochar, necessita de acuradas precauções e assíduos cuidados. Exige o método, a paciência, as altas aspirações, os sentimentos nobres, e, sobretudo, a terna solicitude do bom Espírito que a envolve em seu amor, em seus fluidos vivificantes. Quase sempre, porém, querem fazê-la produzir frutos prematuros, e desde logo se estiola e fana ao contato com Espíritos atrasados.

Áulus esclarece, em seguida, que a enfermidade e o processo obsessivo de Pedro evidenciam débitos com o passado e, por esse motivo traz "consigo aflitiva mediunidade de provação".

E aduz: "É da Lei que ninguém se emancipe sem pagar o que deve".

Na parte final, o Instrutor refere-se às ligações afetivas do enfermo com alguns dos participantes do grupo, ressaltando que o acaso não consta dos desígnios divinos. A presença de Pedro na Casa lhe será altamente benéfica, se souber perseverar no campo da Consoladora Doutrina, assimilando princípios mentais renovadores, convertendo-se ao bem, o que abreviará o tempo de sua provação, tendo em vista que o adversário também se renovará pelos seus exemplos de compreensão, de fé e humildade. Mas, mesmo assim, após se extinguirem os acessos da possessão, Pedro ainda sofrerá as seqüelas do desequilíbrio em que se envolveu por algum tempo.

Ante a pergunta de Hilário se este trabalho de renovação levaria muito tempo, Áulus encerra o capítulo ponderando:

- Quem poderá penetrar a consciência alheia? Com o esforço da vontade é possível apressar a solução de muitos enigmas e reduzir muitas dores. O assunto, porém, é de foro íntimo... Estejamos entretanto convencidos de que as sementes da luz jamais se perdem.

Desdobramento em serviço mediúnico

O desdobramento que será abordado nestas páginas refere-se àquele que ocorre no transcurso das reuniões mediúnicas, no Centro Espírita. Entretanto, para maior compreensão mencionamos outros aspectos atinentes ao processo de expansão do perispírito.

O termo desdobramento⁸⁵ foi adotado por Leon Denis, em seu notável livro *No Invisível*, na 2ª parte, cap. XII "Exteriorização do ser humano. Telepatia. Desdobramento. Os fantasmas dos vivos". Vejamos o que ele diz:

O homem é para si mesmo um mistério vivo. De seu ser não conhece nem utiliza senão a superfície. Há em sua personalidade profundezas ignoradas em que dormitam forças, conhecimentos, recordações acumuladas no curso das anteriores existências, um mundo completo de idéias, de faculdades, de energias, que o envoltório carnal oculta e apaga,

mas que despertam e entram em ação no sono normal e no sono magnético [provocado].⁸⁶

Um ponto que deve ficar bem claro é o de que o perispírito é indivisível, todavia, pode, conforme as circunstâncias, expandir-se, ampliando sua capacidade de sensibilidade e percepção.

A expansibilidade é uma das propriedades do perispírito, devido a qual se desencadeia o processo de emancipação da alma.

Zalmino Zimmermann, ilustre escritor espírita, em seu excelente livro *Perispírito*,⁸⁷ assim se pronuncia a respeito:

Expandindo-se, o perispírito pode chegar a um estado inicial de desprendimento em que a percepção se torna acentuadamente mais aguda, podendo, a partir daí, se for o caso, evoluir para o desdobramento.

O tema desdobramento é abordado em *O Livro dos Espíritos*, Parte primeira, no capítulo VIII "Emancipação da alma", a partir da pergunta n.º 400, quando Kardec interroga aos Espíritos Superiores:

O Espírito encarnado permanece de bom grado no seu envoltório corporal?

É como se perguntasses se ao encarcerado agrada o cárcere. O Espírito encarnado aspira constantemente à sua libertação e tanto mais deseja ver-se livre do seu invólucro, quanto mais grosseiro é este.

Essa emancipação acontece com naturalidade e freqüência durante o sono físico, quando os laços que prendem o Espírito ao corpo afrouxam-se, e não necessitando este de sua presença, "ele se lança pelo espaço e *entra em relação mais direta com os outros Espíritos*". (Questão 401)

Assim, quando o corpo está adormecido o Espírito recupera um pouco da sua liberdade o que lhe constitui preciosa oportunidade, que será melhor aproveitada ou não, dependendo de suas intenções e preferências. Entretanto, existe uma outra possibilidade, que interessa muito às nossas reflexões neste momento, é que a emancipação do Espírito pode ocorrer sem que seja necessário o sono físico, conforme informam os Benfeitores Espirituais, na resposta à pergunta 407:

(...) basta que os sentidos entrem em torpor para que o Espírito recobre a sua liberdade. Para se emancipar, ele se aproveita de todos os instantes de trégua que o corpo lhe concede. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, tornando-se tanto mais livre, quanto mais fraco for o corpo.**

Na história da Humanidade encontramos casos célebres de desdobramento, assinalados nas Religiões e nas Artes, tanto quanto na Ciência e na Filosofia. Para maiores detalhes recomendamos o livro *Perispírito*, do Dr. Zalmino Zimmermann acima citado.

O desdobramento pode ser espontâneo ou induzido.

Quando espontâneo, pode ser de natureza mediúnica ou anímica e, tanto um quanto o outro, podem se apresentar de maneira consciente ou inconsciente. Em certos casos, porém, mais raros, podem se tornar visíveis ou não visíveis.

O desdobramento por indução é provocado por uma ação magnética ou hipnótica.

Eurípedes Barsanulfo, Yvonne A. Pereira, Francisco Cândido Xavier apresentaram durante suas vidas notáveis desdobramentos, espontâneos, conscientes, mediúnicos ou não mediúnicos. Nosso amigo Divaldo Franco, médium de diversos tipos de faculdades, também tem apresentado, no curso de sua vivência mediúnica, interessantes e belos casos de desdobramento.

A visão de Eurípedes

A elevada condição espiritual de Eurípedes Barsanulfo, todavia, permitiu-lhe viver uma impressionante experiência, que foi relatada pelo Espírito Hilário Silva, através da psicografia de Chico Xavier, no livro *A vida escreve*,⁸⁹ que a seguir transcrevemos, para nossa edificação.

Começara Eurípedes Barsanulfo, o apóstolo da mediunidade, em Sacramento, no estado de Minas Gerais, a observá-lo fora do corpo físico, em admirável desdobramento, quando, certa feita, à noite, viu a si próprio em prodigiosa volitação. Embora inquieto, como que arrastado pela vontade de alguém num torvelinho de amor, subia, subia...

Subia sempre.

Queria parar, e descer, reavendo o veículo carnal, mas não conseguia. Braços intangíveis tutelavam-lhe a sublime excursão. Respirava outro ambiente. Envergava forma leve, respirando num oceano de ar mais leve ainda... Viajou, viajou, à maneira de pássaro teleguiado, até que se reconheceu em campina verdejante. Reparava na formosa paisagem, quando, não longe, avistou um homem que meditava, envolvido por doce luz.

Como que magnetizado pelo desconhecido, aproximou-se...

Houve, porém, um momento em que estacou, trêmulo.

Algo lhe dizia no íntimo que não avançasse mais...

E num deslumbramento de júbilo, reconheceu-se na presença do Cristo.

Baixou a cabeça, esmagado pela honra imprevista, e ficou em silêncio, sentindo-se como intruso, incapaz de voltar ou seguir adiante.

Recordou as lições do Cristianismo, os templos do mundo, as homenagens prestadas ao Senhor, na literatura e nas artes, e a mensagem dele a ecoar entre os homens, no curso de quase vinte séculos...

Ofuscado pela grandeza do momento, começou a chorar...

Grossas lágrimas banhavam-lhe o rosto, quando adquiriu coragem e ergueu os olhos, humilde.

Viu, porém, que Jesus também chorava...

Traspassado de súbito sofrimento, por ver-lhe o pranto, desejou fazer algo que pudesse reconfortar o Amigo Sublime... Afagar-lhe as mãos ou estirar-se à maneira de um cão leal aos seus pés...

Mas estava como que chumbado ao solo estranho...

Recordou, no entanto, os tormentos do Cristo, a se perpetuarem nas criaturas que até hoje, na Terra, lhe atiram incompreensão e sarcasmo...

Nessa linha de pensamento, não se conteve. Abriu a boca e falou, suplicante:

- Senhor, por que choras?

O interpelado não respondeu.

Mas desejando certificar-se de que era ouvido, Eurípedes reiterou:

- Choras pelos descrentes do mundo?

Enlevado, o missionário de Sacramento notou que o Cristo lhe correspondia agora ao olhar. E, após um instante de atenção, respondeu em voz dulcíssima:

- Não, meu filho, não sofro pelos descrentes aos quais devemos amor. Choro por todos os que conhecem o Evangelho, mas não o praticam...

Eurípedes não saberia descrever o que se passou então.

Como se caísse em profunda sombra, ante a dor que a resposta lhe trouxera, desceu, desceu...

E acordou no corpo de carne. Era madrugada.

Levantou-se e não mais dormiu.

E desde aquele dia, sem comunicar a ninguém a divina revelação que lhe vibrava na consciência, entregou-se aos necessitados e aos doentes, sem repouso sequer de um dia, servindo até à morte.

Passemos agora a analisar o desdobramento do médium Antônio Castro, conforme relata o capítulo 11 do livro *Nos domínios da mediunidade*, a fim de conhecermos um pouco mais sobre a atuação dos Espíritos Mentores que se dedicam ao máximo para que tudo se processe de forma equilibrada e benéfica para a equipe encarnada e, em favor dos Espíritos que são atendidos a cada sessão.

Importa considerar o sugestivo título do capítulo, "Desdobramento em serviço". Isso nos remete àquela situação de médiuns que dormem durante a prática mediúnica e, ao final, declaram que estavam "desdobrados", porém não sabem o que ocorreu durante aquele período de tempo, ou mesmo chegam a dizer que estavam trabalhando, embora os Mentores jamais tenham se pronunciado a respeito ou orientado quanto a essa "atividade". Há uma diferença fundamental entre estes e a atividade exercida por Antônio Castro, que realmente estava *em serviço*. É o que veremos em seqüência, no transcurso da reunião presidida por Raul Silva, conforme relata André Luiz.

Observemos passo a passo o desdobramento e o trabalho da Espiritualidade Maior.

É bom lembrar que Castro é portador de uma especificidade mediúnica - não tão comum, confor-

me é apresentada no livro sob nossa apreciação - que favorece a expansão do seu perispírito.

O processo tem início com a participação do Mentor Clementino que aplica passes no médium, propiciando um transe profundo. De imediato, do tórax deste emana uma espécie de vapor esbranquiçado, que em se acumulando se transforma numa duplicata do médium, embora de tamanho um pouco maior, situando-se à esquerda do corpo físico. Em seguida afasta-se um pouco deste, deixando ver o cordão prateado que o prendia ao corpo, apresentando-se essa forma com uma cor azulada à direita e alaranjada à esquerda. Castro parecia sentir-se pesado e inquieto. Clementino prossegue nas operações magnéticas, facilitando a que "certas faixas de força que imprimiam manifesta irregularidade ao perispírito", fossem absorvidas pelo veículo carnal.

A partir daí Castro-Espírito se movimentou com desenvoltura, leve e ágil, porém, sempre atrelado ao corpo denso pelo cordão aeriforme.

Áulus, atendendo às expectativas de Hilário e André Luiz, explica:

Com o auxílio do supervisor, o médium foi convenientemente exteriorizado. A princípio, seu perispírito ou 'corpo astral' estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo de carne, conhecidos aqueles, em seu conjunto, como sendo o 'duplo etérico', formado por emanções neuropsíquicas que pertencem ao

campo fisiológico e que, por isso mesmo, não conseguem maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre ao instrumento carnal, por ocasião da morte renovadora. Castro devolveu essas energias ao corpo inerme, garantindo assim o calor indispensável à colmeia celular e desembaraçando-se, tanto quanto possível, para entrar no serviço que o aguarda.

Vestes dos Espíritos

Vale anotar que o duplo do médium não se apresentava com a mesma roupa que trajava e, sim com um roupão esbranquiçado que ia até os pés, cobrindo-os.

Não podemos deixar de mencionar, por oportuno, a questão das vestes dos Espíritos, pois isto foi objeto de pesquisa do Codificador, num capítulo muito interessante de *O Livro dos Médiuns*,⁹⁰ ao qual ele intitulou de "Do laboratório do mundo invisível".

Kardec inicialmente refere-se que os Espíritos se apresentam "vestidos de túnicas, envoltos em largos panos, ou mesmo com os trajes que usavam em vida". Mas depois acrescenta que o envolvimento em panos parece ser um costume geral no mundo dos Espíritos. O mestre lionês nos informa que o Espírito atua sobre a matéria cósmica universal, dela tirando os elementos que necessite para formar, segundo a sua vontade, objetos que tenham a

aparência dos existentes na Terra. Com a força do pensamento, o Espírito consegue modificar a matéria elementar, conferindo-lhe determinadas propriedades. "Esta faculdade é inerente à natureza do espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando necessário, sem disso se aperceber."

Sempre que surge algum comentário acerca do vestuário dos Espíritos vem à minha lembrança uma passagem da vida de Joana D'Arc, que Léon Denis registra em seu livro *Joana D'Arc, médium*.⁹¹ O episódio acontece quando a donzela de Orleães estava presa, sendo submetida aos cruéis interrogatórios, em Rouen, pelos inquisidores. Estes, conforme menciona Denis, juízes velhacos e astuciosos. Joana proclamava que obedecia ordens de São Miguel, Santa Catarina e Santa Margarida. Um dos juízes, então, a interroga, maliciosamente, se São Miguel se apresentava despido. Ao que ela, com toda altivez e coragem, responde:

- "Pensais que Deus não tem com que o vestir?"

Resposta de grande sabedoria, proferida por um Espírito que já amalhara aquisições morais e intelectuais através de laboriosa escalada evolutiva e que envergava, naquela existência, através do abençoado processo reencarnatório, o corpo da jovem Joana D'Arc, cuja personalidade destemida e fiel a si mesma e aos princípios elevados que norteavam a

sua vida, deixava entrever os valores espirituais conquistados. Recomendamos aos prezados leitores, que desejem conhecer a saga comovente desse Espírito, o livro citado.

Após essa digressão, retornemos ao desdobramento de Antônio Castro.

O Intrutor informa que o companheiro em desdobramento, contando com a ajuda do Mentor, estava se utilizando de suas próprias energias ectoplásmicas, às quais se somavam os recursos do ambiente. "Semelhantes energias transudam de nossa alma, conforme a densidade específica de nossa própria organização, variando desde a sublime fluidez da irradiação luminescente até a substância pastosa com que se operam nas crisálidas os variados fenômenos de metamorfose."

Após algumas instruções de Clementino, é aplicado à cabeça do médium um capacete em forma de antolhos, visto que ele seria transportado para certa região e não lhe seria conveniente dispersar a atenção no trajeto, pois sendo inexperiente poderia interferir na tarefa a ser executada.

Em pleno desdobramento Castro projeta-se no espaço, de mãos dadas com dois vigilantes.

A partir daí Castro começa a narrar o que via para os companheiros da reunião. Vendo-se em uma região sombria, manifesta certo temor, quer voltar,

mas Raul, o dirigente, profere uma prece, rogando ao Alto forças para o irmão em serviço, o que possibilitou a elevação do padrão vibratório do grupo. Sentindo-lhes as vibrações tonificantes que lhes eram endereçadas, o médium agradece aos amigos, pois estas atuavam sobre ele "como se fosse um chuveiro de luz".

Após atravessarem a região de trevas, Castro divisa uma paisagem totalmente diferente e manifesta a sua alegria ao ver o que denomina de "cidade de luz" e em seguida a surpresa do encontro com um querido amigo desencarnado recentemente. Registramos a sua bela narrativa:

"Oh! É a cidade de luz... Torres fulgurantes elevam-se para o firmamento! Estamos penetrando um grande parque!... Oh! Meu Deus, quem vejo aqui a sorrir-me!... É o nosso Oliveira! Como está diferente! Mais moço, muito mais moço..."

A emoção do médium contagia a todos visto que Oliveira foi abnegado trabalhador da Casa. Na seqüência o amigo recém-desencarnado transmite, através de Castro, uma mensagem aos companheiros da reunião, dando notícias de sua situação, ao tempo em que agradece as preces que lhes eram enviadas.

Animismo

O tema animismo suscita muitas dúvidas em nossas fileiras espíritas, visto ter sido, compreensivelmente, pouco aprofundado na Codificação e, por apresentar características singulares. Entretanto, atualmente já temos ótimas e esclarecedoras abordagens em várias obras doutrinárias, de autores encarnados e desencarnados, que desenvolvem o assunto e muito nos instruem.

Interessam-nos, neste momento, dois livros de André Luiz que trazem capítulos referentes ao animismo, são eles, *Nos domínios da mediunidade*⁹² e *No Mundo Maior*,⁹³ ambos explanando acerca de ocorrências no âmbito de reuniões mediúnicas.

Iremos enfocar primeiramente o capítulo 9 de *No Mundo Maior*, quando é narrada a atuação da médium Eulália, integrante de um grupo mediúnico. André, em companhia do Instrutor Calderaro, é apresentado, logo na entrada, a um colega médico, que

estava se preparando para transmitir uma mensagem, através de Eulália, a médium mais experiente. Segundo ele, já havia feito alguma tentativa anterior, mas sempre surgia a suspeita de animismo.

A atenção de André Luiz volta-se, em seguida, para a equipe encarnada, visto que as atividades teriam início. Calderaro comenta que das onze pessoas presentes só oito estavam em condições favoráveis. Dentre estes sobressaía Eulália, por apresentar um estado mais receptivo, o que facilitava um pouco mais a possibilidade da comunicação do médico, que já se posicionara junto a ela... No entanto, este não encontrava na médium elementos afins perfeitos, porque, "nossa colaboradora não se liga a ele através de todos os seus centros perispirituais; não é capaz de elevar-se à mesma frequência de vibração em que se acha o comunicante; não possui suficiente 'espaço interior' para comungar-lhe as idéias e conhecimentos; não lhe absorve o entusiasmo total pela Ciência, por ainda não trazer de outras existências, nem haver construído, na experiência atual, as necessárias teclas evolucionárias, que só o trabalho sentido e vivido lhe pode conferir".

Mesmo assim, ela apresentava uma força poderosa - a boa vontade, que naquele instante era a via mais importante pela qual sintonizaria com o médico desencarnado. Este, porém, teria que desistir de adotar o jargão médico, a técnica científica, o patri-

mônio de palavras que lhe era peculiar, identificando-se com a médium usando também, a própria boa vontade para a sintonia necessária.

Calderaro conclui dizendo que existem "tipos idênticos de faculdades, mas enormes desigualdades nos graus de capacidade receptiva, os quais variam infinitamente, como as pessoas".

Vale a pena atentarmos para as reações dos oito participantes, que, concentrados, absorviam a emissão mental do comunicante, cada um dentro de suas possibilidades receptivas. O tema central da mensagem referia-se à proposta de assistência aos enfermos, o que levou cada integrante a interessantes e diversificadas associações decorrentes dessa idéia. Este é um valioso subsídio para o estudo da mediunidade, pois é adequado também para a atividade dos médiuns videntes numa sessão mediúnica, porque, cada um poderá ter percepções diferentes, conforme a faixa vibratória que tenha possibilidade de alcançar. Quando o grupo é bastante homogêneo e afinizado, ocorrerá uma sintonia mais ampla e semelhante com vários médiuns ao mesmo tempo, que podem captar os pensamentos de Espíritos comunicantes antes que comecem a falar, ou outros que estejam presentes, mesmo que não se manifestem, havendo posterior confirmação, ao final dos trabalhos, de todas estas captações.

Eulália, portanto, se dispôs a servir de intermediária da mensagem, o que foi efetuado pela psicografia. A mensagem, cujo teor era elevado, foi assinada pelo autor. Ao final, lida a página, o nome do médico, por ser muito conhecido, provocou um estudo e debate do seu conteúdo pelos participantes. Embora reconhecendo ser este edificante na essência, faltavam-lhe a nomenclatura daquele profissional e demais características, surgindo então a idéia de animismo. Foram citados nomes famosos do passado, que estudaram o assunto, o que levou o Espírito comunicante a ficar desapontado, pois não desejava provocar tal polêmica e, sim, incentivar o amor pelos enfermos.

Diante dessas conclusões dos companheiros, pouco delicados e nada interessados nas reações que a médium poderia estar sentindo, esta foi invadida por intensa amargura, indo quase às lágrimas. Sentia-se sozinha, entre os companheiros invigilantes. Preocupado, Calderaro aproximou-se dela, envolvendo-a com bondade; sua mão espalmada sobre a cabeça da médium expedia brilhantes raios, que lhe desciam do encéfalo ao tórax, renovando-lhe as disposições íntimas. A partir deste instante ela desligou-se, mentalmente, dos comentários em torno e passou a registrar as palavras do Benfeitor, que a ela se dirigia com ternura paternal:

"- Eulália, não desanimes! A fé representa a força que sustenta o espírito na vanguarda do combate pela vitória da luz divina e do amor universal. Nossos amigos não te acusam, nem te ferem: tão somente dormem na ilusão e sonham, apartados da verdade; exculpa-os pelas futilidades do momento. Mais tarde eles despertarão... (...) Sigamos para a frente. Estaremos contigo na tarefa diária. É necessário amar e perdoar sempre, esquecendo o dia obscuro, a fim de alcançar os milênios luminosos. Não desfaleças! O Eterno Pai te abençoará".

Os lobos frontais da médium tornaram-se luminosos e ela sentiu-se reconfortada, embora não registrasse as palavras com precisão sentiu que energias novas a dominavam, tornando-a predisposta a vencer todos os obstáculos. Assim, como que em resposta, disse a si mesma que trabalharia com perseverança compreendendo que o serviço da verdade pertence ao Senhor, e não aos homens. Seria fiel a Deus, cumprindo-lhe trabalhar, amar e esperar.

Este é um caso de comunicação mediúnica autêntica tida, porém, como animismo. O contrário acontece, não raramente: a comunicação é da própria alma do médium, mas transmitida como se fosse realmente uma entidade a se manifestar, passando como se fosse uma comunicação mediúnica autêntica. Outras nuances desse processo comentaremos adiante. Por ora fixaremos nossa atenção na possibilidade da

manifestação da alma do médium, sem que ele próprio tenha consciência disso.

Autêntico animismo

É o de que trata o capítulo 22 de *Nos domínios da mediunidade*.

Vejamos o que André Luiz descreve ao participar pela segunda vez da reunião semanal, dirigida por Raul Silva.

Na noite em questão, entre as três pessoas que estariam recebendo o tratamento, encontrava-se uma senhora enferma, acompanhada do esposo, que, em meio aos trabalhos, começa a chorar, exclamando:

"- Quem me socorre? Quem me socorre?...".

E prossegue:

"- Covarde! Por que apunhalar, assim, uma indefesa mulher? Serei totalmente culpada? Meu sangue condenará seu nome infeliz...".

Raul, com a serenidade habitual, aproxima-se dela, proferindo palavras de consolo, mencionando os benefícios do perdão e a necessidade de aguardar que a Bondade Divina surgisse em seu caminho. Ela, porém, prossegue queixando-se de um sofrimento do passado, como se estivesse a exteriorizar o pensamento de um Espírito comunicante.

André e Hilário notaram a presença, a certa distância, de um homem desencarnado, que a observa-

va, desalentado. Ao mesmo tempo perceberam que a enferma não estava transmitindo, como a princípio parecia, as palavras de alguma entidade. Áulus, que permanecia junto dela, ainda em lágrimas, afagando-lhe a fronte, e, como que auscultando os seus pensamentos, explicou que a cena que assistiram era a exteriorização do seu passado, provocado pela aproximação de antigo desafeto, agora seu perseguidor. Ela estava, pois, revivendo momentos dolorosos ocorridos em cidade do Velho Mundo, no século passado.

Em seqüência, o Instrutor acrescenta um dado muito interessante para nossa compreensão do animismo. Ele fala que a senhora doente "imobilizou grande coeficiente de forças do seu mundo emotivo, em torno da experiência a que nos referimos, a ponto de semelhante *cristalização mental* haver superado o choque biológico do renascimento no corpo físico, prosseguindo quase que intacta. Fixando-se nessa lembrança, quando instada de mais perto pelo companheiro que lhe foi irrefletido algoz, passa a comportar-se qual se estivesse ainda no passado que teima em ressuscitar. É então que se dá a conhecer como personalidade diferente, a referir-se à vida anterior".

Para a psiquiatria seria um caso patológico, entretanto, sob a visão espiritual é uma pessoa portadora de conflitos do pretérito, que ressumam do seu inconsciente, produzindo uma manifestação anímica.

André Luiz conclui que ali estava ocorrendo "um processo de autêntico animismo. Nossa amiga supõe encarnar uma personalidade diferente, quando apenas exterioriza o mundo de si mesma...".

Obsidiado ou auto-obsidiado

Yvonne Pereira, em seu excelente livro *Recordações da mediunidade*,⁹⁴ cap. 10: "O complexo obsessão", registra o pensamento do Dr. Bezerra de Menezes no tocante às situações como esta que acabamos de citar, da senhora enferma. Ele elucida que o remorso "é um dos mais avassaladores sentimentos" e o Espírito que reencarna nesta condição carregará para o corpo físico todo esse desequilíbrio. E acrescenta:

Seu aspecto será o de um obsidiado. No entanto, ele é obsidiado apenas por sua *memória profunda*, que vinculou sua personalidade humana. Se houve remorso, houve crime, delinquência. E, se houve crime, a consciência, desarmonizada consigo mesma, desarmonizará todo o ser, e de muitas formas. A mente enferma refletirá sua anormalidade sobre o perispírito, que é dirigido por ela, e este sobre o corpo carnal, que é escravo de ambos, através do sistema nervoso.

Podemos inferir que, nestes casos, há uma auto-obsessão e, possível comunicação anímica quando

em determinada circunstância, conforme o exemplo da senhora enferma. Prosseguindo em suas elucidações, Dr. Bezerra afirma que se esse paciente for tratado com os recursos espíritas, e vindo a dar uma comunicação, aparentemente como se fosse a de um sofredor ou obsessor, se o doutrinador perceber a realidade e procurar atendê-lo, doutrinando, evangelizando e consolando, isto muito o beneficiará.

Refletindo um pouco mais sobre o assunto anotamos, a seguir, alguns esclarecimentos, sem pretensão de esgotá-lo.

O termo *animismo* foi adotado por Alexandre Aksakof, em sua célebre obra *Animismo e Espiritismo*, "Prefácio":⁹⁵

Para maior brevidade, proponho designar pela palavra animismo todos os fenômenos intelectuais e físicos que deixam supor uma atividade extracorpórea ou à distância do organismo humano e mais especialmente todos os fenômenos mediúnicos que podem ser explicados por uma ação que o homem vivo exerce além dos limites do corpo.

As conclusões de Aksakof, no livro citado, hoje um clássico da Doutrina Espírita, são realmente notáveis, o que evidencia a sua condição de integrante da falange do Espírito de Verdade. No prefácio, datado de 1890, o autor explica que a palavra *alma* [*anima*], com o sentido que tem geralmente no Espiritismo ou Espiritualismo, justifica plenamente o

emprego da palavra animismo. Ele classifica os fenômenos em três grandes categorias. Utilizaremos aqui a síntese apresentada por Jayme Cervino [*Além do inconsciente*]:⁹⁶

1 - Personismo - Fenômenos explicáveis unicamente pelas funções clássicas da subconsciência e que, portanto, se situam nos domínios da Psicologia.

2 - Animismo - Fenômenos que indicam que existe no homem um sistema não-físico, uma alma. Esses fenômenos são hoje denominados de funções PSI.

3 - Espiritismo - Fenômenos de personismo e de animismo na aparência, porém, que reconhecem uma causa extramediúnica, supraterebre, isto é, fora da esfera da nossa existência.

Aksakof esclarece que no *personismo* temos a primeira e a mais simples manifestação do *desdobramento da consciência*; no *animismo* temos a manifestação culminante do *desdobramento psíquico*; no *Espiritismo*, quanto ao modo de manifestação ser semelhante aos outros dois, se distingue deles pela presença de uma *personalidade independente* (um Espírito comunicante).

É oportuno mencionar que Allan Kardec, trata do assunto, em *O Livro dos Médiuns*:⁹⁷ "A alma do médium pode comunicar-se como a de qualquer outro. Se goza de certo grau de liberdade, recobra sua qualidade de Espírito". (Cap. XIX, item 223.)

No que concerne às reuniões mediúnicas, o animismo é uma preocupação para muitos dirigentes e trabalhadores da área da mediunidade, a ponto de rejeitarem a maior parte das comunicações, vindo a inibir médiuns que poderiam progredir no decurso da própria prática.

Em *Mecanismos da mediunidade*,⁹⁸ André Luiz define: "Animismo é o conjunto de fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação".

Temos, portanto, duas realidades: *Fenômeno anímico*: quando ocorrem manifestações de animismo puro. Neste há um componente anímico apenas, ou seja, do encarnado (caso narrado em *Nos domínios da mediunidade*). *Fenômeno mediúnico*: No fenômeno mediúnico há um componente espiritual (do desencarnado) e um componente anímico (do encarnado). Não há fenômeno mediúnico sem participação anímica (caso da médium Eulália).

Kardec elucida quanto ao fenômeno mediúnico e o componente anímico de modo muito claro:

Com um médium, cuja inteligência atual ou anterior se ache desenvolvida, o nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, por uma faculdade peculiar à essência mesma do espírito.

No cérebro do médium encontramos elementos próprios a dar ao nosso pensamento a vestidura da palavra que lhe corresponda.

Essa a razão porque, seja qual for a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados que este obtém, embora procedendo de Espíritos diferentes, trazem, quanto à forma e ao colorido, o cunho que lhe é pessoal.

É o que explica, com muita propriedade, o Dr. Jorge Andréa, querido escritor espírita, expositor de notáveis méritos e nosso bom amigo, em seu livro *Enfoques científicos na Doutrina Espírita*.⁹⁹

É preciso registrar que as comunicações mediúnicas, de toda natureza, inclusive as realizadas com médiuns exercitados, bem traduzem o conteúdo das mensagens, porém, sempre carregando as *tinturas* do médium ou aparelho receptor. Isto quer dizer que o Espírito comunicante, ao 'refletir-se' no médium, utiliza o que o mesmo possui: se é um médium de arcabouço psicológico evoluído encontrará boas condições para exteriorizar seu pensamento; se o médium apresenta, pelo seu dia-a-dia, pouca evolução, traduzida em reduzidas condições psicológicas, é claro que o comunicante não encontrará elementos específicos a fim de expressar a desejada mensagem.

O "estilo" de Chico Xavier

Temos um excelente exemplo disto, ou seja, das *tinturas do médium* - nas cartas psicografadas por Chico Xavier endereçadas aos familiares: embora a imensa diversidade dos Espíritos comunicantes, de suas personalidades e dos dramáticos momentos fi-

nais no corpo físico, por muitos deles experienciados, o "colorido" da personalidade do Chico é bem nítido, seja no vocabulário, seja no tom sempre amoroso e carinhoso. Mesmo quando da comunicação de jovens se expressando nas gírias que lhes eram peculiares é possível observar o jeito de ser do nosso querido Chico. Animismo? Absolutamente! Todas mensagens autênticas, trazendo, inclusive, datas, nomes de pessoas ligadas à família, de amigos, dados pessoais que só os familiares poderiam saber e compreender, etc. Que entendam bem as minhas considerações, *pois estou me referindo ao cunho pessoal do médium mineiro*, tal como elucida o Codificador. Interessante, porém, registrar que, nas milhares de páginas por ele psicografadas, algumas, talvez, ainda esparsas ou constantes de seus mais de 400 livros *é perfeitamente identificável o estilo de cada autor*. Em meu livro *Testemunhos de Chico Xavier*, analisamos vários aspectos da mediunidade do nosso Chico.

Podemos citar outros exemplos, como o jeito de ser, o estilo pessoal de Yvonne A. Pereira, de Divaldo Franco, de Raul Teixeira que ressumam de suas produções mediúnicas e a multiplicidade dos estilos dos Espíritos comunicantes, comprovando a autenticidade das mensagens.

Voltando ao caso da enferma relatado por André Luiz, destacamos mais dois aspectos interessantes

era nossa conclusão final. O primeiro é quando Áulus afirma estar ela *quase na posição de sonâmbula perfeita*. Para rememorar o assunto "sonambulismo", convidamos os leitores à releitura do capítulo 14 deste livro.

O outro ponto que merece ser citado, é a ponderação do Instrutor quanto à necessidade de se atender à senhora com a mesma atenção que dedicamos aos Espíritos sofredores. E acrescenta: Um doutrinador sem tato fraterno apenas lhe agravaria o problema, porque, a pretexto de servir à verdade, talvez lhe impusesse corretivo inoportuno ao invés de socorro providencial. Primeiro, é preciso remover o mal, para depois fortificar a vítima na sua própria defesa. Felizmente, o nosso Raul assimila as correntes espirituais que prevalecem aqui, tornando-se o enfermeiro ideal para as situações dessa ordem.

Mandato mediúnico

André Luiz e Hilário, em companhia do Instrutor Áulus, comparecem a uma reunião pública de psicografia para atendimento aos necessitados, encarnados, que procuravam uma orientação e/ou receituário mediúnico. Essa sessão, detalhada no capítulo 16 de *Nos domínios da mediunidade*,¹⁰⁰ apresenta as mesmas características das que eram realizadas por Chico Xavier, ao longo de muitos anos, primeiro em Pedro Leopoldo (MG) e, posteriormente, em Uberaba (MG).

Os cuidados e providências da Espiritualidade Maior se faziam presentes.

Grande número de pessoas já estava no recinto e em suas proximidades, o mesmo ocorrendo quanto à presença dos desencarnados, quando eles chegaram. Guardiães espirituais procediam à triagem, não sendo permitido o ingresso de Espíritos blasfemadores e renitentes no mal, que ficavam do lado de

fora. Entretanto, André observou que a maioria dos desencarnados era constituída de enfermos, tão necessitados de socorro fraterno quanto os doentes e aflitos do plano físico.

A mesa apresentava-se cercada por largo cordão luminoso, de isolamento e, ao seu redor, acomodavam-se os que careciam de assistência, encarnados ou não, área essa também protegida por faixas de defesa magnética, e sob o cuidado cauteloso de guardas pertencentes à esfera espiritual.

Na parte oposta à entrada, vários Benfeitores Espirituais conferenciavam entre si, relata André. Próxima a eles, uma senhora de respeitável aspecto atendia diversos pacientes. Era a médium Ambrosina. Esta apresentava em torno de si um extenso halo de irradiações muito claras, e, mesmo atendendo a sofredores, mantinha a própria aura, no mesmo equilíbrio, sem que as emissões de fluidos enfermos lhe alterassem o campo de forças.

Áulus explica que a médium, há mais de vinte anos sucessivos, oferece à mediunidade com Jesus o melhor de suas possibilidades, tendo renunciado, por amor a este ideal, às mais singelas alegrias do mundo, sempre trabalhando desde a mocidade e, por tudo isto, não constituiu família, mantendo-se solteira.

Observando a médium, André notou que em sua cabeça, entre os cabelos já grisalhos, sobressaía um

pequeno funil de luz. Interessa-nos a explicação do Assistente a respeito:

- É um aparelho magnético ultra-sensível com que a médium vive em constante contato com o responsável pela obra espiritual que por ela se realiza. Pelo tempo de atividade na Causa do Bem e pelos sacrifícios a que se consagrou, Ambrosina recebeu do Plano Superior um mandato de serviço mediúnico, merecendo, por isso, a responsabilidade de mais íntima associação com o instrutor que lhe preside às tarefas. Havendo crescido em influência, viu-se assoberbada por solicitações de múltiplos matizes. Inspirando fé e esperança a quantos se lhe aproximam do sacerdócio de fraternidade e compreensão, é, naturalmente, assediada pelos mais desconcertantes apelos.

Diante disso, Hilário, curioso, indaga:

- Vive então flagelada por petitorios e súplicas?
- Até certo ponto sim, porque simboliza uma ponte entre dois mundos, entretanto, com a paciência evangélica, sabe ajudar aos outros para que os outros se ajudem, porquanto não lhe seria possível conseguir a solução para todos os problemas que se lhe apresentam.

Cenas de um crime

Após receberem estes esclarecimentos, André e Hilário aproximaram-se da médium, que neste momento vivia uma experiência inusitada, que de certa forma a estava angustiado, pela gravidade da situação. Ela estava percebendo o pensamento conju-

gado de duas pessoas, que exteriorizavam as cenas de um crime que haviam perpetrado. Ambrosina refletia, falando mentalmente, de forma a ser ouvida somente pelos amigos espirituais:

- Amados amigos espirituais, que fazer? Identifico nossos irmãos delinquentes e reconheço-lhes os compromissos... Um homem foi eliminado... Vejo-lhe a agonia retratada na lembrança dos responsáveis... Que estarão buscando aqui nossos infortunados companheiros, foragidos da justiça terrestre?

Diante do que via, Ambrosina receava perder a harmonia vibratória que lhe era peculiar. Um dos Mentores presentes se aproximou e tranqüilizou-a:

- Ambrosina, não receie. Acalme-se. É preciso que a aflição não nos perturbe. Acostume-se a ver nossos irmãos infelizes na condição de criaturas dignas de piedade. Lembre-se de que nos achamos aqui para auxiliar, e o remédio não foi criado para os sãos. Compadeça-se, sustentando o próprio equilíbrio! Somos devedores de amor e respeito uns para com os outros e, quanto mais desventurados, de tanto mais auxílio necessitamos. É indispensável receber nossos irmãos comprometidos com o mal, como enfermos que nos reclamam carinho.

A médium aquietou-se e passou a atender os que solicitavam ajuda.

É oportuno, neste ponto, recordarmos um fato semelhante que o médium Francisco Cândido Xavier

relata em uma de suas cartas, endereçada ao então Presidente da FEB, Wantuil de Freitas, carta esta datada de 12 de junho de 1948, conforme registro em meu livro *Testemunhos de Chico Xavier*.¹⁰¹ Referindo-se ao trabalho de passes que realizava com frequência, Chico menciona o seguinte:

- Há pouco tempo, nesse trabalho, vi a cena que preocupava o doente - um crime por ele cometido há trinta anos. O caso foi para mim doloroso. E é tão grande e tão complexo que não cabe numa carta. Faço referência tão-só para comentarmos a complexidade dessa tarefa.

Chico viu um clichê mental ou forma-pensamento que o homem exteriorizava, certamente vitalizado pelo sentimento de remorso.

Allan Kardec elucida, em *A Gênese*,¹⁰² cap. XIV "Os fluidos", item 15 que

(...) criando *imagens fluídicas*, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho; toma nele corpo e aí de certo modo *se fotografa*. (...) Desse modo é que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo.

Em minha Opinião pessoal a experiência de Chico Xavier pode ter sido relatada por André Luiz, ilustrando-a como tendo sido vivida pela personagem Ambrosina, tanto quanto suponho ser esta reunião que estamos comentando neste capítulo

uma descrição da que era realizada pelo médium mineiro.

Com a chegada de Gabriel, o mais categorizado mentor da Casa, acompanhado por grande grupo de amigos e, depois de acomodados defronte à mesa, André notou que a partir daquele instante estabeleceu-se larga faixa de luz inacessível às sombras que assenhoreavam a maioria dos encarnados e desencarnados presentes. Gabriel e os assessores abraçaram os três visitantes.

O ambiente era festivo, todos os instrutores e funcionários espirituais da instituição mostravam grande alegria pelo trabalho a que se dedicavam. André comenta:

O trato com doentes e sofredores dos dois planos não lhes roubava a esperança, a paz, o otimismo... Compareciam ali, com o abnegado e culto orientador, a quem Áulus não regateava os seus testemunhos de veneração, médicos e professores, enfermeiros e auxiliares desencarnados, prontos para servir na lavoura do bem.

Irradiavam tanta beleza e alegria que Hilário, com seu temperamento juvenil, apresenta várias indagações ao Assistente que os acompanhava:

Aqueles amigos, considerando as mensagens de luz e simpatia que projetavam de si mesmos, seriam altos embaixadores da Divina Providência? Desfrutavam, acaso, o convívio dos santos? Viveriam em comunhão pessoal com o Cristo? Teriam alcançado a condição de seres impecáveis?

- Nada disso (Áulus informa). Com todo o apreço que lhes devemos, é preciso considerar que são vanguardeiros do progresso, sem serem infalíveis. São grandes almas em abençoado processo de sublimação, credoras de nossa reverência pelo grau de elevação que já conquistaram, contudo, são Espíritos ainda ligados à Humanidade terrena e em cujo seio se corporificarão, de novo, no futuro, através do instituto universal da reencarnação, para o desempenho de preciosas tarefas. (...)

Hilário observando o contraste entre a assembleia de criaturas torturadas e sofredoras e os Mentores, pergunta: estes são luminares isentos de errar?

Vejamos a resposta do Instrutor:

- Não. Não podemos exigir deles qualidades que somente transparecem dos Espíritos que já atingiram a sublimação absoluta. São altos expoentes de fraternidade e conhecimento superior, porém, guardam ainda consigo probabilidades naturais de desacerto. Primam pela boa vontade, pela cultura e pelo próprio sacrifício no auxílio incessante aos Companheiros reencarnados, mas podem ser vítimas de equívocos, que se apressam, contudo, a corrigir, sem a vaidade que, em muitas circunstâncias, prejudica os doutos da Terra.

O receituário mediúnico

A reunião ia ser iniciada. À mesa estavam quatorze pessoas. Ambrosina sentara-se ao lado do dirigente, que proferiu a prece inicial. Ao lado da

médium, Gabriel aplicava-lhe passes, preparando-a para as atividades da noite. Foi feita a leitura de um trecho doutrinário que versava sobre a necessidade da paciência.

O público presente era numeroso, dezenas de pessoas aglomeravam-se em volta da mesa, exteriorizando atribulações, angústias, sofrimentos. André notou que surgiam por entre o grupo de encarnados estranhas formas-pensamento, denotando-lhes a situação mental. Obsessores, aos quais foi permitida a presença, contribuía com vibrações e pensamentos desequilibrados, muitos envolvidos em seus propósitos de vingança, outros enquistados no desânimo, no desespero e, até mesmo pelo medo do desconhecido. Parte dos desencarnados, conservava-se em grande expectativa, alguns ansiavam pelo céu ou receavam pelo inferno, de acordo com suas crenças religiosas.

Expositores que faziam parte da mesa diretora se intercalavam nos comentários do tema lido no início, o que propiciou, de imediato, um alento novo para as almas aflitas, cansadas e sofredoras, beneficiando assim, encarnados e desencarnados. Todavia, certos Espíritos perseguidores tentavam manter suas vítimas sob hipnose, levando-as a um torpor mental, ao sono provocado, para que não se beneficiassem com as mensagens transformadoras que estavam sendo veiculadas.

Uma equipe de médiuns colaborava para que os trabalhos decorressem em harmonia e com proveito geral. Entretanto, Ambrosina era o centro da confiança e atenção de todos, pois representava "o coração do santuário, dando e recebendo, ponto vivo de silenciosa junção entre os habitantes de duas esferas distintas".

Diante da médium, que se mantinha em prece, foram colocadas numerosas tiras de papel; eram os pedidos do povo, anseios e súplicas à proteção do Alto.

André, descrevendo os momentos iniciais do receituário, informa:

Entre Dona Ambrosina e Gabriel destacava-se agora extensa faixa elástica de luz azulínea, e amigos espirituais, prestos na solidariedade cristã, nela entravam e, um a um, tomavam o braço da medianeira, depois de lhe influenciarem os centros corticais, atendendo, tanto quanto possível, aos problemas ali expostos.

Antes, porém, de começarem o trabalho de resposta às questões formuladas, um grande espelho fluídico foi situado junto da médium, por trabalhadores espirituais da instituição e, na face dele, com espantosa rapidez, cada pessoa ausente, nomeada nas petições da noite, surgia ante o exame dos benfeitores que, a distância, contemplavam-lhe a imagem, recolhiam-lhe os pensamentos e especificavam-lhe as necessidades, oferecendo a solução possível aos pedidos feitos.

Em seguida, Ambrosina, sob o comando de instrutores que se revezavam no serviço de atendi-

mento, passou a psicografar, sem descanso. Em decorrência da palavra pacificadora dos expositores e à ação dos mentores, o público acalmou-se, proporcionando a André e Hilário um interregno para novas perguntas.

Hilário quis saber **O que significa, a faixa de luz** que associavam a médium e **O mentor dos trabalhos**, Áulus esclarece que num trabalho como aquele, que requer do médium mais amplo domínio e desenvolvimento das suas faculdades medianímicas, essa providência é imprescindível. O médium, nesse patamar, situa-se entre os dois planos. Ouvindo e vendo o mundo espiritual com naturalidade. Todavia, naquele momento, Ambrosina não poderia estar tão mercê das solicitações da esfera espintial, pois isto poderia comprometer o seu equilíbrio.

Quando o médium (prossegue o Instrutor) se evidencia no serviço do bem, pela boa vontade, pelo estudo e pela compreensão das responsabilidades de que se encontra investido, recebe apoio mais imediato de amigo espiritual experiente e sábio, que passa a guiar-lhe a peregrinação na Terra, governando-lhe as forças. No caso presente, Gabriel é o perfeito controlador das energias de nossa amiga, que só estabelece contato com o plano espiritual de conformidade com a supervisão dele.

Hilário conclui, diante dessas explicações, que qualquer comunicação através da médium, teria que ter a permissão e orientação do seu mentor.

Estas são algumas das características do mandato mediúnico, que

reclama ordem, segurança, eficiência. Uma delegação de autoridade humana envolve concessão de recursos da parte de quem a outorga. Não se pedirá cooperação sistemática do médium, sem oferecer-lhe as necessárias garantias.

É interessante observarmos agora algumas peculiaridades do trabalho mediúnico de Chico Xavier.

As situações acima descritas remetem-nos às reuniões públicas do médium mineiro, nas quais ele psicografava as orientações e receituário homeopático, sob a responsabilidade do Dr. Bezerra de Menezes. Estive algumas vezes em Uberaba e uma vez em Pedro Leopoldo, quando tive ocasião de observar as atividades destas reuniões. A cada ano o público aumentava e os sofrimentos humanos também, inclusive porque, a certa altura de seu labor missionário, Chico passou a psicografar as cartas de jovens e pessoas recém-desencarnadas, o que resultou numa crescente procura por parte de familiares ansiosos pelas notícias de seus entes queridos. Certa vez, comentando com Divaldo Franco acerca desse trabalho do Chico, ele relatou-me que o médium mineiro mencionara, num momento em que ambos conversavam, que quando entrava na sala para iniciar as tarefas, ele, Chico, evitava fixar o olhar nas pessoas que o rodeavam, para não entrar na faixa de suas preocupações, de seus sofrimentos e, sobretudo, de seus acompa-

nhantes espirituais. Ele precisava manter a sintonia com Emmanuel para que o trabalho de recepção das mensagens fosse o mais fiel possível.

Outra peculiaridade da missão de Chico Xavier e que caracteriza o mandato mediúnico, refere-se à presença de Emmanuel, o abnegado Orientador de suas faculdades mediúnicas. Vale citar aqui o que escrevi a respeito, no meu livro *Testemunhos de Chico Xavier*,¹⁰³ quanto à programação espiritual presidida por Emmanuel:

Observemos que o autor espiritual está plenamente integrado em todo esse contexto. Ele não vem transmitir o seu recado por acaso, por estar disponível ou para atender aos seus parentes e amigos. Há sempre uma finalidade maior. Visando esse fim útil e providencial é que se apresenta ao médium, dentro de um esquema traçado para que a mensagem seja transmitida. (...)

Não há, no programa de Chico Xavier, uma vontade única, o interesse de uma pessoa ou de um Espírito, mas sempre o conjunto harmônico de uma equipe de trabalho com programa específico, onde cada elemento tem tarefas definidas, com vistas ao fim maior de difundir o Consolador Prometido por toda a Humanidade. (Carta de 24-08-1947)

Num mandato mediúnico, o Espírito guia do médium orienta e encaminha todos os trabalhos que este irá empreender. Assim, qualquer entidade que queira comunicar-se necessita da permissão do mentor, que analisará a necessidade e conveniência dessa comunicação. Foi o que ocorreu quando Em-

manuel trouxe, por primeira vez, o próprio André Luiz, que ficou cerca de dois anos em constante sintonia com Chico Xavier, para que houvesse entre ambos a imprescindível afinização que possibilitasse o início da transmissão do livro *Nosso Lar*¹⁰⁴ e, posteriormente, toda a coleção deste autor espiritual. Todos estes passos estão narrados no meu livro acima citado.

Vemos, por outro lado, esta mesma programação espiritual a orientar o mandato mediúnico do médium Divaldo Franco, cuja mentora, Joanna de Angelis, exerce idêntico controle, presidindo um labor de notável abrangência que engloba os livros por ele psicografados, de vários autores espirituais, e, concomitantemente, a oratória, que o tem levado aos quatro continentes do mundo. A impressionante trajetória de Divaldo tem algumas de suas etapas narradas em meu livro *O semeador de estrelas*.¹⁰⁵

Retomando os comentários em torno das dimensões espirituais do trabalho de Ambrosina, destacamos as referências de Áulus quanto ao seu planejamento, que antecedeu em muito à reencarnação da médium.

Áulus discorre, com muita propriedade, sobre a questão da mudança de programação em respeito ao livre-arbítrio humano. Assim, embora os compromissos assumidos por Ambrosina antes de retornar ao plano físico, no transcurso de sua caminhada terrena ela poderia mudar os seus objetivos, inclusive

cancelando o que o Instrutor denomina de "contrato de serviço". Ele ressalta que os orientadores da Espiritualidade procuram companheiros e não escravos. "O médium digno da missão do auxílio não é um animal subjugado à canga, mas sim um irmão da Humanidade e um aspirante à Sabedoria. Deve trabalhar e estudar por amor..."

As elucidações e advertências do orientador são profundas e oportunas, devem ser objeto de nossa atenção e estudo. Em certo ponto ele diz:

Assim considerando, vemos no planeta milhões de criaturas sob as teias da mediunidade torturante, milhares detendo possibilidades psíquicas apreciáveis, muitas tentando o desenvolvimento dos recursos dessa natureza e raras obtendo um mandato mediúnico para o trabalho da fraternidade e da luz. E, segundo reconhecemos, a mediunidade sublimada é serviço que devemos edificar, ainda que essa gloriosa aquisição nos custe muitos séculos.

Em seqüência aos ensinamentos preciosos, Hilário procura informar-se quanto ao espelho fluídico através do qual os Mentores presentes recolhiam informações rápidas para respostas às consultas, pois ali surgiam as pessoas necessitadas e enfermas, a todo momento. Foi-lhe dito ser como um televisor, porém, com os recursos da esfera espiritual. Ante a explicação, Hilário quer saber se o

que se vê no espelho é o corpo físico da pessoa ou sua própria alma. Vejamos a resposta:

- A própria alma. Pelo exame do perispírito, alinham-se avisos e conclusões. Muitas vezes, é imprescindível analisar certos casos que nos são apresentados, de modo metódico; todavia, recolhendo apelos em massa, mobilizamos meios de atender a distância. Para isso, trabalhadores das nossas linhas de atividade são distribuídos por diversas regiões, onde captam as imagens de acordo com os pedidos que nos são endereçados, sintonizando as emissões com o aparelho receptor sob nossa vista. A televisão, que começa a estender-se no mundo, pode oferecer uma idéia imediata de semelhante serviço, salientando-se que entre nós essas transmissões são muito mais simples, exatas e instantâneas.

Notável esclarecimento e a comparação com a televisão. Emmanuel ao escrever o prefácio deste livro que estamos comentando, no ano de 1954, intitulou-o "Raios, ondas, médiuns e mentes..." e, a certa altura, diz:

O estudo dos raios cósmicos evidencia as fantásticas energias espalhadas no Universo, provendo os físicos de poderosíssimo instrumento para a investigação dos fenômenos atômicos e subatômicos.

Bohrs, Planck, Einstein erigem novas e grandiosas concepções.

O veículo carnal agora não é mais que um turbilhão eletrônico regido pela consciência.

Cada corpo tangível é um feixe de energia concentrada. A matéria é transformada em energia e esta desaparece para dar lugar à matéria.

Químicos e físicos, geómetras e matemáticos, erguidos à condição de investigadores da verdade, são hoje, sem o desejarem, sacerdotes do Espírito, porque, como consequência de seus porfiados estudos, o materialismo e o ateísmo serão compelidos a desaparecer, por falta de matéria, a base que lhes assegurava as especulações negativistas.(...)
O futuro pertence ao Espírito!

O avanço da televisão, da internet, transformou o planeta realmente numa grande aldeia global, onde se tem notícias ao vivo de tudo o que acontece em escala mundial ou não.

O Espiritismo, mais uma vez, evidencia estar na vanguarda do progresso, em todos os sentidos.

Correspondências do Além

Manoel Philomeno de Miranda, registra em sua obra *Nas fronteiras da loucura*,¹⁰⁶ psicografada por Divaldo P. Franco, três tipos de psicografia na transmissão do que ele denomina, com muita propriedade, de *correspondências do Além*.

Trata-se de uma reunião mediúnica, em determinada Casa Espírita, onde o autor espiritual comparece, a convite do mentor, sendo esclarecido previamente que os trabalhos tinham a finalidade de socorro aos desencarnados, de consolação a algumas pessoas aflitas, trabalhadores da Instituição, cujos familiares haviam desencarnado. O convite veio através de um companheiro espiritual, Genézio Duarte, tendo este esclarecido que na sua última etapa carnal integrava a equipe da Casa.

É preciso ressaltar que a sessão mediúnica seria realizada em plena noite de carnaval. Miranda então pergunta se seria uma reunião de tarefas habituais ou extraordinárias, ao que Genésio comenta quanto

a certas idéias que andam proliferando em alguns setores do meio espírita, de que as Sociedades Espíritas devem cerrar as suas portas em certas épocas do ano, como no início do ano, para férias coletivas, e ainda nos dias de carnaval, sob a alegação que o ambiente fica saturado de vibrações negativas, o que poderia prejudicar os trabalhos, tendo-se em conta, inclusive, que poderiam ocorrer perturbações de pessoas alcoolizadas ou de vândalos. Vejamos a resposta do amigo:

A Sociedade Espírita que se sustenta na realização dos postulados que apregoa, tem estruturas que a defendem, de um como do outro lado da vida. Depois, cumpre aos dirigentes tomar providências, mediante maior vigilância em tais ocasiões, que impeçam a intromissão de desordeiros ou doentes sem condições de ali permanecer. Acautelar-se, em exagero, do mal, é duvidar da ação do bem; temer agir corretamente, constitui ceder campo à insânia. Nestes dias, nos quais são maiores e mais freqüentes os infortúnios, os insucessos, os sofrimentos, é que se deve estar a postos no *lar da caridade*, a fim de poder-se ministrar socorro. Por fim, quanto às vibrações serem mais perniciosas em dias deste porte, não há dúvida. A providência a ser tomada deve constituir-se de reforço de valor e de energias salutareas para enfrentar-se a situação.

Concluindo, afirma:

O médico não teme o contágio do enfermo, porque sabe defender-se; o sábio não receia o ignorante, porque pode esclarecê-lo... Ora, o espírita, realmente consciente, que se

não apoia em mecanismos desculpistas, enfrenta as vibrações de teor baixo, armado do escudo da caridade e protegido pela superior inspiração que haure na prece, partindo para o serviço no lugar em que se faz necessário, onde dele precisam...

No local onde seriam efetuados os trabalhos, Miranda observa o grupo ali reunido, constituído de dez pessoas em torno da mesa e alguns outros participantes em derredor. Diversos integrantes da equipe espiritual já se encontravam ali, a postos, cuja tarefa era a da preparação antecipada das atividades a serem desenvolvidas, o que pode acontecer até quarenta horas antes, quando são trazidos os desencarnados programados para receber os benefícios decorrentes, bem como a ligação psíquica de alguns deles com os médiuns que os iriam *incorporar*.

Miranda anota a presença de dois jovens recém-desencarnados e um senhor idoso, que tentavam intercâmbio com os familiares presentes. Apresentavam-se os três, angustiados, chorando discretamente, presos às recordações do passado ainda muito recente. Genézio informa que os dois jovens desencarnaram vitimados, um por acidente de carro, o outro em acidente de moto e o mais idoso teve morte natural. Explica ainda que a mente dos parentes, neles fixada, vitalizava-lhes as lembranças das experiências terrenas que precisavam esquecer. A recor-

dação do instante da morte, sustentada pelos entes queridos presos a tais momentos, os obrigava a reviver o que já deveria ter amortecido em suas memórias. E o amigo acrescenta:

Desta forma, o intercâmbio que será mantido trará vantagens duplas: acalmará os que ficaram, recebendo notícias confortadoras e cientificando-se da sobrevivência, graças aos fatos que os tornarão identificados com segurança e permitirão que eles remorram, tranquilizando-se.

Miranda estranha o verbo *remorrer*, já que estavam mortos e indaga como isto seria possível, ao que Genézio prontamente elucida quanto à situação daqueles que desencarnam de forma mais violenta, ficando presos a impressões que perturbam por oscilar entre duas situações vibratórias, a anterior e a atual, sem fixar-se numa ou noutra. Acresce a essa situação o chamado dos entes queridos, o que mais os afligem.

Os familiares sempre desejam saber se os seus entes queridos estão bem na nova vida e quando surge o ensejo, através de comunicações mediúnicas, ao receberem notícias tranquilizadoras, sentem-se reconfortados, rompendo-se, então, os elos que os prendiam, tornando possível a eles repousarem mais demoradamente, no que Genézio denomina de *sono de morte* com fins terapêuticos, acordando posteriormente, renovados, para iniciar uma nova etapa.

Tais mensagens são, como é natural, controladas, evitando-se lamentações injustificáveis como informações inoportunas... E, de fato, o estarem comunicando-se sob o paternal amparo dos Instrutores já é uma grande felicidade e um clima de paz, porque livres de situações desesperadoras. Nem sempre poderão escrever com larga lucidez e veremos o que ocorre, mas os destinatários não se darão conta disso... O importante são as notícias tranquilizadoras e o conteúdo imortalista de que se farão objeto. Demais, para uma comunicação psicofônica ou psicográfica consciente exige-se prática e conhecimento da aparelhagem mediúnica que vai ser utilizada. Nem todos, bem se depreende, predispostos para o mister, possuem essas condições exigíveis, havendo, desse modo, soluções próprias, que resolvem a dificuldade.

Calou-se o amigo espiritual e, após a leitura de trechos de *O Livro dos Espíritos*, de *O Livro dos Médiuns* e de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, e da prece, os trabalhos tiveram início.

Miranda observou que o médium Jonas, que seria o intermediário das comunicações psicográficas, tinha relativa facilidade no desdobramento lúcido no campo espiritual, denotando expressivas conquistas morais.

O primeiro a transmitir as notícias foi o jovem acidentado na moto. Estava semi-hebetado, envolvido em cargas vibratórias enfermizas e em deplora-

vel estado psíquico. Havia sido antecipadamente atendido por uma abnegada tia desencarnada, que dera as primeiras informações a respeito do novo estado em que se encontrava. Ciente, no momento, do que aconteceria, afligia-se por não saber como proceder e por muito querer dizer. O mentor se aproxima e, aplicando-lhe recursos calmantes, recomenda que tenha serenidade e confiança em Deus e, em seguida, tomando-lhe o braço, o sobrepõe "ao do médium em perfeita sincronia, enquanto controlava os centros motores do encarnado para o ditado cuidadoso". A carta foi transmitida com certa dificuldade, pelas condições do missivista e sua falta de treinamento, porém, aos poucos, à medida em que este se concentrava, a tarefa tornou-se um pouco mais fácil, e o mentor,

filtrando-lhe os pensamentos e desejos, ao tempo em que lhes dava forma, corporificando-se nas frases que escorriam com velocidade pela ponta do lápis. (...)

O momento da assinatura foi culminante, porque o Instrutor assenhoreou-se mais completamente das forças nervosas do instrumento mediúnico, conduzindo o comunicante para autografar a página final, o que foi conseguido com êxito.

A segunda carta foi transmitida de forma diferente.

Logo em seguida, acercou-se o outro jovem, que desencarnara no acidente de carro. Miranda perce-

beu que o processo de transmissão diferia do anterior, pois o espírito do médium captava a mensagem e escrevia, com independência mental. O desencarnado ditava-lhe os detalhes e fatos importantes que desejava informar, que eram anotados no estilo de linguagem do próprio médium.

O Diretor esclareceu que, devido ao estado de grave perturbação em que se encontrava o comunicante e caso este o envolvesse fluidicamente, isto afetaria o médium, dotado de grande sensibilidade e de aparelhagem psíquica muito delicada, prejudicando seriamente a organização mediúnica e a sua saúde física. Todavia, a filtragem da comunicação era bastante fiel, tanto quanto seria se uma pessoa analfabeta estivesse ditando um recado, uma carta, que o médium atentamente anotaria.

A assinatura foi feita com compreensível dificuldade pelo comunicante, mas deixou, no entanto, traços gráficos que atestavam a sua autenticidade.

A terceira comunicação, escrita pelo senhor idoso, também foi diferente das anteriores. Por haver sofrido longa enfermidade, foram diluídas as energias mais grosseiras, sendo a sua densidade vibratória menos prejudicial ao médium, o que permitiu ao desencarnado escrevê-la, sob o comando natural do venerável Dr. Bezerra.

Durante as atividades aconteceram também várias manifestações psicofônicas cujas entidades fo-

ram atendidas pelos esclarecedores, enquanto que, em simultâneo, as palavras orientadoras alcançavam outros enfermos presentes.

Ao término dos trabalhos as páginas psicografadas foram lidas sob intensa emoção geral.

Enquanto os familiares enxugavam o pranto de saudade e alegria, rompiam-se naturalmente as anteriores amarras fortes, facultando aos missivistas adormecerem, sob a ação do nobre e infatigável Mentor, que os preparava para *remorrer* e avançar na direção da felicidade que a todos nos aguarda.

A ação da Espiritualidade Maior em nossa vida é inegável e, às vezes, nos proporciona gratas surpresas.

Isto tem acontecido comigo no decorrer das pesquisas e anotações deste livro. Uma dessas demonstrações da presença e inspiração dos Benfeitores desejo relatar aos queridos leitores, por ser necessário explicar a ligação entre os textos que apresento a seguir.

O fato aconteceu quando estava por começar a escrever este capítulo. A idéia foi a de mencionar como se processa o trabalho de recepção psicográfica, especificamente as cartas de jovens e familiares desencarnados. De imediato, recordei-me que no livro *Nas fronteiras da loucura* Manoel Philomeno de Miranda apresenta três diferentes processos de comunicação pela psicografia, em seqüência e ao mesmo médium. Enquanto meditava em como resumir os capítulos que tratam do tema, ocorreu-me, como

um "flash", um pensamento: "Procura o artigo que você escreveu sobre Chico Xavier, no qual relata o 'outro lado' do trabalho de psicografia que ele realiza, na recepção de cartas para os familiares". Apressei-me a procurar nos meus arquivos e encontrei o artigo, que fora publicado em *Reformador*, de novembro de 1984. Não me lembrava dos detalhes, estava guardado há anos. Quando li o que escrevera exultei - todas as cenas narradas voltaram à minha mente, com nitidez. Relembrei as duas noites de 27 e 28 de julho de 1984, quando estava em Uberaba, com a finalidade de apresentar ao Chico parte dos originais do livro que estava escrevendo, no qual comentava a correspondência entre ele e o então Presidente da FEB, Dr. Wantuil de Freitas.

Imediatamente digitei o artigo, acrescentando-o a este capítulo. No dia seguinte, lá estava eu a reler o mesmo artigo, agora anexado a este livro, quando um novo pensamento brotou em minha mente, este mais imperativo, pois era como um comando: - Procure o livro que está nesta estante à sua frente e que traz várias cartas de jovens aos familiares, psicografadas por Chico Xavier. Esta estante é fechada, então abri e olhei a prateleira de livros, deparei-me, como que sobressaindo ante meus olhos, com o livro *Caravana de amor*.¹⁰⁷ Automaticamente começo a folhear, olhando primeiramente as fotos, até o final, volto as páginas e começo a ler uma das cartas, cujo título chamou a minha atenção: "Em cruzada contra

os tóxicos", que relata a morte do jovem Rogério Freire, quintanista de Medicina. Vou lendo a narrativa que a certa altura diz: "Noite de 28 de julho de 1984... Uma nova noite inesquecível para D. Maria José, mãe de Rogério, agora de paz, consolo e esclarecimento".

Releio a data novamente: não há erro, a carta foi psicografada exatamente na noite em que eu estava em Uberaba, no Grupo da Prece. Incrível! eu assisti a isto! Estava sentada à mesa, Chico psicografava, eu era a quarta pessoa à esquerda do médium. Bem à minha frente estava o médium baiano, Divaldo Franco, também psicografando, Nestor Masotti também ali, Carlos Baccelli, Langerton Neves e outros mais. Foi uma noite memorável! A emoção dessas recordações me dominou, 21 anos depois. Ainda agora, enquanto escrevo, lágrimas me vêm aos olhos, e agradeço a Jesus por essas bênçãos que suavizam a nossa existência terrena.

Transcrevo a seguir o artigo de minha autoria e, na seqüência, o capítulo 4, do livro *Caravana de amor* (IDE, 1985):

O "outro lado" do trabalho mediúnico de Chico Xavier

"Entre os dias 27 a 30 de julho de 1984 fui a Uberaba (MG), em companhia de um casal amigo. Já

havia contatado, através de cartas, com o nosso querido irmão Chico Xavier e com ele marcamos uma entrevista, a fim de tratarmos do meu novo livro [*Testemunhos de Chico Xavier*], então em andamento.

As reuniões do Grupo Espírita da Prece transcorreram com os habituais trabalhos, mas a cada semana revestem-se de especial emoção sob as injunções dos dramas que envolvem muitos dos presentes.

No sábado, a presença do orador e médium Divaldo Franco, também um amigo muito querido, e a chegada de alguns confrades, companheiros nossos da Federação Espírita Brasileira (que juntamente com Divaldo regressavam do Curso Internacional de Preparação de Evangelizadores Espíritas da Infância e da Juventude, realizado em Brasília nos dias 22 a 26 de julho), entre os quais o nosso estimado amigo Nestor João Masotti¹⁰⁸ (Vice-Presidente da USE-SP), trouxeram à reunião um clima de verdadeira festa espiritual.

Chico Xavier psicografou por mais de três horas e recebeu oito cartas de espíritos recém-desencarnados para os familiares presentes. Psicografou também cerca de doze trovas de poetas diferentes. Entre essas, uma assinada por antigo militante espírita de Salvador, conhecido por Tio Juca, e dedicada a Divaldo. O médium baiano psicografou duas cartas de jovens e uma mensagem de Amélia Rodrigues.

Após a entrevista com Chico Xavier, realizada no domingo, retornamos a Juiz de Fora, plenamente felizes pelos resultados alcançados, acima de nossas expectativas.

Dois dias depois, comparecemos à nossa habitual sessão mediúnica no C. E. Ivon Costa. Já quase ao final da reunião notamos a aproximação de uma entidade cuja presença captamos por diversas vezes antes de nossa ida a Uberaba. É preciso esclarecer que por quase três meses estivemos preparando o material que levaríamos para a apreciação de Chico Xavier. Durante esse tempo, vez por outra, nos sentimos assediados por alguns espíritos, que tentavam de todas as maneiras afastar-nos dos objetivos programados. Nas últimas semanas o assédio intensificou-se e várias foram as situações difíceis que tivemos de contornar e superar. Alertados pelos Benfeitores espirituais, esforçamo-nos por nos manter vigilantes e equilibrados, escorando-nos principalmente no trabalho da Doutrina e na oração.

Identificamos o espírito como o líder da equipe que nos vigiava atentamente. Mas o notamos transformado. Já não era o mesmo. Ele e seus quatro companheiros nos rodeavam, denotando, porém, que algo inusitado acontecera.

- Estou aqui, disse ele, com voz emocionada, para narrar-lhes o que nos sucedeu. Fomos desig-

nados para impedir a viagem destes três (com um gesto designou-me e ao casal). A ordem era: "Eles não devem viajar. Pretendem levar com eles alguma coisa que não deve chegar ao seu destino. Perturbem. Atrapalhem. Impeçam." Foi o que tentamos fazer, preparando ciladas e ocasionando confusões. Contudo, o nosso aborrecimento era grande, pois, apesar das tentativas, alguma coisa mais forte os ajudava a vencer os obstáculos que criávamos... Contrariados e até revoltados éramos obrigados a acompanhá-los a reuniões durante toda a semana, parecendo-nos que não faziam outra coisa senão cuidar "desse tal" de Espiritismo. Hoje, digo isto envergonhado. Temos vergonha do mal que desejamos a todos os que estão nesta sala. Não fossem aqueles que os protegem - que reconhecemos mais fortes que nós - e muita coisa poderia ter acontecido.

- Chegou finalmente o dia da viagem. Fomos com eles. Ficaram num lugar que nos pareceu muito esquisito.¹⁰⁹ Era reunião, preces e as tais leituras todo o dia. Também escreviam muito; entretanto só os víamos de longe, na maioria das vezes, porque cercas elétricas¹¹⁰ nos impediam a aproximação. As coisas começaram a mudar para nós. Estávamos desanimados e não víamos mais finalidade alguma no nosso trabalho. Forças estranhas nos imantavam às preces que faziam e a eles próprios. No dia marcado, eles foram à cidade e nós os acompanhamos,

ansiosos por saber, afinal de contas, o que é que eles tanto esperavam.

- Para eles o trânsito por lá estava livre. Para nós houve sérias dificuldades. Ao chegarmos ao local havia grande multidão de "vivos", mas uma outra bem maior de "mortos". No nosso plano, muitos guardas cercavam a casa que irradiava uma luz muito forte. Tudo era profusamente iluminado. A claridade era tanta que o alarido entre os nossos cessou por completo. O ambiente transmitia-nos uma sensação de grandiosidade que não sei explicar, embora o local humilde e simples na esfera física, o que nos tornou respeitosos. Em meio à multidão espiritual que se acotovelava, em largo trecho nas cercanias da casa, numa distância equivalente à da claridade projetada, aos poucos sentimos que havia um lugar para nós, para onde fomos conduzidos.

Eu me esquecera de tudo: dos chefes e dos objetivos. Outras preocupações me dominavam. Nos últimos dias, inexplicavelmente, passei a me lembrar de casa, principalmente do meu filho, que havia morrido há quase 40 anos, quando contava apenas nove anos de idade. Foi um desastre de caminhão. Eu dirigia, e meu filho quis ir comigo. Fiz-lhe a vontade, sem saber que seria a última. Em certo trecho da estrada o caminhão desgovernado caiu numa ribanceira. Eu me salvei, mas meu menino morreu na hora. O desespero tomou conta de mim. Julgava-me culpado. Revoltado, passei a odiar o mundo, no qual

me perdi. Nunca soube dele do lado de cá. Tornei-me descrente de Deus e da vida.

O movimento no plano físico cresceu - prosseguiu ele - e me interessei em acompanhar os fatos. Coisas estranhas estavam acontecendo. Vi um homem sentado, escrevendo. Escrevia, escrevia muito. Reparei que em torno dele as luzes eram bem mais fortes e que atrás de sua cadeira havia uma espécie de fila, formada em sua maioria por jovens. Fui compreendendo que eles escreviam cartas para os parentes da Terra, pelas mãos daquele homem que vocês chamam de médium, que eram recebidas pelos parentes emocionados.

- Meu Deus, pensei, o que é isto? E o nome de Deus surgiu em meus lábios como um grito brotado do coração. Eu também perdi meu filho e não sei onde ele está, embora eu esteja no mesmo plano que ele. Por quê? Por que ele morreu assim?

Olhei meus companheiros. Como eu observavam, emocionados, as cenas. Cada um de nós havia perdido alguém muito amado. Um deles me falara da filha, doente desde pequena e que morreu na primeira infância. O tempo passava. Sei que amanheceu e anoiteceu de novo. Já era outro dia e aquele homem escrevia ainda. Eu também queria uma carta. Uma notícia. Sem saber como, me vi igualmente numa fila, formada ao lado. Fui atendido por um dos que protegem aquele homem. Conteí a minha história.

Pedi notícias do filho querido. Para minha surpresa recebi uma folha de papel. Era uma carta dele! Indescreitível foi a minha emoção. Falava de nós, de nossa casa e da nossa vida. E me disse em certo trecho: - "Papai, eu estou ao seu lado. O senhor não me vê porque escolheu o lado errado. Mude de vida, papai, e o senhor me encontrará!". E havia tal ternura em suas palavras que ao lê-las tive a impressão de ouvir a sua voz e de que ele estava perto de mim. Não pensei em mais nada. Segurei a folha junto ao coração e ela era como um pedaço de luz em minhas mãos. Juntei-me aos companheiros que, como eu, foram contemplados com notícias e orientações sobre como proceder dali em diante.

Compreendemos então a imperiosa necessidade de vir até aqui narrar-lhes essas ocorrências. E dizer-lhes que estamos enfraquecidos agora, mas felizes e desejosos de encontrar esse novo caminho que nos leve mais depressa para junto dos entes queridos.

Calou-se a entidade. Sua emoção contagiara a todos. O doutrinador, comovido, dirigiu-lhe palavras de estímulo e conforto. Antes de se retirar, o espírito ainda disse:

- Hoje eu agradeço a vocês por nos terem levado até aquele homem - aquele homem-luz - que todos chamam por Chico. Era este o nome repetido por quantos estavam ali, num plano e no outro, e lhe

pediam vez para escrever. Graças a ele, ao trabalho dele, nós cinco recebemos essas notícias e compreendemos o erro em que vivemos até agora.

Ainda não sei da minha vida daqui pra frente, mas meu filho disse que eu rogasse a Jesus, para recebermos ajuda. Peço-lhes que façam isso por nós, que nos ensinem a orar.

O doutrinador fez sentida prece e a entidade retirou-se.

A comunicação deixou-nos pensativos. Ela nos desvendou uma pequena parte do imenso labor espiritual que se desenvolve tendo como figura central o nosso querido Chico Xavier. Ficamos imaginando a grandeza e complexidade dessas atividades, que na nossa acanhada percepção mal conseguimos entrever ou adivinhar.

Pensamos em Chico Xavier e nos seus mais de 50 anos de trabalho constante no campo da mediunidade com Jesus, a serviço da Doutrina Espírita. Quantas almas, quantos corações foram tocados pela sua bondade e abnegação? Quantas criaturas foram orientadas e se renovaram interiormente graças ao seu exemplo, aos livros e páginas por ele psicografadas? Quantos espíritos desorientados, sofredores, cristalizados no erro, receberam amparo, ajuda, consolo e esclarecimento em função de sua atividade constante?

A grandeza desse trabalho é imensurável. No silêncio da reunião que se findava, agradei a Jesus por termos entre nós alguém como Chico Xavier e roguei ao Mestre que o envolva em bênçãos e o sustente na sua edificante caminhada."

(Reformador, Novembro 1984.)

Em cruzada contra os tóxicos

"Localizado na Praia Grande, aprazível recanto da capital maranhense, o Bar do Rosa, nos fins de semana, era um dos mais conhecidos pontos de encontro de estudantes.

Na noite de 13 de abril de 1984, uma sexta-feira, lá estava Rogério Freire, quintanista de Medicina, com seus amigos, após uma semana de árduos estudos.

Noitada feliz... mas, ao acertarem a conta com o garçom, houve um sério desentendimento em torno do preço da despesa, nascendo daí uma briga que envolveu outras pessoas. Um comissário de polícia, presente no recinto, para surpresa de todos, disparou a arma para o alto e, em seguida, atirou em Rogério, atingindo-o na cabeça. O jovem tombou e, duas horas depois, no início da madrugada de 14, veio a falecer no Hospital Presidente Dutra.

A desencarnação de Rogério abalou a opinião pública de São Luís, em face da violência do fato. Mais de duzentos universitários chegaram a fazer uma passeata de protesto. E, segundo a imprensa, as investigações chegaram à conclusão de que o policial usava drogas, única explicação para tal atitude.

Noite de 28 de julho de 1984... Uma nova noite, da inesquecível para D. Maria José, mãe de Rogério, agora de paz, consolo e esclarecimento. A viagem tão longa do Maranhão a Uberaba, Minas, foi recompensada. Chegou o momento do reencontro com o filho amado, passados três meses de ausência forçada...

Pelo lápis mediúnico de Chico Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, o jovem universitário voltou a dialogar com seus entes queridos, revelando admirável capacidade de adaptação à vida Nova e já alimentando forte desejo de continuar seus estudos médicos, a fim de socorrer, na Terra, as vítimas dos tóxicos.

Eis a carta-mensagem:

Querida mãezinha Maria José, abraço-a com a nossa Telma Maria, representando a nossa família querida.

É muito difícil transmitir-lhe o que sinto. O seu coração de mãe chora o filho que foi arrancado do corpo físico pela ação inconsciente de um moço dementado pelos venenos que hoje se adquire em qualquer lugar, sob os mais diversos nomes. Quase terminando os meus estudos de Medicina sempre soube das contradições entre rótulos e conteúdos.

É verdade que tombei sob a agressão que não devemos considerar nessa base, porque um doente mental precisa muito mais de assistência que de castigo. Tão logo me vi liberto do torpor que me vi acometido, o que a meu ver perdurou por muito tempo, vi meu pai José Freire e a minha avó Elisa que me dispensavam cuidados especiais.

Não tive dificuldade em compreender que a morte do corpo pesado passava por mim, arrebatando-me a cobertura física. Ouvira diversos amigos em São Luís, debatendo teses em torno da sobrevivência do Espírito, já que muitos deles se interessavam pelo assunto, e, por isso, o encontro com meu pai foi o suficiente para que me visse dispensado de ensinamentos que sobejam por aqui, em socorro aos recém-desencarnados. (...)

Compreendi tudo. Os ferimentos de que fui vítima reclamaram tratamento e encontrei em minha avó Elisa a mais eficiente das enfermeiras. (...)

Mãe querida, eu sei tudo o que tem sofrido em sua viuvez correta e laboriosa. Lembro-me de quanto trabalhou para que seus filhos estudassem e se fizessem pessoas úteis. Eu mesmo lhe devo todos os meus esforços até o quinto ano de Medicina, mas a sua felicidade vencendo obstáculos, quase sozinha, conquanto a proteção de Deus, foi sempre muito grande. Com exceção do nosso Lula que ainda nos exige atenção, todos nós, os seus filhos, encontramos na cultura da inteligência um lugar destacado para viver. Meus irmãos confirmarão o que digo.

Mãezinha, por que não perdoar a um rapaz doente que não teve a mãe valorosa que tivemos? Por que esquecer as bênçãos que desfrutamos, quando aquele pobre companheiro se fez um marginal infeliz? Pense nisso e perdoe.

Estou vivo e continuarei meus estudos. Serei médico na Espiritualidade e agora escolhi a minha especialidade: a toxicologia profundamente estudada, a fim de auxiliar aos rapazes e moças que tiveram a desventura de cair nas ciladas dos alucinógenos, que merecem muito mais a consideração médica do que as aventuras de caráter popular. Fique tranqüila a meu respeito.

A saudade é nossa; no entanto, imagine-me trabalhando numa colônia de serviço, à distância de São Luís, obedecendo aos desígnios das Leis Divinas, para ser o que deve ser.

Não perca a sua fé. Não brigue com Jesus e com Deus. Mãe querida, pense nos episódios difíceis que o seu coração superou desde o desprendimento de meu pai e aceitemos as nossas saudades mútuas por necessidade de preparação para o futuro melhor. (...)

Sigamos em frente buscando o melhor e esqueça a hora sombria que atravessamos.

Estarei presente em seu caminho. Não abandone as suas orações e sejamos fortes. Ninguém morre, e a vida, seja onde for, reclama fé e confiança em Deus e em nós mesmos.

E na nossa Telma Maria, abraço o Renato e todos os caros irmãos, flores de seu amor em nossa casa feliz. E abençoe a seu filho que venceu a morte e lhe vem beijar as mãos.

JOSÉ ROGÉRIO SILVA FREIRE".

(*Caravana de amor*, cap. 4.)

Nota da autora: Todos os nomes, circunstâncias e lugares foram comprovados, mas deixamos de citá-los aqui para não alongar em demasia. Aos leitores interessados recomendamos a obra da qual extraímos esta carta.

Reuniões mediúnicas para os Espíritos suicidas

Dentre as atividades mediúnicas realizadas pelos grupos especializados nessa área, destacam-se aquelas destinadas ao atendimento dos Espíritos suicidas. Raras, entretanto, são as reuniões exclusivamente dedicadas às comunicações dos que deixaram a vida física pelo doloroso caminho do suicídio. Via de regra, as manifestações dessas entidades ocorrem em meio a outras comunicações. Pode-se observar que, entre os médiuns integrantes de uma equipe mediúnica, nem todos dão passividade a Espíritos suicidas, pois nem todos têm essa condição. Isso não quer dizer que tal médium é melhor ou tem mais evolução do que outro, trata-se, sim, de uma especificidade mediúnica e, mais que isto, reflete um compromisso nesse campo, relacionado com experiências transatas.

Em determinada altura da minha vida tive uma experiência muito gratificante e que proporcionou a mim e a um grupo de amigos um aprendizado muito enriquecedor. Aconteceu que o nosso mentor espiritual falou-nos da necessidade de se criar um grupo mediúnico exclusivamente dedicado a comunicações de suicidas. Isto veio a atender um desejo que era comum a todos os que passariam a integrar este núcleo, pois muito nos sensibilizavam o drama dos suicidas e, de certa forma, sentíamos-nos vinculados a trabalhos nesse campo. De acordo com as orientações transmitidas, formamos um grupo constituído por quatro componentes da nossa equipe habitual (três médiuns e um doutrinador) acrescido de mais seis companheiros, com os quais muito nos afinizamos, sendo que dois médiuns e um doutrinador residiam em nossa cidade e pertenciam a uma outra instituição, e mais três pessoas (dois médiuns e um doutrinador) que vinham de uma Casa localizada em outra cidade. As sessões eram realizadas aos domingos, às 18 horas, na Sociedade Espírita "Joanna de Angelis". As atividades programadas pelos mentores envolviam também os Espíritos obsessores que induzem pessoas ao suicídio, os vampirizadores e vários ligados ao passado dos próprios suicidas. Isto aconteceu no final da década de 1980 e os trabalhos tiveram a duração de mais de um ano. Depois o grupo se dissolveu por ter finalizado as

tarefas, levando-se em conta que os participantes eram (e são) dirigentes, trabalhadores muito ativos, expositores, que começaram a ter necessidade de viagens nos fins de semana. Por essa época, quando em plena atividade desse grupo, o querido amigo de todos nós, participantes, Divaldo Franco, veio a Juiz de Fora. Foi-lhe solicitada uma conversa com a equipe, à qual ele atendeu com a solicitude que lhe é peculiar (obviamente quando o tempo lhe permite atender), ocasião em que recebeu mensagem psicofônica de nossa querida Yvonne Pereira. Ela incentivou-nos carinhosamente e, igualmente esclareceu, que quase todos, do grupo, éramos ex-suicidas e tínhamos necessidade de contribuir com nossos irmãos desencarnados dessa forma, como também servíamos de exemplo para que vissem a nossa recuperação e retomada do processo evolutivo.

As reuniões mediúnicas com essa especificidade, todavia, não são comuns, por se tratar de um trabalho que requer, como foi visto, pessoas com maior experiência na prática mediúnica e que se consiga estabelecer entre os integrantes uma homogeneidade de pensamentos, que decorre da afinização existente entre todos os participantes.

Falando em reuniões mediúnicas para atendimento a Espíritos suicidas, não se pode deixar de registrar aquelas que eram realizadas em Lavras (MG) e que contavam com a presença da extraor-

dinária médium, pessoa muito querida e respeitada no nosso Movimento Espírita, Yvonne A. Pereira, quando ali residia, ainda bem jovem. Parte desse trabalho está registrado na magistral obra por ela psicografada, *Memórias de um suicida*.¹¹¹ O autor espiritual dessa obra assinou-a com o pseudônimo de Camilo Cândido Botelho, tendo sido ele também suicida.

O suicida do trem

Abordaremos, a seguir, os trabalhos descritos nesse livro, no capítulo seis, dando ênfase especial aos aspectos atinentes aos mentores e suas equipes espirituais, para que possamos avaliar os intensos e cuidadosos preparativos por eles dispensados, com vistas ao êxito do grandioso empreendimento, beneficiando assim aos sofridos Espíritos que ali seriam atendidos e que foram resgatados do 'vale dos suicidas' pela Legião dos Servos de Maria, colônia espiritual dirigida por Espíritos Superiores, especializada no trabalho de resgate e tratamento desses nossos infortunados irmãos, onde está situado o Hospital Maria de Nazaré.

Em meio ao grupo de Espíritos resgatados do vale dos suicidas, após os primeiros atendimentos prestados pelos dedicados instrutores, médicos e enfermeiros, destacavam-se vários enfermos em estado

muito grave, apresentando grande dificuldade em reconhecer a própria situação. Permaneciam atordoados, quase inconscientes, mergulhados nas dores que os avassalavam, revivendo-as constantemente. Foi, então, sugerida a possibilidade de encaminhar alguns desses Espíritos para o intercâmbio mediúnico, no plano físico, visando a uma convalescença mais rápida, visto que no contato com os médiuns, com seus fluidos vitais, ocorreria o 'choque anímico' propiciando-lhes o despertar para a realidade.

A direção do Instituto deu início às providências para a concretização do novo programa. Ficou resolvido que seriam consultadas algumas equipes mediúnicas que estavam em condições de assumir a responsabilidade desses trabalhos, equipes estas que constavam de um fichário mantido pelo hospital.

Vale assinalar que não se tratava apenas de um ou outro suicida a ser atendido, porém, de todo o conjunto recém-retirado das regiões sombrias em que se albergavam anteriormente. As comunicações seriam restritas aos casos mais graves, entretanto, os demais estariam presentes a fim de serem igualmente beneficiados.

Foi nomeada uma comissão especial, integrada por instrutores e médicos, que partiu da colônia com a finalidade de escolher os grupos mais capacitados para o importante mister. Antes da partida, foi expedida uma mensagem telepática aos mentores e diri-

gentes espirituais das Casas a serem visitadas, situadas em locais diversos em nosso país, avisá-los e solicitando-lhes a cooperação indispensável.

Oportuno observarmos os princípios éticos que imperam entre os Espíritos superiores, que respeitam a hierarquia moral e espiritual que vige nos planos mais elevados.

Ficou estabelecido que o concurso das instituições e, sobretudo, dos médiuns deveria ser voluntário, sendo que no caso dos médiuns também aos guias destes seria solicitada a permissão e a cooperação, no caso de seus tutelados aceitarem o convite. Foram programados encontros, com os médiuns em desdobramento, durante o sono físico, que seriam realizados na sede das respectivas instituições, contando ainda com a presença de seus guias espirituais.

Durante os encontros, no transcurso das exposições dos Instrutores da colônia, foi explicado quanto ao estado lamentável de tais Espíritos enfermos, o que exigiria dos médiuns uma doação expressiva de suas próprias energias para aliviar as dores superlativas que os atormentavam. Por outro lado, foi igualmente prometida aos que se dispusessem a colaborar, a assistência permanente do Instituto durante e depois das atividades, e que jamais deixariam de ampará-los.

Vinte médiuns, de ambos os sexos, foram selecionados, após serem submetidos, inclusive a exames

médicos, realizados por especialistas que integravam a equipe do Instituto, que examinavam as condições físicas e perispiríticas de cada um. Todavia, após serem esclarecidos quanto às dificuldades, somente seis se prontificaram a cooperar, sendo quatro senhoras e dois senhores; quanto aos demais, foi-lhes respeitado o livre-arbítrio. Os médiuns em desdobramento foram reconduzidos aos seus leitos e os que aceitaram o convite passaram a receber, de imediato, a assistência direta dos dirigentes do Hospital Maria de Nazaré, havendo, como é natural, a imprescindível aquiescência do mentor espiritual da Casa onde seria realizada a primeira etapa dos trabalhos.

Logo no dia seguinte o grupo de suicidas foi cientificado que ao entardecer partiriam em direção ao plano físico, o que os levou a supor que teriam possibilidades de rever as suas famílias. Ao mesmo tempo inúmeras providências foram levadas a efeito. Vigilantes, técnicos, milicianos hindus, entidades especializadas em várias áreas partiram em direção ao local onde seriam efetuadas as sessões, conduzindo os aparelhos necessários aos trabalhos. O Centro Espírita escolhido apresentava humilde aspecto, todavia era uma casa circundada de luz, evidenciando o labor e a ambiência ali cultivados.

A Casa foi cercada pelos milicianos, que instalaram barreiras magnéticas de defesa apropriadas ao tipo de atividade a ser realizada, e em seguida pre-

parada a sala destinada às reuniões, que foi impregnada de fluidos especialíssimos para atendimento aos necessitados.

No horário programado iniciou-se o transporte do grupo, sendo que seus integrantes foram previamente instruídos quanto ao objetivo da viagem e como deveriam se comportar durante o trajeto e no transcurso das atividades. Foram cientificados que não haveria a menor possibilidade de visitas aos familiares e que seria uma indisciplina grave aquele que insistisse neste propósito. Uma escolta os conduzia, integrando também a comitiva assistentes, instrutores e alguns dirigentes do hospital. Num carro separado foram conduzidos aqueles que estavam em estado mais grave.

Observemos como o autor espiritual da obra em apreço, descreve a chegada ao Centro espírita.

Chegados ao termo da viagem, um deslumbramento surpreendeu nossos olhos habituados às brumas nostálgicas do Hospital. Era de fazer notar como podíamos ver melhor tudo ao redor, uma vez na Terra, pois, em tempo algum, jamais víamos edifício tão magnificamente engalanado de luzes como aquela humilde habitação o era pelos esplendores que do Alto se projetavam (...)

Lanceiros montavam sentinela à pequenina mansão transformada em solar de estrelas, havendo mesmo um cordão luminoso, qual bastião de flavas neblinas, circulando-a cuidadosamente, limitando-a da via pública em cerca de dois metros. A um entendido não seria difícil perceber a finali-

dade de tais precauções exigidas pelos ilustres trabalhadores do Instituto Maria de Nazaré. Não desejavam a intromissão no recinto das operações nem mesmo das emanções mentais heterogêneas, precatando-se quanto possível das investidas nocivas exteriores de qualquer natureza!

Ao ingressarem na sala destinada ao cometimento, notaram apenas a presença de um senhor idoso lendo um livro atentamente. Foi possível perceber que, enquanto lia, de sua frente se irradiavam fagulhas luminosas - era o diretor terreno da Casa.

A sala, no plano físico, era bastante comum, entretanto, no âmbito espiritual se apresentava de maneira grandiosa. Era como se as paredes tivessem sido afastadas dando lugar a um anfiteatro, com arquibancadas circulares. O grupo foi acomodado em espaço especialmente reservado, enquanto que os companheiros em estado mais grave foram colocados por seus médicos e enfermeiros no primeiro plano das arquibancadas. Em simultâneo, foram chegando os demais componentes encarnados da reunião tomando seus lugares. Para eles o ambiente físico era o mesmo, porém, aqueles médiuns mais sensíveis, dotados de vidência, perceberam que algo fora da rotina estava ocorrendo naquela noite e passaram a comentar discretamente com os demais.

A mesa dos trabalhos, apesar de muito tosca, agora se destacava, pois do Mais Alto "despejava-se

sobre ela cascata de luz resplandecente". Havia ao seu redor uma "primeira corrente produzida pelas vibrações harmoniosas dos encarnados"; uma segunda "composta por entidades translúcidas e formosas" - eram os Espíritos Guias do Centro visitado, como também os protetores dos médiuns. Havia uma terceira corrente, uma supercorrente formada pelos dirigentes do hospital e demais assistentes que os acompanhavam. Por outro lado, uma ligação direta com a colônia da Legião dos Servos de Maria se estabeleceu, propiciando à sua Diretoria acompanhar os acontecimentos.

Os trabalhos foram iniciados.

O presidente da Casa proferiu tocante prece que elevou a vibração dos presentes e passou a fazer a leitura de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Os textos lidos iam repercutindo beneficemente nas mentes dos enfermos, que pela primeira vez começaram a entender os convites para a própria redenção. Concomitantemente, foram se formando em painéis fluídicos as cenas das passagens evangélicas. Tal a beleza desse relato, que passamos a transcrevê-lo.

De nossas arquibancadas, rodeados de lanceiros quais prisioneiros do pecado que em verdade éramos, tivemos a inédita e grata surpresa de assistir ao desenrolar das narrativas escolhidas, em movimentações, na faixa flamejante que do Alto descia iluminando a mesa e o recinto. Se havia referência à personalidade inconfundível do Mestre Nazareno -

era a reprodução de sua augusta imagem que se desdenhava, tal como cada um se habituara a imaginá-lo no âmago do pensamento desde a infância! Se recordavam seus feitos, sua vida de exemplificações sublimes, seus gestos inesquecíveis de protetor incondicional dos sofredores - além o víamos tal como o texto evangélico o descrevia...

(...) E era um desfilar de cenas, das quais O Consolador Amável destacava-se irradiando convites irresistíveis a nós outros, réprobos sofredores e desesperançados, enquanto o orador rememorava as divinas ações por Ele praticadas!...

Narra Camilo, que pela primeira vez, desde muitos anos, "a esperança descia seus mantos de luz sobre nossas almas enoitadas pelas trevas do desânimo e da ímpia descrença!".

Em meio às belíssimas cenas ecoou um grito desesperado clamando por Jesus: era um dos suicidas que havia se jogado sob as rodas pesadas de um trem, que ajoelhando-se rogou misericórdia. Foi então conduzindo para junto de uma jovem médium (que sabemos ser a própria Yvonne), estabelecendo-se a necessária sintonia mental. Nesse momento o infeliz suicida sentiu, com mais intensidade, a tragédia que há longos anos vinha experimentando.

Imprescindível observarmos as suas reações, realmente comovedoras para quantos estejam lendo a obra, bem como o trabalho da médium, do dirigente e dos mentores e demais trabalhadores presentes. As repercussões de seus sofrimentos

chegaram ao máximo e, em seu estado mental via-se no próprio local onde pusera fim à vida física; tinha a impressão de ver o seu corpo despedaçado e tentava recolher os pedaços espalhados sobre os trilhos, debruçando-se sobre a mesa mediúnica, que para ele, era como se fosse a via férrea, e chorando mostrava-os ao diretor da reunião, a quem enxergava com facilidade, suplicando-lhe a intervenção de Jesus, já que tão bem o conhecia, para minorar-lhe as dores inconcebíveis.

Comovido diante de tanto sofrimento, o presidente da mesa, inspirado pelos Benfeitores Espirituais, procura consolá-lo e, em seguida, profere uma prece, após ter solicitado a todos que procurassem unir seus pensamentos elevando-os até o Mestre. Todos se unem nessa rogativa, encarnados que compõem a equipe mediúnica, instrutores, médicos, enfermeiros, guardiães, e, segundo narra Camilo, os demais enfermos, envolvidos pela própria elevação do ambiente. Oram também os diretores da Colônia, que a tudo assistem, através de aparelhos especiais (podemos imaginar que sejam semelhantes aos poderosos recursos da TV atual, embora mais sofisticados), associando-se aos demais.

É de suma importância essa narrativa relacionada com a prece e o impressionante resultado colhido, por isso vamos transcrevê-la, para nossa edificação:

(...) a prece ilibada e santa transformou-se em corrente vigorosa de luz resplendente, que dentro de curtos minutos atingiu o Alvo Sagrado e voltou fecundada pelo amplexo de sua divina misericórdia}.

(...) Pouco a pouco, sem que uma única palavra tornasse a ser proferida, e enquanto apenas as forças mentais de desencarnados conjugadas com as de encarnados mourejavam, efetivou-se a Divina Intervenção...

As vibrações mentais dos assistentes encarnados, e particularmente da médium (...) reagiam contra as do comunicante, que, viciadas, enfermas, positivamente descontroladas, investiam violentamente sobre aquelas, como ondas revoltas de imensa torrente que se despejasse abruptamente no seio esmeraldino do oceano, formoso e sobranceiro refletindo os esplendores do firmamento ensolarado. Estabeleceu-se, assim, luta árdua, na realização de sublime operação psíquica (...) A corrente poderosa pouco a pouco apresentou os frutos salutareos que era de esperar, dominando suavemente as vibrações nefastas do suicida depois de passar pelo áureo veículo mediúnico, o qual, materializando-a em afinidades com o paciente, tornava-a assimilável por este, cujo envoltório astral fortemente se ressentia das impressões animalizadas deixadas pelo corpo carnal que se extinguia sob a pedra do sepulcro! Eram como compressas anestésicas (...) Era como sedativo divino que piedosamente gotejasse virtudes hialinas sobre suas chagas anímicas, através do filtro humano representado pelo magnetismo mediúnico, sem o qual o infeliz não assimilaria, de forma alguma, nenhum benefício que se lhe desejasse aplicar!

Gradativamente a médium aquietou-se, porque o enfermo se acalmara. Já não via mais os reflexos mentais do seu ato, desapareceu a visão do próprio corpo despedaçado.

"Grata sensação de alívio perpassava suas fibras perispirituais doloridas pelos amargores longamente suportados..."

Pelo recinto repercutiam ainda as blandícias da prece, enquanto ele chorava, entrevedo possibilidade de melhor situação.

Essa belíssima e comovente descrição acerca da eficácia da prece apresenta uma importante peculiaridade, que destacamos em *negrito* ao transcrever o trecho inicial, e que agora repetimos, pois merece uma análise mais atenta: "(...) a prece ilibada e santa transformou-se em corrente vigorosa de luz resplendente, que dentro de curtos minutos *atingiu o Alvo Sagrado e voltou fecundada pelo amplexo de sua divina misericórdia*}.

Em primeiro lugar observamos que a união de todos os pensamentos e vibrações, de encarnados e desencarnados, numa súplica conjunta em favor do Espírito enfermo, *transformou-se em corrente vigorosa de luz resplendente*. Allan Kardec, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, esclarece que:

A prece em comum tem ação mais poderosa, quando todos os que oram se associam de coração a um mesmo pensamento e

colimam o mesmo objetivo, porquanto é como se muitos clamassem juntos e em uníssono. (Cap. XXVII, item 15.)

Em Leon Denis encontramos belas instruções acerca da eficácia da prece:

Orar pelos Espíritos infelizes, orar com compaixão, com amor, é uma das mais eficazes formas de caridade. Todos podem exercê-la, todos podem facilitar o desprendimento das almas, abreviar o tempo da perturbação por que elas passam depois da morte, atuando por um impulso caloroso do pensamento, por uma lembrança benévola e afetuosa. A prece facilita a desagregação corporal, ajuda o Espírito a libertar-se dos fluidos grosseiros que o ligam à matéria. Sob a influência das ondulações magnéticas projetadas por uma vontade poderosa, o torpor cessa, o Espírito se reconhece e assenhoreia-se de si próprio.¹¹²

Essa corrente de pensamentos, vibrando em uníssono no mesmo diapasão de amor, tornou-se um poderoso impulso vertical que atingiu o *Aluo Sagrado - Jesus*, o incomparável Médico das Almas, que em sua misericórdia, fecundou-a de essências preciosas, e dentro do princípio de ação e reação, a corrente de luz retornou ao plano terreno inundando o sofredor enfermo, como bálsamo divino a minorar-lhe as dores.

Muito importante e, talvez, a única menção que temos, nesses termos, na literatura mediúnica espírita, quanto ao aspecto da resposta do Celeste Amigo

a uma rogativa intercessória, isto é, visando a beneficiar a um Espírito profundamente sofredor. Mas pode ficar no ar uma interrogação: o que seria essa fecundação?

André Luiz, na obra *Missionários da luz*, registra a palavra do Instrutor Alexandre, que em belíssimo texto leciona sobre a questão da "união de qualidades". Após mencionar que entre os astros essa união de qualidades chama-se magnetismo planetário de atração, entre as almas denomina-se amor e entre os elementos químicos é conhecida por afinidade, Alexandre revela a certa altura:

Há fecundações físicas e fecundações psíquicas. As primeiras exigem as disposições da forma, a fim de atenderem a exigências da vida, em caráter provisório, no campo das experiências necessárias. As segundas, porém, prescindem do cárcere de limitações e efetuam-se nos resplandecentes domínios da alma, em processo maravilhoso de eternidade. Quando nos referimos ao amor do Onipotente, quando sentimos sede da Divindade, nossos espíritos não procuram outra coisa senão a troca de qualidades com as esferas sublimes do Universo, sequiosos do Eterno Princípio Fecundante...¹¹³

A palavra sábia e esclarecedora de Emmanuel aprofunda os ensinamentos quanto à eficácia da prece:

Orar é identificar-se com a maior fonte de poder de todo o Universo, absorvendo-lhe as reservas e retratando as leis de renovação permanente que governam os fundamentos da vida.

A prece impulsiona as recônditas energias do coração, libertando-as com as imagens de nosso desejo, por intermédio da força viva e plasticizante do pensamento, imagens essas que, ascendendo às Esferas Superiores, tocam as inteligências visíveis ou invisíveis que nos rodeiam, pelas quais comumente recebemos as respostas do Plano Divino, porquanto o Pai Todo-Bondoso se manifesta igualmente pelos filhos que se fazem bons. (...)

Dispomos na oração do mais alto sistema de intercâmbio entre a Terra e o Céu.

Pelo divino circuito da prece, a criatura pede o amparo do Criador e o Criador responde à criatura pelo princípio inelutável da reflexão espiritual, estendendo-lhe os Braços Eternos, a fim de que ela se erga dos vales da vida fragmentária para os cimos da Vida Vitoriosa.¹¹⁴

Estratégias dos planos inferiores

Todos os que trabalhamos nas atividades mediúnicas, especialmente no campo da desobsessão, sabemos, conhecemos e já sentimos - inúmeras vezes - as influências e assédios de nossos irmãos contrários à ação do bem, que se posicionam contra o Espiritismo e que tentam de todas as maneiras obstaculizar as atividades realizadas pelos espíritos. Não desconhecemos as sutilezas dos processos adotados e o quanto é imprescindível exercer a vigilância constante e a prática permanente da oração. O 'vigiai e orai' recomendado por Jesus deve ser uma atitude sempre presente em nossa vida.

É importante considerar que, de certa forma, somos vulneráveis a esses assédios porque não alcançamos ainda patamares evolutivos mais altos. Só há pouco ingressamos nas fileiras do bem, somos

aprendizes incipientes e necessitamos fortalecer a nossa fé, a nossa vontade e determinação, A Doutrina Espírita veio iluminar a nossa vida e nos conduzir à transformação interior, que deve ser apanágio do verdadeiro espírita.

A seguir transcrevemos um artigo de nossa autoria, que foi publicado em *Reformador*, de abril de 1982, no qual abordamos o tema deste capítulo e que retrata bem a questão dos assédios.

"A serviço do caos

"Não estamos na obra do mundo para aniquilar O que é imperfeito, mas para completar o que se encontra inacabado."

EMMANUEL

[*Vinha de luz*, cap. 32)¹¹⁵

As comunicações de Espíritos obsessores em reuniões mediúnicas são, geralmente, uma fonte de aprendizado e aleitamento para quantos participam destes trabalhos. A todo momento estamos aprendendo no trato com esses irmãos as lições de que necessitamos: o exercício da humildade, o treinamento do perdão, a necessidade da vigilância, a tarefa da renovação moral e a iniciação no Amor verdadeiro.

A cada reunião renovam-se os ensinamentos, repetem-se as lições, porém nunca de maneira idêntica. São sempre diferentes, curiosas e inusitadas.

Pode-se mesmo dizer que em sua grande maioria são surpreendentes.

Por essa razão, Allan Kardec menciona em *O Livro dos Médiuns* que não apenas as comunicações dos Espíritos Superiores trazem ensinamentos, mas que também a dos 'Espíritos vulgares' são muito proveitosas. E acrescenta: 'Essa é, pois, uma mina inexaurível de observações (...)', aconselhando ainda a comentar e apreciar todas as comunicações mediúnicas e a examiná-las com severidade, ou seja, rigorosamente. (Cap. XXIX, itens 344 e 345.)

Mas, para nosso próprio prejuízo, nem sempre observamos as ponderações do Codificador. Nem sempre nos detemos a analisar a palavra dos desencarnados, achando-as, talvez, demasiadamente triviais.

Um bom meio de se fazer esta análise é o processo de avaliação dos trabalhos após o seu término - o que aliás vem sendo feito em muitas Casas Espíritas -, quando são comentadas as comunicações e as doutrinações realizadas, o que nos leva a refletir em torno do sempre interessante material de aprendizado trazido pelos comunicantes.

As comunicações que mais nos alertam são, exatamente, a dos Espíritos que perseguem o Movimento Espírita. Estes perseguidores não são apenas aqueles que pertenceram a outros credos religiosos, mas também os que se dizem céticos, ateus, materialis-

tas. São inúmeros e geralmente desejosos de entrar o progresso. Estes Espíritos são os mais cristalizados em seus pontos de vista e têm uma frieza e um cinismo impressionantes. Quando se comunicam usam a técnica de falar ininterruptamente, de forma muito eloqüente, e deixam extravasar, nas entonações do seu discurso, o desprezo e o escárnio. Não falam alto. São frios, calmos, cômicos do **que julgam** ser superioridade, invariavelmente Inteligentes e Cultos, usam os seus recursos intelectuais para confundir e intimidar o doutrinador.

Espíritos com essas características comunicam-se de vez em quando no grupo do qual participamos. Um deles, especialmente, trouxe-nos alertas de grande valia. Por isso, julgamos oportuno relatar alguns trechos de sua comunicação, para nossos estudos e reflexões.

Ao se ligar a nós, sentimos de pronto a sua expressão de ironia, autoconfiança exacerbada, e a certeza de sua superioridade intelectual sobre o médium, pelo qual estava se comunicando, e os demais participantes. Sem preâmbulos iniciou a sua fala:

- As lutas intestinas que estão ocorrendo no meio espírita estão confirmando a previsão de Allan Kardec quando se referiu aos cismas.

Não há necessidade, atualmente, de ataques exteriores. Os cordéis foram movimentados e não mais é

preciso nem mesmo atuarmos, pois a impulsão inicial venceu a inércia e agora caminham pelo próprio atrito (a palavra atrito muito bem colocada, com sentido duplo que o tom de voz caracterizou perfeitamente).

- Vocês se dizem espíritas, adeptos de uma fé raciocinada, mas continuam fabricando ídolos. Sabem por que vocês, espíritas, fabricam ídolos? Porque, apesar de todo o estudo, ainda não se libertaram do pensamento mágico. Conferem e investem de poderes pessoas, às vezes mais fracas que vocês mesmos. E quando esses falsos ídolos caem vocês se sentem cair com eles e se decepcionam.

- Vocês mesmos vão-se entredevorar. São lobos uns dos outros. Nós só temos que assistir e aplaudir ao desempenho magnífico daqueles que estão em cena.

Enquanto vocês se estão preocupando com o exterior, o Movimento Espírita do país se revolve em cismas. São as entranhas que estão se revolvendo.

(Neste momento captou o pensamento do doutrinador.)

- É isso mesmo que você está pensando. Enquanto as potências mundiais se preocupam em sondar o cosmos se esquecem um pouco das lutas na Terra. Só que neste caso ocorre exatamente o oposto.

As estruturas do que vocês tanto gostam de chamar de Movimento Espírita estão sendo corroídas e vão ruir fragorosamente. Dou-lhes esta informação de presente, pois para uma pessoa vigilante existem n pessoas que não o são, destilando vaidade por todos os poros.

(O doutrinador agradece o aviso.) Ele retrucou-.

- Sou cínico o bastante para ouvir isto.

(Ante a palavra carinhosa e equilibrada do doutrinador, ironiza:)

- Você é de uma ingenuidade que raia à pureza. Você não percebeu que este é o jogo do gato e do rato?

- Você não entendeu. Nós estamos a serviço do caos e não do progresso.

Esta comunicação não foi gravada, por isto mencionamos apenas alguns trechos esparsos, e os mais significativos.

Numa comunicação desse teor observamos vários pontos que merecem a nossa atenção. Entretanto, nós que nos dedicamos a trabalhos de desobsessão, devemos estar alertas para certas estratégias utilizadas pelos obsessores, tais como:

- INCUTIR O DESÂNIMO, O DESALENTO E O DESCRÉDITO. Usam então o processo de exagerar os fatos. Dizem que tudo está podre e que ninguém presta;

- DEMONSTRAR QUE SÃO MAIS FORTES. Fazem ameaças, elogiam as próprias organizações e se dizem em número incalculável;

- EXAGERAR NOSSAS FRAQUEZAS. Descrevem os nossos erros e deficiências e relatam os métodos de que se utilizam para dominar, com intuito de amedrontar;

- JOGAR UNS CONTRA OS OUTROS. Insinuam, maldosamente, que não há união entre os participantes. Afirmam que existem desconfianças e desavenças, para gerar suspeitas, às vezes estendendo as "denúncias" para o âmbito do Movimento Espírita em geral;

- BLEFAR PARA CONFUNDIR. Disfarçam a realidade e, como num jogo, usam o blefe, fingindo ter armas e forças que em verdade não possuem;

- TORCER A VERDADE. Afirmam que está errado justamente o que está certo, com a finalidade de levantar dúvidas.

Os participantes de trabalhos de desobsessão devem atentar para essas artimanhas, esses ardis, geralmente empregados por esses nossos irmãos. Não obstante, é necessário uma dose muito grande de bom senso e perspicácia a fim de apreendermos onde está a verdade e até onde vai o exagero, o subterfúgio. Por outro lado, não se deve, por co-

eles, subestimá-los. E nem, o que é pior, convencemo-nos de uma pretensa superioridade que realmente não temos. Importa lembrar que, basicamente, toda a força, o amparo e as defesas espirituais provêm do Mais Alto. De nossa parte, muito pouco dispomos e sem o acréscimo da proteção e orientação dos Benfeitores Espirituais não teríamos a menor condição de mantermos o intercâmbio mediúnico com essas entidades malfazejas.

É preciso ter em mente que estamos ainda demasiadamente vulneráveis a essas influências em razão de nossa inferioridade espiritual e do nosso passado sombrio. Temos dívidas e compromissos. Ontem optamos pelo mal - a larga estrada dos vícios -, hoje tentamos a duras penas a travessia pela porta estreita. Com tudo isso, todavia, não estamos indefesos. Muito temos recebido do Alto, principalmente através dos conhecimentos com que o Espiritismo enriquece a nossa vida, propiciando-nos defesas essenciais se nos mantivermos sintonizados com o Bem e... vigilantes.

No caso em foco, o comunicante, para dar maior peso à sua argumentação, foi logo citando Allan Kardec e que ele previra os cismas. Deu a entender que se estes existem nada se pode fazer quanto a isto. Que é inevitável, irreversível.

Para que ficasse comprovada a força de sua falange e a fragilidade dos espíritas declara que 'não há necessidade de ataques exteriores', colocando-nos na condição de marionetes conduzidos por eles. A imagem dos marionetes é, inclusive, muito usada por eles, numa tentativa de coagir, atemorizar e desanimar.

Na colocação da palavra *atrído* demonstra toda a sutileza com que revestem as suas investidas. 'Caminham pelo próprio atrído', isto é, avançam através dos atrídos, das dissensões, mas no trajeto inverso ao do progresso que é o que lhes interessa, como se conclui pelas suas últimas palavras.

No tópico seguinte enuncia uma grande verdade. Zomba dos espíritas porque estes continuam 'fabricando ídolos'. Deixa claro que o ranço de outros credos religiosos se infiltra e se mescla nas atitudes dos espíritas. A generalização que ele faz, felizmente, não corresponde à realidade. Contudo, sabemos que uma boa parte dos espiritistas ainda sente o apelo dos cultos exteriores. Não encontrando resposta concreta para esses anseios mais íntimos, transferem para pessoas, especialmente, os médiuns, os dons que atribuíam às imagens. Nestas palavras pronunciadas com evidente menosprezo, encontramos uma advertência de alta significação, convidando-nos a uma reflexão mais demorada a fim de sopesarmos bem as nossas atitudes dentro de nossas Casas

Espíritas. Aos obsessores encarnados e desencarnados interessa, obviamente, a deturpação dos postulados básicos da Doutrina Espírita.

Mas foi exatamente nas duas frases em que se refere aos trabalhos dos espíritas brasileiros no exterior que o comunicante mostrou toda a sua sagacidade. Estas frases visam, especificamente, levantar dúvidas quanto à validade do trabalho. Deixaram no ar a suspeita, a desconfiança e acirrando, talvez, uma divisão de opiniões. Cabe-nos, todavia, refletir se tais declarações não teriam exatamente a intenção de perturbar um trabalho que está começando a dar bons frutos e que, por isso mesmo, é um entrave aos propósitos daqueles que estão *a serviço* do caos. Neste particular, cremos nós, houve um blefe muito bem planejado e a distorção da verdade. Inclusive porque, admitir que a ida de alguns confrades ao exterior, para a difusão doutrinária, deixaria desguarnecido e indefeso todo o Movimento Espírita seria, na realidade, atribuir a esses irmãos poderes extraordinários - que eles, a bem da verdade, nunca se avocaram -, pois o que o comunicante quis insinuar é que, com a ausência desses companheiros (que são, diga-se de passagem, abnegados obreiros em nossa seara), as dissensões se agravam em nosso meio.

Nos tópicos finais abre definitivamente o jogo, expõe-se e evidencia claramente as suas intenções, numa tentativa de atemorizar.

Quantas lições extraímos dessas comunicações! São brados de alerta, convidando-nos a refletir quanto à nossa participação no Movimento Espírita. Para nossa própria tristeza, porém, poucas vezes estamos vigilantes. Quase sempre cultivamos a vaidade julgando-nos melhores e acima de nosso próximo mais próximo. E por decorrência desta o personalismo, o apego aos cargos, o desejo de impor a nossa opinião. É então que, encontrando em nosso mundo interior o cultivo de tais deficiências, os Espíritos inferiores sintonizando-se conosco, por estarmos na mesma faixa, passam a insuflar-nos pensamentos conturbados, confundindo o nosso raciocínio e induzindo-nos a atitudes negativas que têm como escopo a discórdia e a perturbação.

Allan Kardec, o insigne Codificador, todavia, não apenas previu mas também alertou-nos, no capítulo referente à "Constituição do Espiritismo" de *Obras Póstumas*,¹¹⁶ em relação aos cismas.

Sabia ele, entretanto, que pretender que o Movimento Espírita fosse uniforme e que tivesse em toda a parte a mesma forma de proceder era uma utopia absurda. Por isso conclui:

Os espíritas do mundo todo terão princípios comuns, que os ligarão à grande família pelo sagrado laço da fraternidade, mas cujas aplicações variarão segundo as regiões, sem que, por isso, a unidade fundamental se rompa; sem que

se formem seitas dissidentes a atirar pedras e lançar anátemas umas às outras, o que seria absolutamente antiespírita.

Compete-nos examinar nossas atitudes e verificar se não estaremos, vez por outra, *a serviço do caos*. Por esta razão as palavras de Emmanuel, que colocamos em epígrafe, revestem-se de fundamental importância: 'Não estamos na obra do mundo para aniquilar o que é imperfeito, mas para completar o que se encontra inacabado', e acrescentaríamos nós: o que nos pareça imperfeito.

Um desfecho feliz

Não poderíamos encerrar estas anotações sem narrar o seu surpreendente desfecho.

O Espírito que transmitiu a comunicação enfocada, voltou por mais três vezes, havendo entre as manifestações o espaço de semanas, sendo a primeira no dia 25 de novembro de 1981.

Às vésperas da vinda da comitiva da FEB (dia 10 de março de 1982) à nossa cidade (Juiz de Fora - MG), em nossas habituais reuniões de desobsessão ele voltou e aproveitou para fazer toda a sorte de ameaças quanto aos trabalhos que estavam sendo programados. Importante esclarecer que por ocasião da primeira mensagem, no ano passado,¹¹⁷ por essa época nem se cogitava da vinda dos companheiros

da Federação Espírita Brasileira. Esta idéia surgiu cerca de um mês e tanto depois, não havendo por parte do médium a menor hipótese de sugestão ou vinculação com o convite¹¹⁸ e a visita. Mas o Espírito, por estar ele próprio ligado a trabalhos contra as hostes espíritas em geral, ardilosamente se aproveitou do fato, já que o programa e a conseqüente arregimentação dos espíritas locais o irritaram profundamente.

Mas, apesar de todas as ameaças, a programação foi cumprida com muito êxito e em ambiente de muita alegria e legítima fraternidade, tendo os irmãos da FEB permanecido em Juiz de Fora do dia 12 de março, sexta-feira, ao dia 14, domingo.

Ao conversarmos com os confrades Francisco Thiesen, Juvanir Borges de Souza e Affonso Soares, estando presentes outros companheiros, integrantes conosco do mesmo grupo mediúnico, tivemos o ensejo de relatar a série de comunicações que estávamos recebendo, ocasião em que o Presidente da FEB, Thiesen, sugeriu-nos que as relatássemos em *Reformador*.

Atendendo ao pedido, começamos a escrever no dia 15, segunda-feira. Toda esta seqüência de datas é muito interessante ao nosso estudo e demonstra o trabalho executado pelo Plano Maior.

Como é nosso hábito, antes de escrever fizemos a leitura de algumas mensagens, para prepararmo-nos

e ao ambiente, e, em seguida, uma prece. Minutos depois sentimos a presença daquele que era o centro de nossos pensamentos. E o notamos transtornado, confuso. Já não era o mesmo. Vibramos com amor em seu benefício e iniciamos o trabalho. Ele se afastou e não mais registramos a sua presença.

Dois dias após, quarta-feira, 17 de março, em nossa reunião mediúnica no Centro Espírita Ivon Costa, depois de várias outras comunicações dos diferentes médiuns, ele se aproximou de nós. Como das vezes anteriores começou a falar diretamente no assunto, dizendo que não entendia os espíritos. Falou do afanoso trabalho que tiveram - ele e sua equipe - para nos criar toda a sorte de obstáculos e, a rigor, nada poderia ter dado certo, nem haver o menor sucesso em nossas atividades. Mas, para sua perplexidade, as tramas foram desfeitas ou contornadas uma a uma.

(Estava dramático, angustiado por sentir-se impotente, vacilante e enfraquecido.)

Mentalizava continuamente as reuniões realizadas nas quais se sentira diminuído ante a presença dos Benfeitores Espirituais e das defesas por estes colocadas. Repetia que, mesmo vendo e sentindo aquela força, diante da qual a dele se anulava, não a podia compreender.

Extravasando uma angústia indescritível narrou aos poucos a sua trajetória e a de seus comparsas.

Confessou que sempre foram contra o Cordeiro. Que eram seguidores de Moloc, Baal ou que nomes quiséssemos dar aos deuses da guerra e da destruição. Que nunca aceitaram o Deus único. No passado remoto eram politeístas e no próximo, ateus. Sempre lutaram contra o Cordeiro. (Repisava isto). Dizia patético:

- Que forças eram aquelas que impediram nossas forças de atuarem?

- Que bandeira é aquela que foi recentemente plantada em nossas trincheiras?

- Vocês, espíritas, muitos de vocês pertenceram às nossas hostes antes de se bandearem para o Cordeiro. Vocês nos traíram e por que agora temos de nos curvar ante vocês?

(Nos intervalos de suas longas explicações e desabafos o doutrinador, profundamente inspirado, encaminhava as respostas para a vida de Jesus, os seus exemplos, exaltando a força do seu imenso amor que nos sustenta e ampara).

Sentindo-se exaurido, clamou pelas forças que o sustentavam e que lhe foram tiradas; por suas vestes que se apresentavam inexplicavelmente em farrapos, tanto quanto ele mesmo se sentia. Finalmente, ficou transtornado quando começou a vislumbrar um quadro fluídico no qual via Jesus - uma reprodução da Estrada de Damasco -, senüdo-se então na condição em que estivera Paulo de Tarso. Ficou apavorado, sentindo que ia perder a visão e

porque intimamente se reconhecia culpado, portanto merecedor de uma prova que o fizesse dali em diante voltar-se para dentro de si mesmo a fim de começar o longo e laborioso processo de reconstrução interior. Por fim, sem forças, chorando, se rendeu ao imperativo do Amor.

Quanto a nós, sentindo a grandeza de um momento desses em que mais sobressai a nossa pequenez, só nos resta meditar a respeito e agradecer, humildemente, a Jesus a bênção do recomeço e do trabalho na seara espírita."

Os Benfeitores espirituais

Leciona Allan Kardec:

As reuniões compostas exclusivamente de verdadeiros e sinceros espíritas, daqueles nos quais fala o coração, também apresentam um aspecto muito especial; todas as fisionomias refletem franqueza e cordialidade; nós nos sentimos à vontade nesses ambientes simpáticos, verdadeiros templos da fraternidade. Tanto quanto os homens, os Espíritos aí se comprazem, mostram-se mais expansivos e transmitem suas instruções íntimas. Naquelas, ao contrário, em que há divergência de sentimentos, onde as intenções não são inteiramente puras, em que se nota o sorriso sardónico e desdenhoso em certos lábios, onde se sente o sopro da malquerença e do orgulho, em que se teme a cada instante pisar o pé da vaidade ferida, há sempre mal-estar, constrangimento e desconfiança. Em tais ambientes os próprios Espíritos são mais reservados e os médiuns muitas vezes paralisados pela influência dos maus fluidos, que pesam sobre eles como um manto de gelo. Tivemos a ventura de assistir a numerosas reuniões da primeira categoria e as registramos com alegria em nossos apontamentos, como uma das mais agradáveis lembranças que guardamos de nossa viagem.

Reuniões dessa natureza por certo se multiplicarão, à medida que o verdadeiro objetivo do **Espiritismo** for mais bem compreendido; são também as reuniões que facultam a mais sólida e mais frutuosa propaganda, porque se dirigem a pessoas sérias, que preparam a reforma moral da Humanidade pregando pelo exemplo.¹¹⁹

Uma das mais belas revelações que o Espiritismo proporciona, àquele que começa a ter conhecimento de suas diretrizes, é a da presença dos benfeitores espirituais e sua atuação nas experiências humanas.

Sabemos o quanto isso é importante na vida terrena, seja no âmbito pessoal seja nas lides doutrinárias. Mas, como é lógico, à medida que a pessoa se enfronha no conhecimento e nas atividades espíritas, realizando em seu mundo íntimo o laborioso processo de transformação moral, a aproximação desses bons Espíritos se torna mais evidente pela maior facilidade de sintonia por parte do encarnado.

Nesse já longo período de nossas modestas atividades, temos tido a alegria de sentir-lhes as presenças confortadoras, amorosas e pacientes. Sim, são pacientes conosco, sabem que ainda não fazemos tudo o que devíamos fazer e que, não raro, fazemos o que não deveríamos fazer. Lenta tem sido a caminhada de retorno ao aprisco do Senhor. Importa é não estacionar, caminhar sempre -, um dia chegaremos: como filhos pródigos na longa viagem de volta à Casa Paterna.

Entretanto, nas múltiplas atividades do Centro Espírita mais fácil se torna registrar-lhes a atuação sempre benéfica e valiosa.

Quem, como trabalhador espírita, ainda não sentiu ou percebeu a constante e zelosa proteção desses Mentores dedicados? Quantos fomos protegidos por eles, em momentos dramáticos de nossas vidas? Quantas lágrimas enxugaram, quando em nossos sofrimentos, a certa altura, começamos a refletir melhor e uma "voz" amorosa nos transmite esperança? Que de energias balsâmicas recebemos desses Protetores? Renovam nossas forças, infundem-nos novo ânimo, plenificam nossa vida de bênçãos, instruem-nos e nos conhecem profundamente. Têm conhecimento de nossas fraquezas e, ainda assim, nos amam. E nós, como correspondemos?...

Aqui e ali, nas diversas áreas de labor espírita, recebemos desses amigos do Alto a inspiração nos instantes precisos, ajudando a dirimir dúvidas, a contornar dificuldades, a restabelecer o convívio harmonioso quando as dissensões se apresentem, como também inspiram novas tarefas, enfim, orientando sempre, como uma "voz" esclarecedora, conciliadora, que se expressa em nós no mais recôndito da nossa consciência. Feliz daquele que ouve essa voz...

No comentário à questão 569, de *O Livro dos Espíritos*, Kardec ensina quanto à missão dos bons Espíritos:

As missões dos Espíritos têm sempre por objeto o bem. Quer como Espíritos, quer como homens, são incumbidos de auxiliar o progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de idéias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais e de velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como sejam assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, dirigi-los, dando-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos.

Apraz-nos transcrever, a seguir, trecho da mensagem de Joanna de Angelis, ela própria um dos Numes Tutelares da Humanidade, inserta no livro *Sob a proteção de Deus*,¹²⁰ psicografada por Divaldo Franco, após a sua conferência, realizada em Praga, capital da República Checa, no dia 6 de junho de 1994.

Os amigos espirituais

Ninguém, que se encontre no mundo, em processo de crescimento, avança em paz sem o concurso deles.

Semelhantes a estrelas luminescentes no velário da noite esbatendo as trevas, eles constituem a claridade interior nas criaturas humanas, apontando os rumos de segurança.

Falam suavemente à consciência, quando surgem os graves momentos de decisão ou após os acontecimentos afugentes.

Inspiram com bondade os pensamentos elevados e as atitudes corretas.

Assistem carinhosamente a todos os tipos de sucessos, e consolam nos momentos de tristeza.

Estimulam, com as energias que irradiam, aqueles que se sentem enfraquecidos na luta.

A sua presença psíquica altera para melhor as paisagens morais perturbadoras, acalmando as ansiedades de coração turbilhonado.

Nunca censuram, por serem excelentes educadores, auxiliando o caído a levantar-se, seja qual for o motivo do seu fracasso.

Jamais elogiam, incensando a vaidade ou estimulando à presunção. Suas palavras são de orientação e convite à responsabilidade. (...)

Seguindo as pegadas de Jesus, e buscando imitá-lo, são bondosos sem exagero, carinhosos sem pieguismo, amigos sem preferências descabidas.

Não evitam que os seus pupilos chorem ou sofram, no natural processo de evolução, porque sabem da utilidade da dor, na sua tarefa de mestres.

Eles amam sempre, sendo assíduos e perseverantes. (...)

Nunca te desligues mentalmente dos teus amigos espirituais. Mesmo que os ignores ou não os queiras, em momentos especiais de loucura, eles permanecerão ao teu lado. Se, porém, sintonizares com o pensamento deles, captarás, com mais segurança e clareza, as suas idéias, convivendo, agradavelmente, com a inspiração decorrente.

Eles jamais interferirão no teu livre-arbítrio, esse direito de liberdade de opção que Deus te concedeu.

Deixar-te-ão agir conforme preferas, embora te apresentem o melhor, porquanto a responsabilidade é sempre tua e as conseqüências te pertencerão.

Ama aos teus amigos espirituais, mantendo com eles um intercâmbio consciente e constante. Eles nunca te decepcionarão.

Vinculado e acostumado com eles, descobrirás que, por sua vez, estão ligados a Jesus, a quem servem, e que lhes é o Amigo Excelente, também teu Guia e Modelo Ideal.

Os Bons Espíritos, na verdade, muito esperam de nós. Têm expectativa positiva quanto à nossa conduta. É essencial não decepcioná-los. Eles nos acompanham, estão ao nosso lado e anseiam pelo nosso êxito.

Que saibamos retribuir, pelos menos em parte, tudo quanto temos recebido dessa abnegada atuação junto a cada um de nós.

Oportuno encerrarmos com as palavras de Emmanuel, em mensagem que tem o título de "Espíritos Benfeitores", no livro *No portal da luz*:

Os Enviados da Providência concedem-te as bênçãos da Providência, no entanto, esperam que saibas distribuí-las. Eles querem abençoar com os teus sentimentos e operar com as tuas mãos. Acolhem-te no regaço, à feição de pais amorosos que almejam retratar-se nos filhos. Anseiam de tal modo pela edificação do Reino de Deus no mundo, que se esforçam para que estejas neles, tanto quanto estão eles em ti.

A vista disso, não te digas inútil.

Melhora-te e serve.

Felicidade é troca.

Amor é fusão.

Os Mensageiros Divinos aspiram a permutar as forças deles
com as tuas, na recíproca transfusão de ideais e esperanças,
a fim de que os Céus desçam à Terra e a Terra se eleve aos
Céus.¹²¹

Considerações finais

Não é nosso propósito, nessas páginas finais, apontar os aspectos negativos que possam existir - e existem - em nossas Casas Espíritas. Não somos perfeitos e, portanto, nossa conduta ainda traz os resquícios de nossas fraquezas. Importa, todavia, trabalhar em nosso mundo íntimo para superá-las.

Queremos, acima de tudo, evidenciar a importância do Centro Espírita, enquanto local de labor doutrinário e oásis de refazimento moral e espiritual.

Um Centro Espírita bem orientado, que segue no rumo da luz, proporciona aos seus trabalhadores e freqüentadores um verdadeiro recanto de paz e renovação íntima. A sua ambiência espiritual é percebida por todos, que ali encontram a harmonia vibratória que induz à calma e à paz.

O mundo lá fora apresenta-se conturbado, a violência grassa em várias níveis, a luta pela vida é árdua e, não raro, muito sofrida, mas portas aden-

tro do Centro Espírita, nítida diferença existe. Aqui a paz, as vibrações de fraternidade e amor, o trabalho no campo do Bem, as sementes de vida eterna que o Espiritismo lança nas almas, o reaquecimento da fé, a renovação da esperança, enfim, a certeza, de que Jesus não nos deixou órfãos e nos dá a sua paz. Lá fora, o mundo. "No mundo só tereis aflições", adverte Jesus.

Quanto há por fazer! Arar e semear, zelar e produzir os frutos da fé raciocinada. As leiras dos corações aguardam as sementes de vida eterna.

Somos os pomicultores da Era Nova, na sábia palavra de Joanna de Angelis.

Será que conseguimos imaginar as expectativas daqueles que batem às portas de um Centro Espírita? Que esperam? E quanto a nós, quem nos abriu a porta? Como chegamos?

"Eu sou a porta" - disse Jesus.

Tenho, contudo, a certeza de que cada vez mais nos qualificaremos (pois esta é uma preocupação das próprias federativas estaduais e da FEB) no atendimento aos que buscam a Doutrina Espírita. Temos a aspiração superior de corresponder ao chamado do Mestre, que repercute na acústica de nossas almas.

Desafios para o Centro Espírita no Terceiro Milênio

Nessa reflexão final, não podemos deixar de assinalar a experiência do Projeto Manoel Philomeno de Miranda, conforme registra o excelente livro *Qualidade na prática mediúnica*, 3ª parte, pág. 130,¹²² cujos comentários sintetizamos a seguir.

O trecho sob nosso enfoque, menciona que a Benfeitora espiritual Joanna de Ângelis, apresentou, através de Divaldo Franco, uma nova proposta para o Centro Espírita, baseada na trilogia: *Espiritizar, Qualificar e Humanizar*.

Esses conceitos foram apresentados, pela primeira vez, por Divaldo Franco, em memorável palestra pública. Divaldo recordou inicialmente o lema kardequiano: *Trabalho, Solidariedade e Tolerância*, ressaltando que o Codificador o adaptara a partir da tríade de Pestalozzi, emérito educador, que afirmara ser o êxito da educação consequência de três elementos básicos: *Trabalho, Solidariedade e Perseverança*. Aplicando essa trilogia ao Espiritismo, Kardec prefere adaptá-la para Tolerância.

Segundo o Projeto, Kardec pensou o Centro Espírita "como uma célula viva e pulsante, lugar de trabalho (para todos), de solidariedade (entre todos) e de tolerância (para com todos)".

ESPIRITIZAR, na proposta de Joanna de Ângelis, tem o sentido de resgate daquele que frequenta, ou seja, possibilitar a que o Espiritismo seja introjetado em seu mundo íntimo e, gradualmente, passe a ser projetado na vivência da pessoa.

O processo de espiritização ocorre quando a pessoa começa a amar a Doutrina Espírita e, concomitantemente, sente o anseio de preservá-la, de manter a fidelidade doutrinária. Assim, espiritizar é viver a Doutrina Espírita, tendo-a como diretriz e referencial de vida.

QUALIFICAR é aprimorar. O espírita consciente sabe que é imprescindível aprofundar-se no conhecimento do Espiritismo. A partir daí, empreende a própria transformação moral, que deve ser apanágio do verdadeiro espírita. Qualificar, na visão da Doutrina, é melhorar-se, aprimorando-se a cada dia.

HUMANIZAR expressa a necessidade de se desenvolver o sentimento de humanidade, de solidariedade. Traz implícita a noção da caridade, no seu sentido mais abrangente. Caridade como amor em ação dinâmica, transformadora.

Recomendamos aos estimados leitores o livro acima citado, bem como o livro *Jesus e Kardec: Modelos para os trabalhadores do Movimento Espírita*,¹²³ de autoria de Alírio Cerqueira Filho, que aborda "ações para qualificar, humanizar e espiritizar".

A trilogia proposta por Joanna de Ângelis é o referencial para que o Centro Espírita realize, no Terceiro Milênio, através de seus obreiros, a importante missão que lhe é atribuída.

Cada um de nós, tarefeiros da seara espírita, deseja e procura acertar. Se nos equivocarmos aqui e ali, reconheçamos isso, corrigindo, aprimorando sempre.

Onde quer que esteja, o espírita sincero, deve ser o "fermento espiritual"¹¹²⁴ a levedar a massa.

Humberto de Campos, no livro *Boa Nova*,¹²⁵ através de Chico Xavier, descreve a manifestação do Mestre aos quinhentos da Galileia, numa tarde esplendorosa, como se estivesse vestida de festa para recebê-lo. Havia uma expectativa no ar, um pressentimento geral de que Ele viria.

E Ele veio.

Seu vulto irradiava intensa luz e as mais profundas e sublimes emoções se estamparam nos rostos dos fiéis seguidores do Cristo. Narra o autor espiritual que

A palavra articulada não tomou parte naquele banquete de luz imaterial; todos, porém, lhe perceberam a amorosa despedida e, no mais íntimo da alma, lhe ouviram a exortação magnânima e profunda:

- Amados - a cada um se afigurou escutar na câmara secreta do coração eis que retomo a vida em meu Pai para

regressar à luz do meu Reino!... Enviei meus discípulos como ovelhas ao meio de lobos e vos recomendo que lhes sigais os passos no escabroso caminho. Depois deles, é a vós que confio a tarefa sublime de redenção pelas verdades do Evangelho. Eles são os semeadores, *vós sereis o fermento divino*. Instituo-vos os primeiros trabalhadores, os herdeiros iniciais dos bens divinos.

Muitos daqueles que Jesus convocou sofreram o martírio nos circos, testemunhando assim a força da fé que os sustentava. O próprio Mestre os recebeu e reconfortou no retorno vitorioso aos planos espirituais. Dois milênios transcorreram. Os quinhentos multiplicaram-se, mas ainda são poucos diante da imensidade das carências humanas. A nossa tarefa, enquanto espíritas, é, pois, impostergável.

A exemplo dos quinhentos da Galileia, aos quais Jesus instituiu como os primeiros trabalhadores e que deveriam agir como o fermento divino, cabe-nos a tarefa de prosseguir no mesmo propósito.

Joanna de Ângelis, no livro *Após a tempestade*,¹²⁶ através de Divaldo Franco, afirma:

Cristo nos convoca, outra vez, ao despertamento e ao trabalho de soerguimento pessoal, que em última análise é o de soerguimento da Terra mesma.

Somos as células do organismo universal por enquanto enfermo, em processo liberativo, sob a terapêutica do Evangelho Restaurado.

Não é a primeira vez que nos chega a voz do "Cordeiro de Deus", concitando-nos à redenção, ao avanço, à sublimação...

Não é essa a nossa hora? O nosso momento? O "agora, enquanto é hoje"?

O hoje é véspera de bênçãos se soubermos preparar o amanhã que não tarda. Lançando um olhar ao futuro, anelo que o Espiritismo, como Terceira Revelação de Deus à Humanidade, cumpra o seu desiderato. "O Espiritismo será o que o fizerem os homens", adverte Leon Denis.¹²⁷ Antevejo esse radioso dia, quando todos estivermos unidos, solidários, quando o amor sobrepujar nossas falhas e nos transformar definitivamente.

Ao encerrarmos, meditemos nas palavras de Kardec, quando conclama a todos os espíritas:

Essa a estrada pela qual temos procurado com esforço fazer que o Espiritismo enverede. A bandeira que desfraldamos bem alto é a do *Espiritismo cristão e humanitário*, em torno da qual já temos a ventura de ver, em todas as partes do globo, congregados tantos homens. Por compreenderem que aí está a âncora de salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma era nova para a Humanidade. Convidamos, pois, todas as sociedades espíritas a colaborar nessa grande obra. Que de um extremo ao outro do mundo elas se estendam fraternalmente as mãos e eis que terão colhido o mal em inextricáveis malhas.¹²⁸

DIMENSÕES ESPIRITUAIS DO CENTRO ESPÍRITA

A autora reúne nesta obra sua ampla experiência de trabalhadora da seara espírita e de pesquisadora e expositora de reconhecidos méritos.

Demonstra, com base em extensa e rica bibliografia, que o Centro Espírita não é apenas uma construção física, adequada às necessidades de natureza educativa, mas é, sobretudo, “uma edificação espiritual, cujas bases devem estar fincadas na *rocha* da Espiritualidade, de onde nascem as legítimas realizações para o engrandecimento moral das criaturas humanas”.

Ao abordar, dentre outros temas de relevância, os alicerces e a direção espiritual, os recursos magnéticos de defesa do ambiente, as reuniões pública e mediúnica, a doutrinação, o desdobramento em serviço mediúnico, evidencia a importância do Centro Espírita, na sua condição de casa de prece, lar, hospital, oficina e escola.

Esta é uma obra de grande utilidade para dirigentes e trabalhadores espíritas, que terão enriquecida a sua experiência; para os espíritas em geral, cujo contato com a Casa Espírita restringe-se à assistência às reuniões públicas de cunho doutrinário; e para os não espíritas interessados em conhecer a verdadeira natureza dos trabalhos levados a efeito na Casa Espírita.

